REVISTA DA SEMANA

Nº 48 ★ 26-11-49

Cr$ 3,00 em todo o Brasil





NO TEXTO:

A GRANDE AVENTURA DO "ITALIA-TRIESTE"

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





JOAQUIM MENDES

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

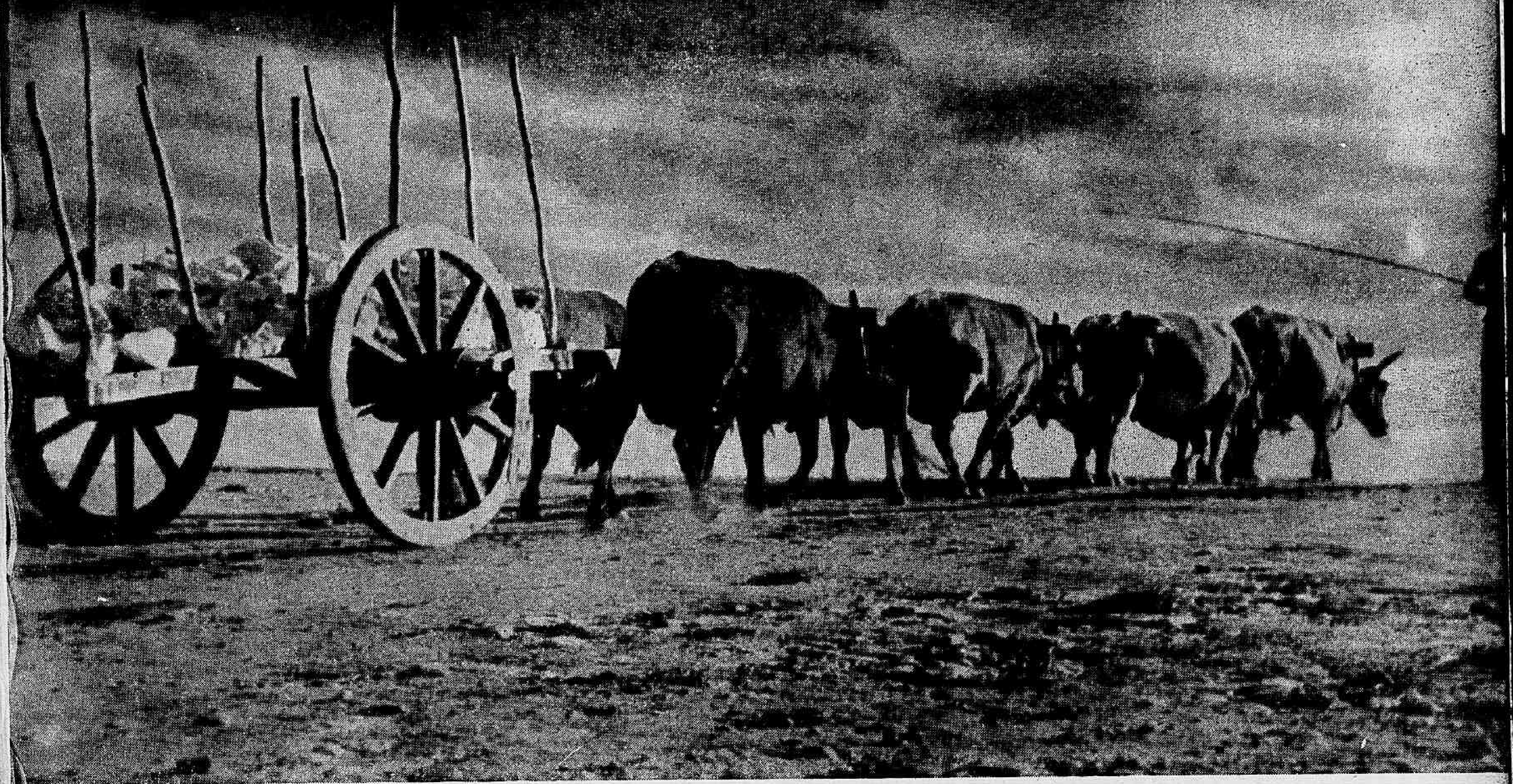
Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL CR$ 60.000.000,00

FILIAL: AV. PRESIDENTE VARGAS, 509

Agências no Rio: Bandeira, Catete, Castelo, Madureira e Ramos



AMARGAS SÃO AS DISTÂNCIAS

— Coisa amarga é a distância! — pensa Rosa, e enquanto pensa vai varrendo o pátio do rancho onde a ramada espicha uma sombra longa. — Amarga, como o que há de mais amargo! — A vassoura vai deixando na areia grossa rastos tortos como se estivesse bêbada; é que Rosa está pensando e se esquece das mãos, em outros dias tão diligentes. Ela está recordando coisas. Pensando no marido que anda em viagem. Carreteiro como é, não pára nunca. Vive sempre ao lado das rodas incansáveis da carreta. E os bois vermelhos parecem, tal qual a carreta e Ramiro, desconhecer o que seja cansaço.

A chininha de vestido floreado se perde em cismas. Depois, como se voltasse de uma longa caminhada, solta um suspiro e lembra-se das mãos. E continua varrendo. Ajeita com a ponta da vassoura o monte de fôlhas sêcas que o outono derrubou por ali, depois dá as costas para a tarde quieta e entra na cozinha. Ao encontrar o vazio que mora no rancho (há tanto tempo!) sente-o maior, mais angustioso, mais desesperante, muito mais difícil de suportar do que nos outros dias. Talvez lhe pareça assim porque sabe que Ramiro está voltando para casa.

E como tudo se faz longo nessa tarde comprida de espera!

Ramiro vem aí! Vem, para sair depois em novas viagens, mas isso não importa, contanto que êle venha mesmo, contanto que chegue, hoje, agora, neste momento, para matar de vez esta angústia demorada!

Ramiro vem aí, de volta para o rancho. Seu Pedro contou. Encontrou com êle numa dessas muitas vendas que salpicam as beiras do corredor. (Êsse mesmo corredor que passa na beira do rancho, na beira de todos os ranchos, longo como as esperas, longo como as distâncias, tão longo quanto as dores que tomam conta do peito de Rosa e se fazem desmedidas nas noites de solidão.)

— Êle vem de volta! Seu Pedro disse... Talvez... Talvez êle chegue esta noite! — pensa Rosa, num repente, e uma onda de esperança levanta-se dentro dela, por entre a escuridão de tôdas as incertezas.

Rosa corre para o quarto e, rápida, como se Ramiro houvesse apontado na estrada com o vulto da carreta e o traço esguio da picana, começa a enfeitar-se. Uma fita. Um pó. Tranças lustrosas. Um outro vestido em troca do que está no corpo, já velho e desbotado de tanto lavar. Um que Ramiro ainda não conhece. Para alegrar seus olhos empoeirados pelas viagens compridas no corredor sêco e poeirento.

★

Rosa espera e tem pena de Ramiro, porque a comida vai estar ruim quando êle chegar. Já é tarde! Enfim... Deus sabe o que faz! E passando as mãos nos olhos sonolentos Rosa se ergue do banco, tranças desfeitas, vestido amarrotado, e vai para a cama, com passos arrastados, com medo, quase sem coragem para outra noite de solidão. Como são longas essas noites! Que tristeza há na luz amortecida do lampeão! E que dolorosa a mágoa que parece haver na cantiga de todos os bichos que cantam para encher a noite. (Quanto mais êles cantam, mais profundos parecem o escuro e o silêncio. E' como se a gente olhasse para dentro de um poço.)

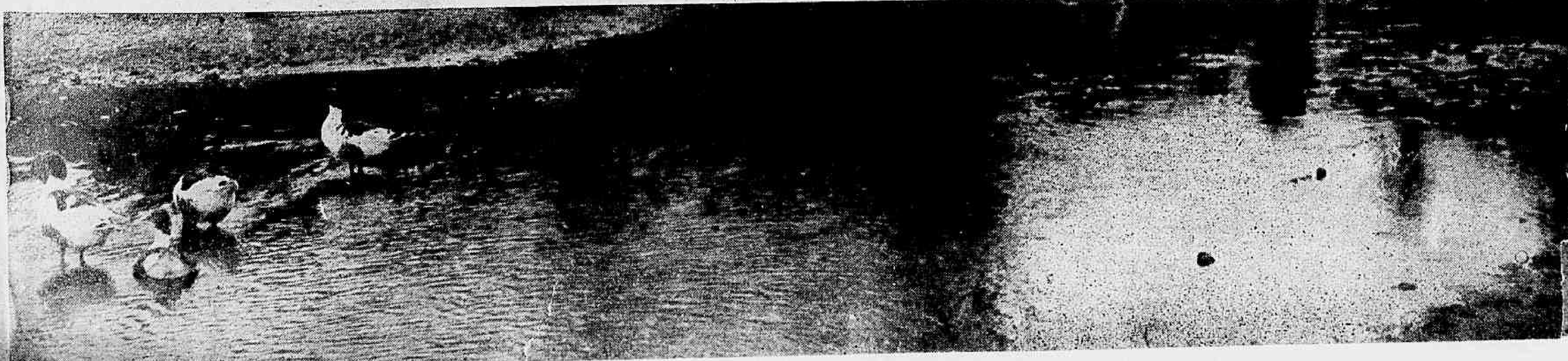
Rosa se esqueceu das fitas e dormiu com o vestido novo. E sonhou com Ramiro. Que êle vinha, corredor a fora, cantando, e de vez em vez gritando com os bois. E que trazia na mão uma picana tão comprida que a todo momento ameaçava furar o céu.

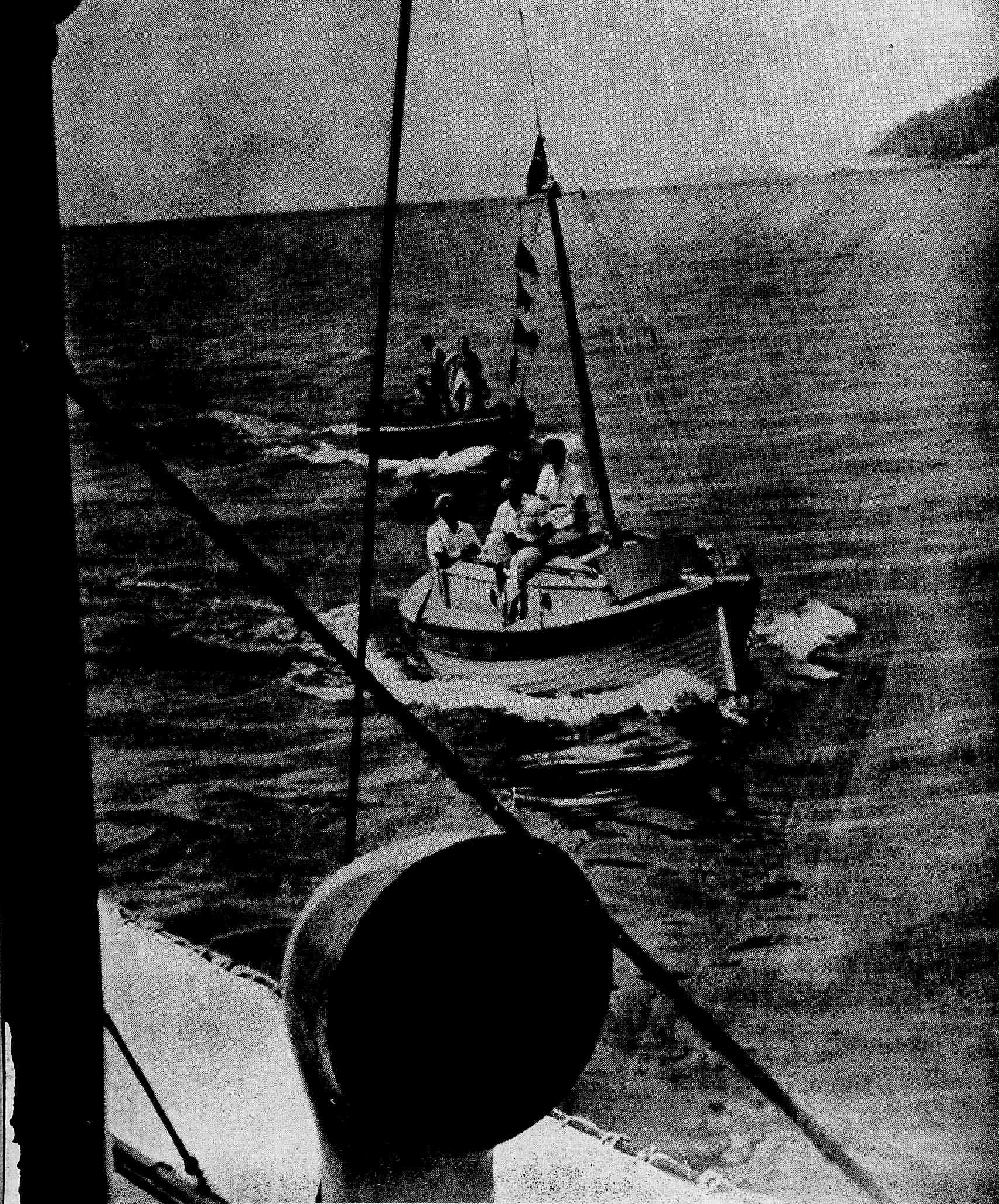
Mas as distâncias são amargas.

★

Há, longe, caído à beira de águas dormentes de um passo qualquer, um homem morto que se chama Ramiro.

TEREZA DE ALMEIDA





RA DA GUANABARA — Após
es de viagem, o barco "Italia-
nega ao Rio de Janeiro, alcan-
primeira meta da missão que
ntes se propuseram realizar

A GRANDE AVENTURA DO "ITALIA-TRIESTE"

HÁ 11 MESES NO MAR ★ FESTIVA RECEPÇÃO ★ FINALIDADE DA VIAGEM ★ MAU TEMPO E MAR GROSSO ★ O AUXÍLIO DOS RÁDIO-AMADORES BRASILEIROS ★ "TRIESTE DEVE SER ITALIANA"

Reportagem de SABINO CANALINI ★ Fotos do autor e de A. VIEIRA JUNIOR



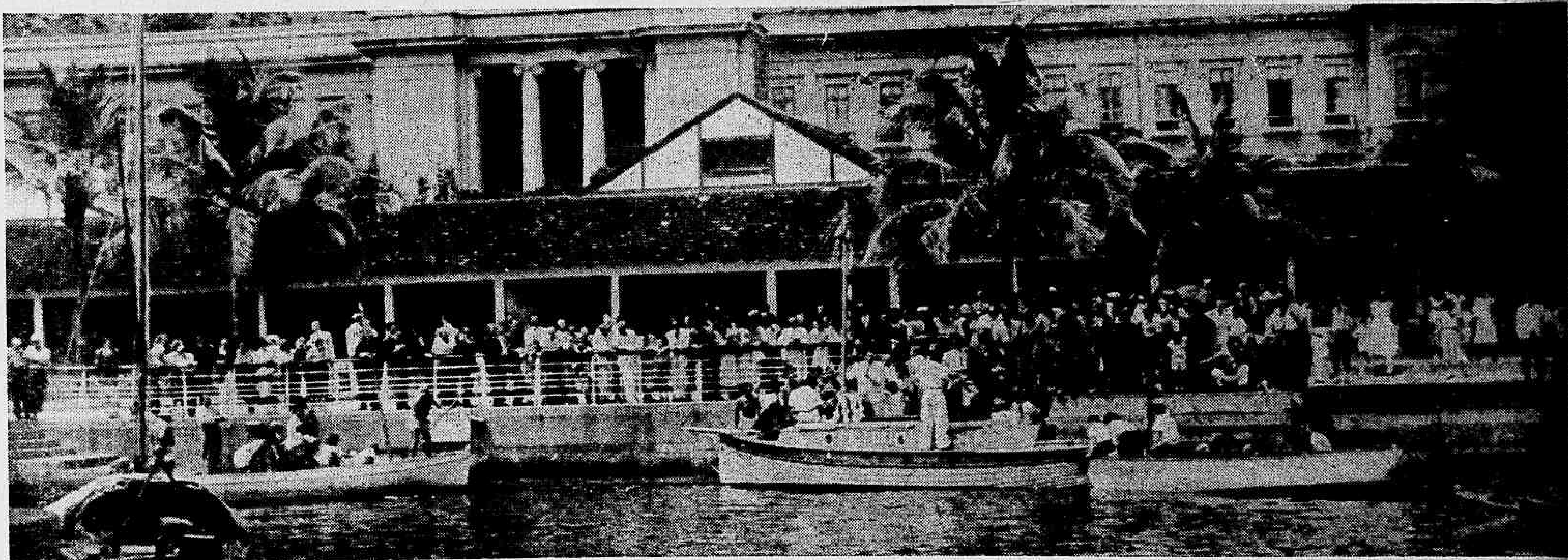
CONFRATERNIZAÇÃO — Uma vez atracado no cais do Iate Clube, o pequeno barco foi tomado de assalto

ÀS 9,30 do dia 13 de novembro estávamos a bordo da lancha "Tenente Ribeiro", da Marinha Brasileira, no meio da Guanabara, em direção à barra. Nossa missão era a de assistir à recepção que se organizara para a chegada do barco "Trieste-Italia" que havia zarpado da cidade do Salvador no dia 5, rumo à Capital Federal, vencendo assim mais uma etapa do cruzeiro "Trieste-Buenos Aires". Até a natureza contribuiu para maior brilhantismo da festividade, engalanando o cenário guanabarino e brindando-nos com um de seus melhores dias: céu azul, nuvens esparsas, ventos leves e mar calmo para completar o domingo ensolarado. Descoberto o barco, ou melhor, advinhado num pontinho que se desenhava ao longe, fomos nos aproximando. Constatamos que enquanto a distância entre as duas embarcações diminuía rapidamente, o tomanho do barquinho custava a aumentar. E' que de fato é minúsculo. Já perto, começaram os gestos de saudação e os gritos de contentamento entremeados de vivas ao Brasil e à Itália. As primeiras pessoas a ter contacto com os jovens navegantes foram os rádio-amadores da LABRE, organizadores daquela embaixada de recepção, e de quem nós fomos convidados, representantes das autoridades diplomáticas italianas, do Centro Cultural Brasil-Itália, e brasileiros amigos do país irmão.

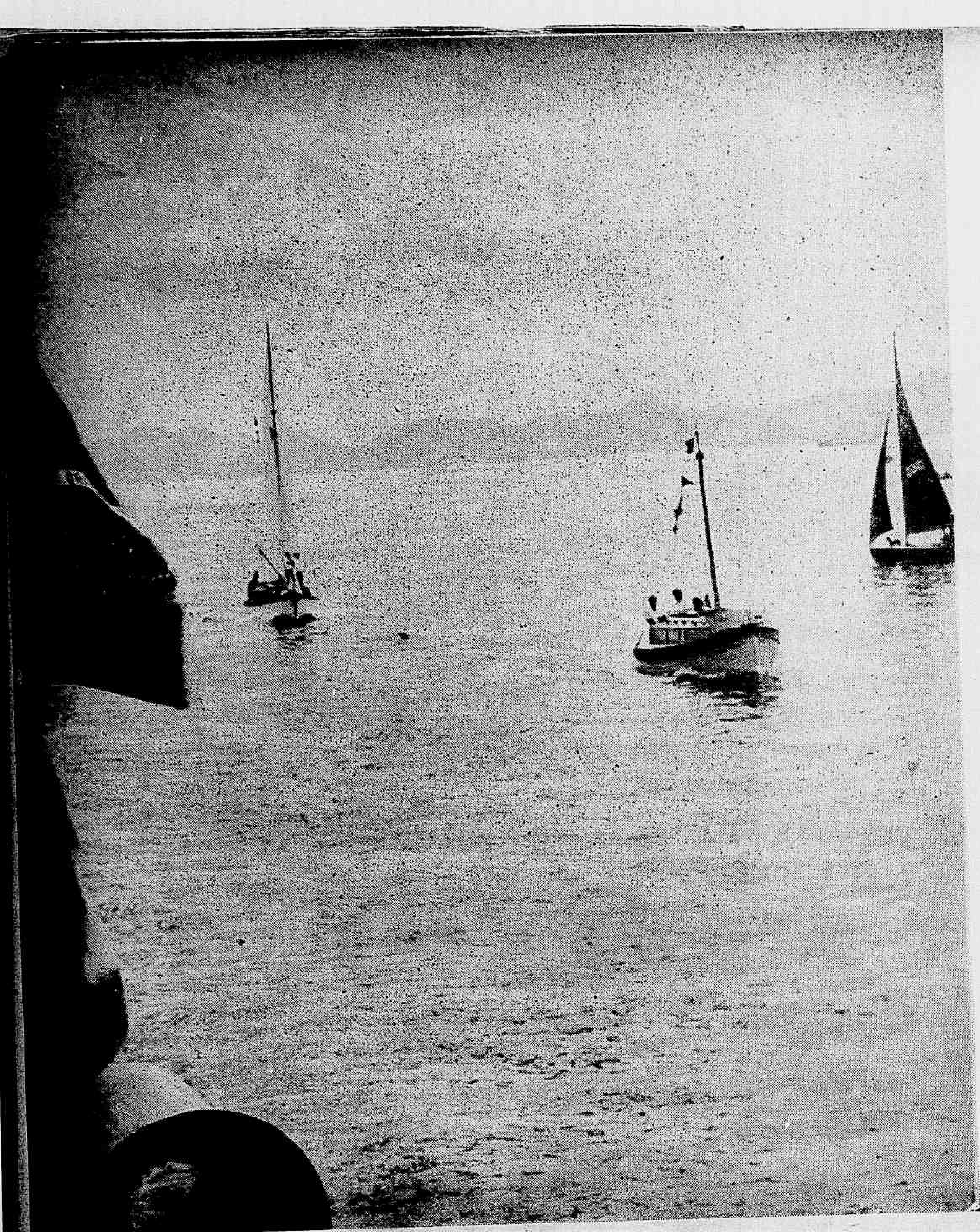
Enquanto o tricolor tremulava na popa do "Trieste-Italia", o auri-verde, no topo do mastro, saudava acolhedoramente os valorosos tripulantes do barco, que saidos da sombra da colina de San Giusto, em Trieste, estavam agora ao pé do Pão de Açúcar, depois de uma façanha espetacular.



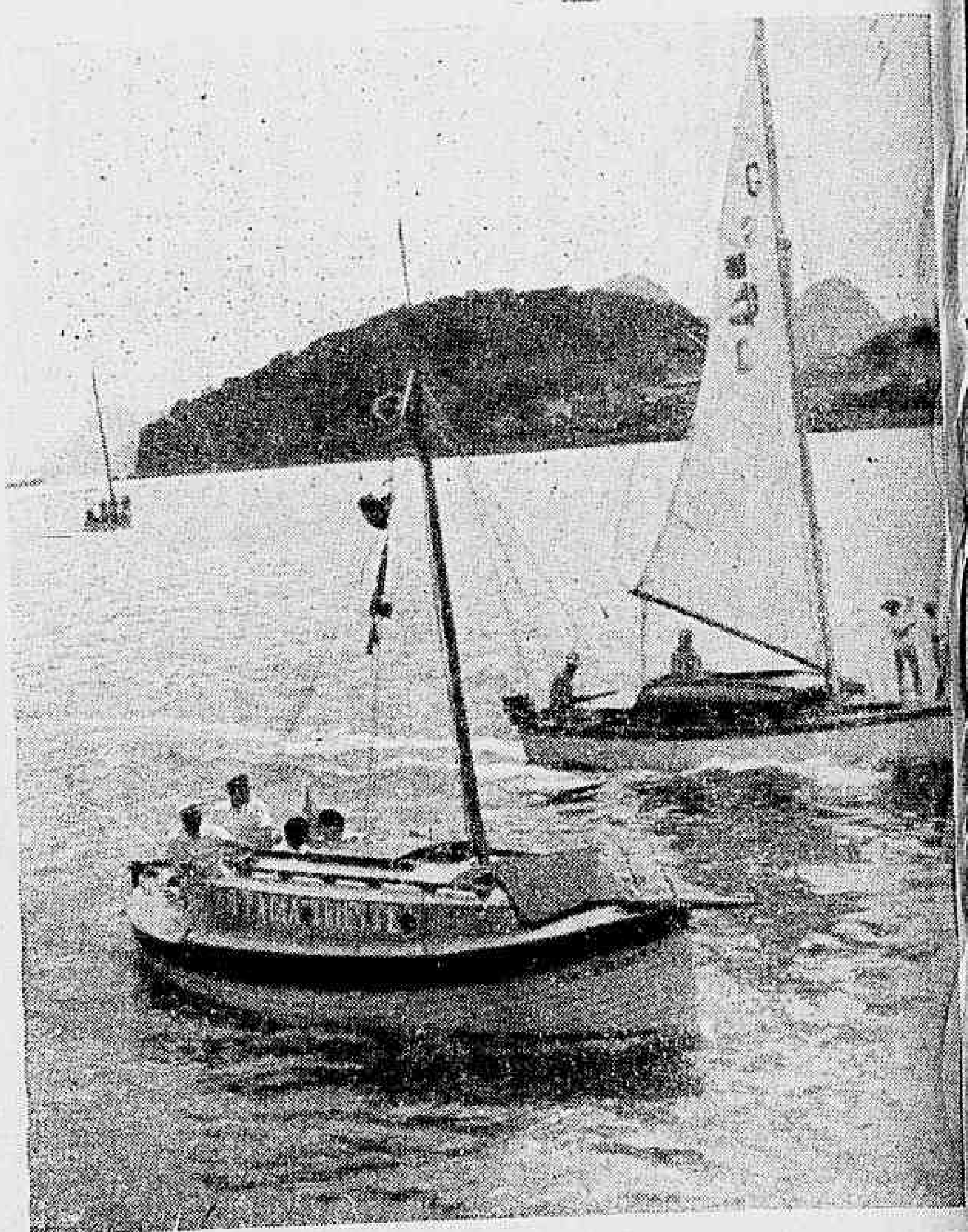
OS FEITOS HEROICOS despertam interêsse entre o elemento feminino, sensível a tudo que tem sabor de lenda



NO IATE CLUBE o cais ficou cheio de pessoas, entre as quais autoridades diplomáticas italianas, da LABRE e muitos amigos. A notícia da chegada despertou a curiosidade e a simpatia dos brasileiros, que compreendem o ideal dêsses jovens. As terras irredentas italianas podem esperar do Brasil o apôio moral de que necessitam nas Nações Unidas



O AURIVERDE desfraldado ao vento saúda a aproximação dos navegadores. E' o primeiro contacto com os intrépidos marinheiros. E' a saudação, sincera de um povo irmão, hospitaleiro, amigo da liberdade e dos direitos humanos



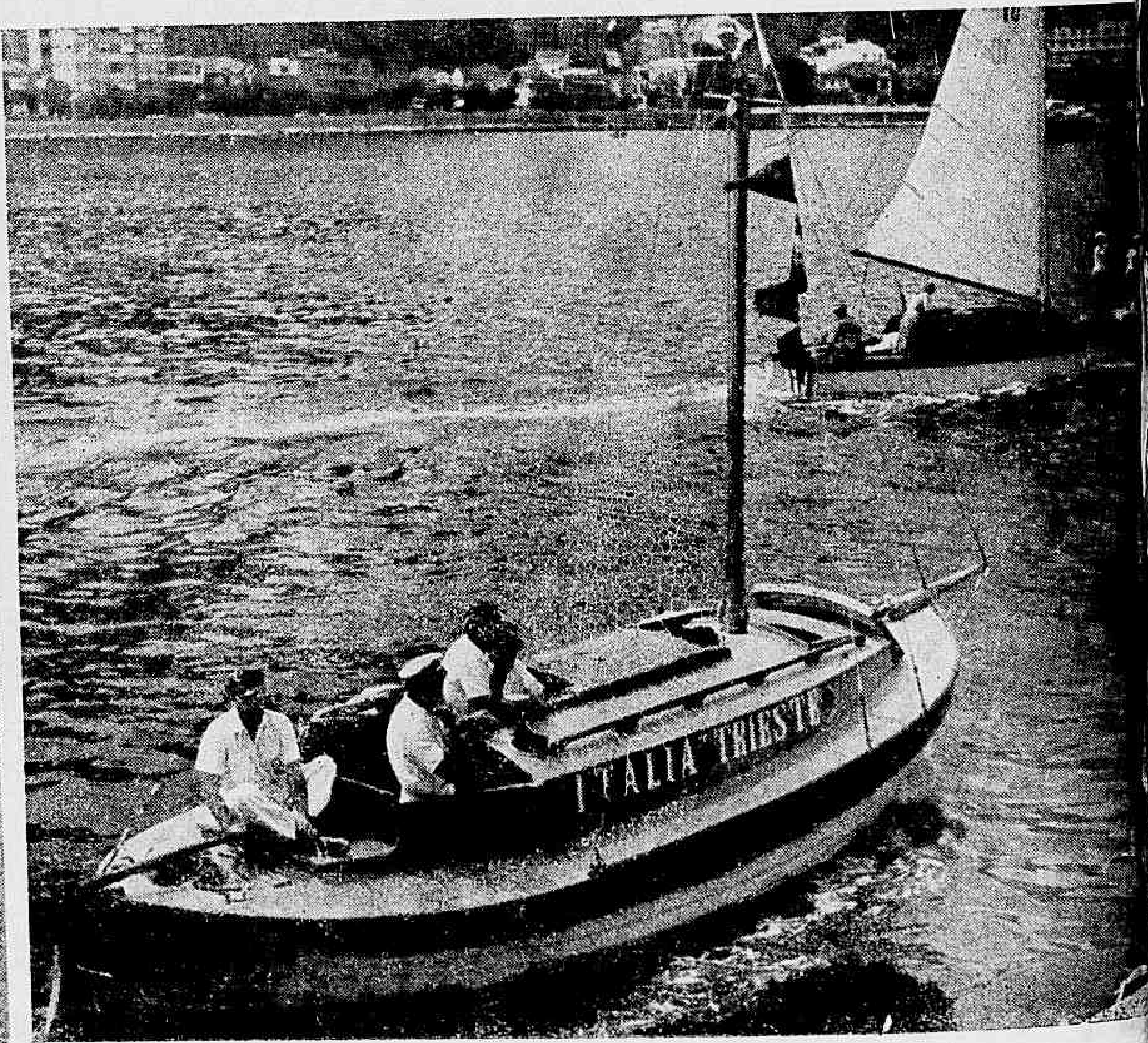
MAIS PRÓXIMO. O "Italia" está quase abordando a lancha da Marinha Brasileira. Mais um pouco e se juntam

A RECEPÇÃO

Comboiado pela nossa lancha e por outras particulares, num cortejo cujos flagrantes fotográficos que ilustram esta reportagem falam mais claro que nossas palavras, o pequeno barco deu entrada na enseada do Iate Clube, atracando no cais precisamente às 9,50 debaixo de uma calorosa salva de palmas dos que ali os aguardavam. O Embaixador da Itália, Mario Martini, o Consul Giuseppe Setti, o vice-presidente do Centro Cultural Brasil-Itália Luigi Ferrero, à frente de numerosos conacionais; o presidente da LABRE, Tte. Cel. Jorge Bayma, à frente de tôda a diretoria da entidade e de um sem número de rádio-amadores; a Diretoria e todos os sócios do Iate Clube, ali presentes, e muitas outras pessoas, receberam de braços abertos os quatro heroicos marinheiros ao pisarem terra carioca. Abraços, felicitações, apresentações e agradecimentos, misturavam-se na primeira confraternização entre os elementos das duas nacionalidades. Pareciam todos velhos amigos, falavam-se como se já tivessem privado durante longo tempo. A diferença das linguas quase não era percebida, entendiam-se todos perfeitamente. Os quatro rapazes sofreram um verdadeiro assalto de perguntas, não só por parte dos repórteres, como de quantos, mulheres e crianças, jo-



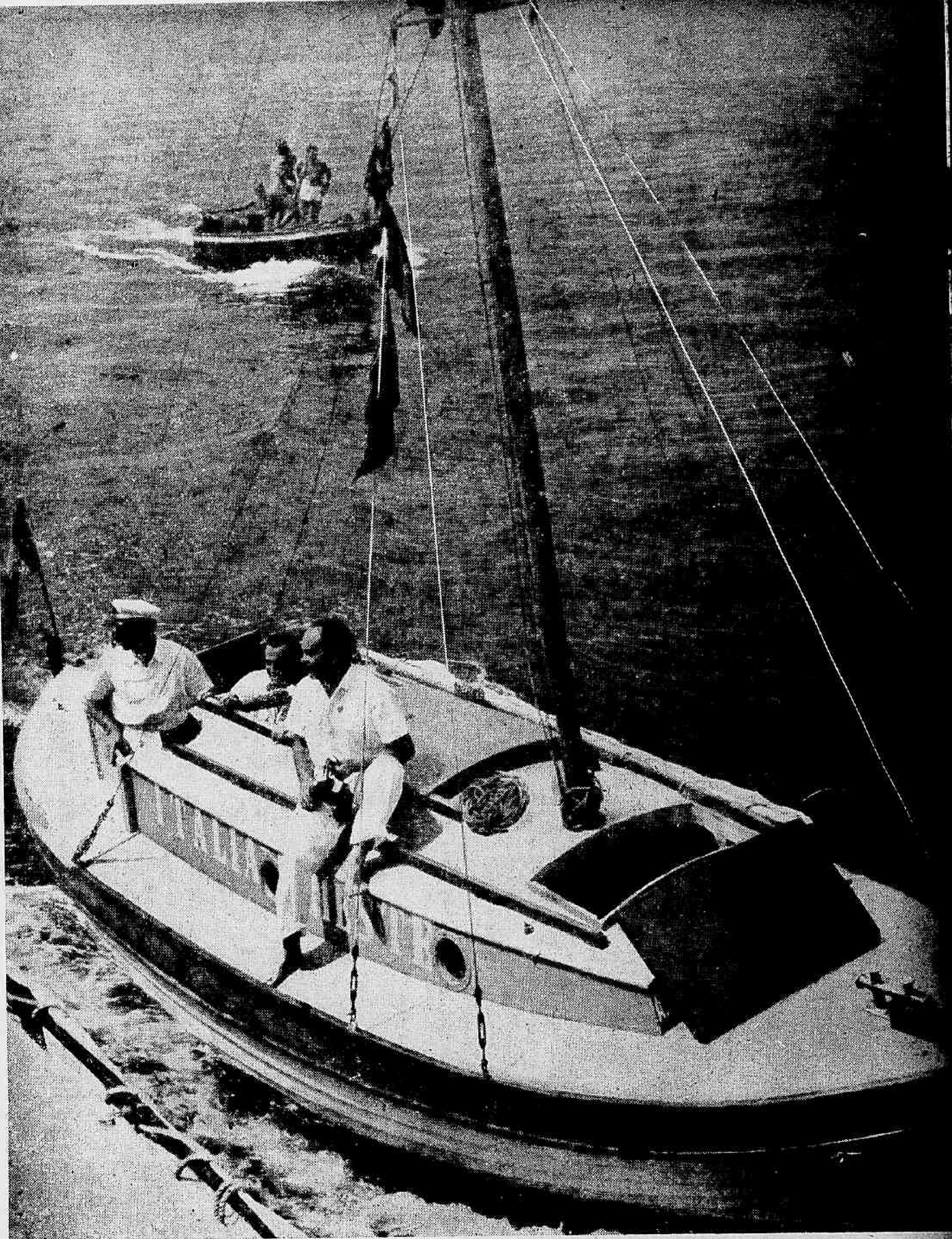
LONGA e penosa foi a viagem, mas já agora sentem-se aliviados. A maior e mais difícil parte do cruzeiro foi realizada. O airoso barquinho passando pelo Forte de São João



SENHOR da topografia da baía, com a direção dada pela lancha, o "Italia" toma-nos a dianteira, rumando para o Iate Clube, comboiado por veleiros em escolta de honra



TRÊS dos tripulantes, vendo-se Giuseppe Reggio, o já popular rádio-telegrafista Joe, com os fones ao ouvido



FOI NESSE barquinho de apenas sete metros de comprimento que os italianos audazes atravessaram o Oceano, demandando a América Latina, para expor a situação de 700 mil co-nacionais, injustamente separados da Mãe-Pátria

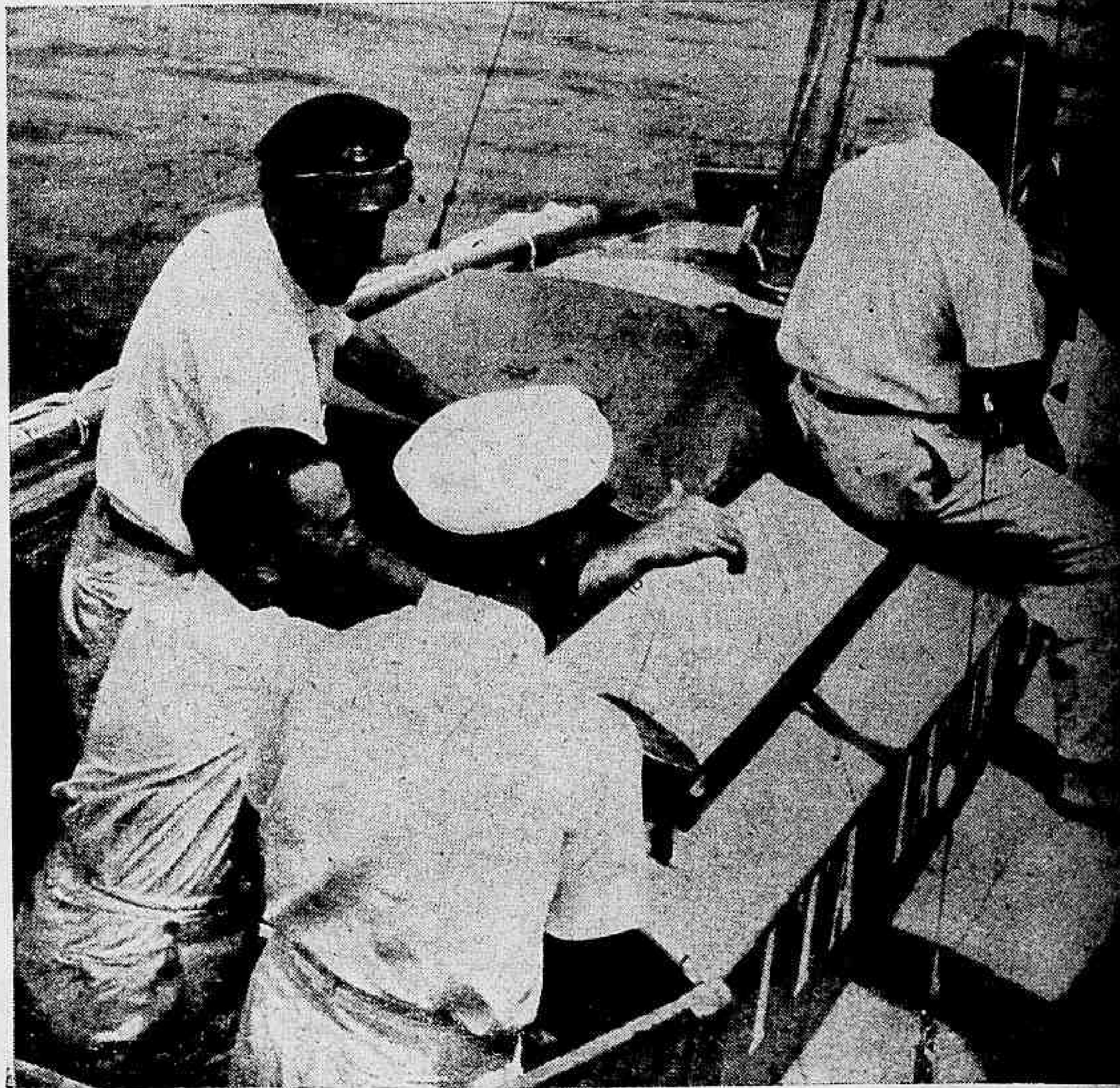
vens e velhos, ali estavam. Satisfaziam a todos, encantados com a acolhida e visivelmente emocionados. Isso foi evidenciado quando, num gravador da LABRE, foi fixada a palavra das autoridades presentes e a dos recem-chegados.

LATINIDADE, DEMOCRACIA E BAHIA. "A BOA TERRA"

Nessa ocasião o Capitão Rodolfo De Gasperi, comandante do barco, enalteceu os sentimentos irmãos que aproximam de tal maneira os dois povos, o itálico e o brasileiro, pois ambos têm as mesmas origens, que os fazem semelhar a tal ponto de se compreenderem mutuamente nos seus anseios de paz e liberdade, para continuação da latinidade, a comum diretriz que os guia desde remotas eras. Outro tripulante, Glauco Gaber, declarou que já ouvira falar da democracia praticada em nossa terra, mas que aqui chegando, viu que era bem superior a tudo que imaginara Joe, o rádio-telegrafista de bordo, surpreendeu-nos com um improviso em que empregou muitas palavras portuguêsas, falando com desembaraço das terras do nordeste por onde êles passaram e de que guardam grata lembrança. Teve êle palavras especiais para a Bahia, "a boa terra", na expressão cari-



DETALHE da popa, onde estão agrupados os navegadores, dando uma idéia do tamanho do barco. O tricolor, com o escudo de Trieste, é o símbolo pelo qual se batem



ENFIM de perto. Mãos se estendem para cumprimentar os quatro rapazes ansiosamente esperados, o mar revolto, os ventos fortes e as tempestades não impediram a viagem



OS QUATRO VALOROSOS NAVEGADORES: Giovanni Valcich, o segundo de bordo. Capitão Rodolfo De Gasperi, o comandante. Glauco Gaber, o idealizador da viagem. Giuseppe Reggio, rádio-telegrafista. Todos moços, de fina educação, abandonaram seus afazeres, a fim de atrair a atenção dos outros povos para o problema político de sua terra



O CAPITÃO DE GASPERI mostra no mapa o percurso da viagem, assinalando os lugares onde enfrentaram tufões

nhosa pela qual a conhecemos, que tão depressa assimilou e gentilmente repetiu.

PERSONALIDADE DOS TRIPULANTES

A equipagem do barco é composta de quatro rapazes, fortes, queimados pelo sol, e curtidos pelos ventos e pela água salgada. O comandante é Rodolfo de Gasperi, nascido em Gradisca de Isonzo (Gorizia). E' capitão de longo curso da Marinha Mercante Italiana; navegou como pilôto, chegando a ser primeiro pilôto, nas companhias de navegação "Italia", "Lloyd Triestino" e "Libera Triestina". Já conhecia o Brasil, pois muito navegara nas linhas sul-americanas. Durante a última conflagração, serviu nos transportes militares. Por quatro vezes o navio em que seachava foi torpedeado e afundado, escapando sempre com vida, e ainda, como no caso do afundamento do "Neptunia", a 18 de setembro de 1941, tendo ocasião de demonstrar a abnegação e o dever de marinheiro abandonando o navio em último lugar, após haver sistemado todos os soldados que enchiam o transporte nas balsas. Ferido e mutilado de guerra, foi declarado inútil par a navegação, ficando como professor de Ciências Náuticas e Construção Naval na Escola Náutica de Trieste. Ultimamente estava na Diretoria da "Compagnia di Assicurazioni Generali", seção de Transportes. Como membro da Sociedade "Umberto Felluga", de Trieste, organizadora e financiadora da viagem, foi-lhe oferecido o comando do barco "Italia", aceitando êle imediatamente, demonstrando até aqui que, apesar de ter sido declarado inútil para a navegação, ainda é capaz de conduzir um barco por menor que seja através do Atlântico, num empreendimento cuja finalidade é das mais nobres.

Glauco Gaber nasceu em Trieste. Empregado no "Lloyd Triestino". Anti-comunista ardoroso, fundou e é o presidente da Sociedade "Umberto Felluga". Foi o idealizador da viagem, o animador constante, o fiel tripulante, sempre pronto a expor os pontos de vista de centenas de milhares de compatriotas, cujo desejo único é o de fazer voltar suas terras natais para a soberania italiana. Na última guerra foi voluntário na campanha contra a Rússia. Na confusão dos últimos tempos de luta e terminada a guerra, foi um dos mais destacados elementos da resistência armada e da guerrilha contra as fôrças de Tito, sendo por isso sua cabeça posta a prêmio pelos iugoslavos.

Giuseppe Reggio nasceu em Nazli (Smyrne-Turquia), filho de genoveses. Advogado, tomou parte na guerra como oficial de cavalaria mecanizada. E' o já conhecido Joe, o rádio-amador cujo prefixo é I-1-JOE. Era dele a voz ouvida pelos rádio-amadores brasileiros quando dava a posição do barco e pedia informações sôbre o tempo. Talvez pelo contacto antecipado através das ondas hert-

(Cont. na pág. 52)



A TRIPULAÇÃO dá informações detalhadas sôbre o motor do barco e o rádio de bordo, os preciosíssimos elementos com que venceram os perigos das horas críticas



FRATERNALMENTE recebido pelos colegas brasileiros o rádio-amador Joe, agradece, a valiosa colaboração que lhe foi prestada pelos seus irmãos do éter, em águas do Brasil



MENSAGEM DE AMIZADE é o que trazem os quatro navegadores lá de suas pátrias distantes a êste povo amigo e acolhedor. E' o abraço do irmão mais velho ao caçula da família. — Sêde benvindos, amigos!

A PERSONAGEM DA SEMANA



Gianella de Marco

Tôda a cidade do Rio de Janeiro comentou admirada, êste fenômeno de vocação musical: Gianella de Marco.

Os críticos mais severos, os mais sisudos amantes da Arte, os mais rigorosos intérpretes de Wagner, Verdi, Brahms, Mascagni, ficaram extasiados diante dêste milagre: Gianella, com cinco anos, regendo com proficiência inacreditável, uma orquestra do Municipal do Rio de Janeiro! Essa criança de sainha curta e que vive a brincar com as suas bonecas, é, no momento, a maior prova de que os gênios já nascem gênios, de que ninguém "fabrica" o artista, e sim, já nasce feito. Gianella de Marco não estreou como regente no Rio; sua fama nos vem da Europa onde abrolhou essa incoercível vocação para a batuta.

Como explicar-se isto? Trata-se de um caso puramente hereditário. Seus pais se impuseram como autoridades na Arte da Música e do bel-anto. Gianella de Marco, desde muito criancinha, manifestou inclinação para a regência de orquestra até chegar a dirigir centenas de maestros em sinfônicas de grandes responsabilidades. Mas a garotinha de cinco anos não conhece música! Não pode entrar para nenhum curso porque sua idade ainda não lhe permite. A pedagogia tem suas exigências que, muitas vezes, briga com a precocidade, estabelecendo-se conflitos entre a idade pedagógica e a cronológica.

Até agora as crianças prodígios existiam diante de teclados de pianos, ao violino, com acordeons. São numerosos os casos de crianças que executam em instrumentos peças clássicas de difícil interpretação; mas, que essa genialidade chegue ao ponto de fazer o milagre de reger uma orquestra de dezenas de maestros, corrigi-los, interromper a execução, retomar o fio das partituras justamente no ponto interrompido, perceber exclusivamente pelo ouvido as falhas cometidas por um violino determinado dentre trinta em plena execução, é qualquer coisa de incompreensível, de indescritível, de inexplicável.

E tudo isto é realizado por essa criança de cinco anos que o Rio hospeda. Muita gente que conhece música e também rege orquestras não acreditou na possibilidade dêsse fenômeno. Tudo, talvez não passasse de embuste, de propaganda, de pilhéria; mas, depois que o fenômeno foi visto e examinado em tôda a sua plenitude, não mais foi possível negar-se a evidência do fato incontestável: Gianella de Marco, menina de cinco anos, que não sabe música, rege orquestras de dezenas de maestros, com a perícia, a perfeição técnica e artística de um Sergei Koussevitsky. E pela primeira vez nesta cidade, após um concerto, todo o povo leva em triunfo seu regente até ao hotel, numa parada de espontânea consagração.

A SEMANA EM Revista

ARTIMANHAS COMERCIAIS



Os grandes produtores norte-americanos, de vez em quando lançam mão de certos processos publicitários que trazem resultados assombrosos. O poder inventivo daquela gente é fenomenal, e o povo recebe as novidades absolutamente desprevenido, e, somente muito depois é que caem em si e acham graça das habilidades...

Todos nos lembramos do que foi a propaganda do espinafre na América do Norte. A garotada tem horror à hortaliça. Mas, segundo asseveravam os nutricionistas, o espinafre é rico em vitaminas, ferro, etc., tudo isto muito necessário aos tecidos orgânicos especialmente da criançada. Pelos meios suasórios, ou pelos meios violentos, não se conseguiria fazer que uma criança engulisse espinafre e pedisse mais. Então surgiu Popeye, o Marinheiro de fôrça muscular incrível... graças ao uso do espinafre. E os meninos começaram a comer espinafre e a experimentar os ciceps....

Ultimamente os fabricantes de suspensórios verificaram que o uso dos cintos está causando certa evasão de clientes para aquêle artigo que segura as calças dos homens. Que fazer para forçar maior saída de suspensórios? Lançaram mão de um meio engenhoso e capaz de dar os mais belos resultados: o uso do suspensório evita a obesidade! Até agora todo mundo pensava o contrário: o uso do cinto, comprimindo o ventre, opunha resistência à obesidade. Mas os fabricantes de suspensórios dizem o contrário e até já arranjaram uma Instituição Científica, a "American Dietetic Association" que declarou guerra aos cintos...

POLÍCIA FEMININA



O Ministro do Interior da Itália, Sr. Scelba, acaba de confirmar as notícias de que pretendia criar os primeiros corpos de polícia feminina para fiscalizar os bons costumes e lutar contra a delinquência feminina e juvenil na Itália. Os policiais de saias começarão a funcionar depois da abolição de certas instituições, atentatórias à moral pública. Não é somente a Itália que dispõe de tal polícia, logo que fôr criada essa corporação. Em vários países do mundo, especialmente na Europa, há serviço policial de senhoritas, como sucede na Alemanha sob o contrôle ocidental. As mulheres dispõem de grande dose de intuição, de coragem, de capacidade de apreensão, e, depois de bem instruídas, se convertem em excelentes elementos para a garantia da ordem. Na guerra, ou melhor, nas guerras, há sempre batalhões de mulheres em plena luta, e, já hoje, com as duras lições da última guerra mundial, as filhas de Eva integram batalhões de paraquedistas com absoluto sucesso.

Ora, se o mundo feminino tem dado provas de coragem, de ânimo sereno, de capacidade bélica em plena conflagração, que não poderá a mulher fazer em benefício da sociedade desempenhando missões policiais de defesa e garantia da família, das crianças, das jovens que trabalham? O exemplo da Itália deve merecer as atenções de outras nações que ainda nada têm a êsse respeito, continuando a seguir as velhas normas de somente confiar a homens êsses trabalhos que, em mão de mulheres, talvez dessem mais certo...

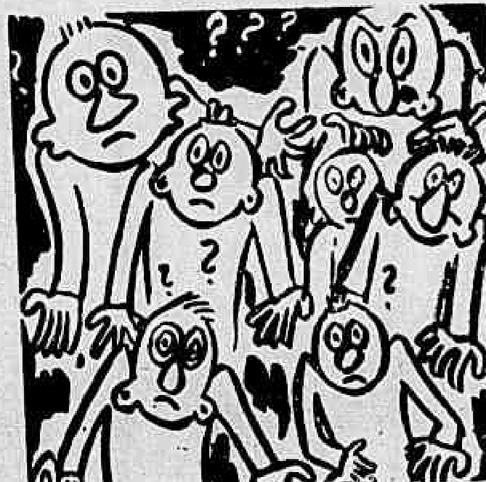
SEMPRE SÃO PAULO



Avulta dia a dia a colaboração da magistratura paulista à Campanha de Educação de Adultos. Êsse fato revela a magna importância da causa, pois é a consciência jurídica da sociedade que espontaneamente lhe empresta o mais decidido e valioso apôio. Por muitas formas vêm os juízes de Direito de São Paulo cooperando com as autoridades escolares para o desenvolvimento da iniciativa, prestigiando as comissões municipais de educação de adultos, auxiliando o recenseamento de adolescentes e adultos analfabetos, preocupando-se com a regularidade da frequência dos alunos matriculados e incentivando o interêsse das instituições sociais pela campanha. Ainda agora o delegado de ensino da região escolar de Franca, o Prof. Antônio Fachada, informa que o Juiz de Direito da comarca de Patrocínio Paulista, Dr. Olavo Ferreira Prado, tomou uma providência original: concedeu a suspensão condicional da pena ao réu João Gabriel da Silva, que é analfabeto, impondo-lhe a obrigação de frequentar, durante dois anos, o curso noturno de ensino supletivo da localidade.

A frequência dêsse aluno será verificada regularmente pelo Juízo da comarca, que, segundo esclarece a autoridade informante considera a campanha de educação de adultos um meio não só de instruir, como também de educar moral e civicamente os alunos que frequentam os seus cursos. Inquéritos dos mais idôneos têm demonstrado que a delinquência diminui à medida que se fortalece a educação do povo. Estes dados foram colhidos numa nota de "Folha da Manhã", de S. Paulo e vêm aumentar, cada vez mais, o prestígio do grande Estado.

ONDE ESTÁ MUSSOLINI?



A pergunta não é bem esta e sim esta outra: onde está enterrado o corpo de Mussolini? Esta última guerra, com todos os seus episódios de destruição dos ditadores da Alemanha e da Itália, trouxe umas coisas esquisitas acêrca dos chefes do nazismo e do fascismo. Quando Berlim foi dominada pelos exércitos soviéticos, ocupada e vasculhada pelas tropas aliadas, dividida depois em zonas de ocupação, muito se procurou esclarecer onde havia morrido Hitler. Nos escombros da Chancelaria, asseveravam muitos. Outros diziam que êle havia morrido no incêndio dos subterrâneos daquele edifício, seu último quartel general. Suicidara-se ao lado de Eva Braun, garantiam outros. E houve também quem achasse que Hitler fugira para a América do Sul ou para a Espanha.

Um certo certo é que ninguém sabe. Com Mussolini o caso é ainda mais estranho. Todos sabem e todo mundo viu em fotografias, seu corpo pendurado de uma trave numa praça de Milão, como um porco levado à feira.

Ao lado, sua amante, numa repetição da morte de Hitler e a outra da mesma categoria. Depois enterraram o corpo do Duce. Mas onde? Em que lugar? Agora volta o mistério a ser comentado novamente e o "Corriere Lombardo", de Milão, informa que o cadáver de Mussolini foi enterrado no cemitério Verano, em Roma. Mas a direção do campo santo contesta a veracidade dessa notícia, afirmando que teriam conhecimento do fato, mesmo que os restos de Mussolini tivessem sido enterrados com nome suposto. E a lenda vai tomando vulto, como a de Hitler...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVIII ★ N.° 48 — 26 DE NOVEMBRO DE 1949

Redator-Chefe: CELESTINO SILVEIRA — Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JUNIOR — Paginação de VICTOR TAPAJOZ

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro
Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO — Diretor-Secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR
Telefones — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1018; Portaria: 22-5802

1 Gardênia (Laura Suarez) descobre que o marido mantém uma "garçonnière". De posse da chave e do endereço, vai até lá e é surpreendida pelo luxo e pelo confôrto do ambiente. Tudo tão diferente do que ela tem em casa! Telefona a uma amiga e é por esta esclarecida sôbre vários aspectos da vida extra-conjugal dos maridos infiéis. Isso dá-lhe uma idéia. Esperará pelo espôso para pegá-lo em flagrante. No guarda-roupa encontra vários "chambres" de sêda; escolhe um, veste-o, dá um retoque mais feminino ao penteado e espera. Ao ouvir a aproximação de alguém, refugia-se num canto da sala. Entra Iseu (Silveira Sampaio), o marido, que, admiradíssimo, a descobre e pede-lhe satisfações.



2 Gardênia não se intimida diante da falsa indignação do marido. Não se exaspera com as circunstâncias, não faz escândalo. Senhora da situação, num inteligente colóquio, consegue fazer o marido cair em várias contradições. Apesar de Iseu não confessar ser o dono da "garçonnière", não sabe explicar suficientemente sua presença naquele lugar, assim como a de indumentária feminina, frascos de perfume e tudo o mais que constitui objeto obrigatório num "apartamento de descanso". Revolta-se contra a espôsa, quer agredí-la, mas ela está tão diferente de como está habituado a vê-la em casa... Elegante, atraente, provocante mesmo e com um perfume que o embriaga.

"A GARÇONNIÈRE DE MEU MARIDO"





4 Aos poucos Iseu vai notando a grande diferença entre a mulher que se acha em sua companhia e a espôsa de todos os dias. Pela influência do lugar, longe das coisas corriqueiras do lar, vê em Gardênia uma mulher mais bonita. Esta, amorosa, pede-lhe para ser tratada pelo menos com a delicadeza com que trata a "outra". Iseu quase cede. Mas num esfôrço do brio masculino pilhado em flagrante e humilhado, repele-a brutalmente. Gardênia chora, Iseu arrepende-se e, convencido de ter na própria mulher a mais bela das amantes, passa a se encontrar com ela, na "garçonnière", numa aventura original.



3 Batem à porta. Iseu não quer se comprometer e não abre. Mais uma vez Gardênia desafia-o a provar a sua inocência. Êle recusa, não abrirá: "Devem ser as crianças da vizinha"... A espôsa insiste e, resoluta, vai até a porta e deixa entrar... o garçon da confeitaria, para grande alívio de Iseu. Êste torna a atrapalhar-se para explicar a encomenda dos doces e do "champagne", ainda mais pelo fato de o garçon Carlos (Luis Delfino), pensando tratar-se de mais uma conquista de Iseu, insistir em dizer que trouxe o que lhe foi encomendado "como das outras vêzes". Iseu irrita-se e manda voltar tudo. Gardênia opõe-se, também quer beber "champagne". Se o marido o fazia em companhia de outra mulher, não tendo esta chegado, muito melhor o poderá fazer com a legítima espôsa.





5 Iseu está um dia na "garçonnière", esperando ansioso pela espôsa, como sempre. Cuida dos últimos retoques no seu aspecto físico, na ornamentação e iluminação da sala. Vê-se perfeitamente que está no sétimo céu da alegria. Chega Carlos, o garçon, trazendo, como sempre, doces salgadinhos e "champagne". Demora-se na conversa, só para ver a senhora, que êle não sabe ser a espôsa de Iseu. Mas quem chega é o senador (Flávio Cordeiro), que condivide com Iseu o horário da "garçonnière". Iseu não contava com essa, pois o acreditava fora da cidade. O senador insiste: é o dia e o horário dêle. Não abrirá mão do compromisso. Iseu responde que também não pode deixar de receber a pessoa pela qual está esperando.



6 Enquanto nenhum dos dois se decide a abandonar a "garçonnière", toca a cigarra da porta. Iseu diz para o senador que a senhora que vai entrar o conhece. Êle não quer ser visto num lugar daqueles e, como não há outra saída, o garçon combina fazer paredinha frente à figura do senador, num ângulo da sala, enquanto a visitante entra e passa para o outro cômodo. Abre-se a porta e aparece Maryllin (Elizabeth Hodos), a amante do próprio senador. Êste pede a Iseu para deixá-lo ficar. Que espere êle pela sua visita no portão do edifício e explique a situação. Iseu não concorda e expulsa todos.

7 Maryllin, que saíra com o senador, volta à "garçonnière", deixando Iseu aflito, pois não quer que a espôsa chegando a encontre ali. A moça, que simpatizara bastante com Iseu, quer ficar, já que deixou o senador ir sozinho. Isto é impossível, e com a promessa de telefonar no dia seguinte, Iseu a convence a deixá-lo em paz. À sua saída Iseu percebe que ficou impregnado do perfume muito ativo que Maryllin usava. Tira o paletó de pijama e vaporiza a sala com inseticida. Telefona em seguida para a espôsa, suplicando-lhe que não falte ao encontro. Gardênia titubeia porque a filhinha está adoentada; mas, podendo deixá-la aos cuidados da avó, cede e promete ir.







8 Essa situação entre Iseu e Gardênia perdura já há uns seis meses. Tudo lícito, pois os dois são legítimos esposos, porém efetuado em ambiente equívoco. Iseu, pensando nisso, chega a ter um verdadeiro sonho de olhos abertos. Discute com Gardênia, num desejo inato do sub-consciente para dominar, como homem que é, egoísta, não querendo reconhecer na mulher os mesmos direitos. Acusa-a de se ter rebaixado, frequentando a "garçonnière", igualando-se às outras "mariposas do amor". Ela não é digna do seu respeito. Despreza-a, e, com tendências sinistras, imagina um "climax" com desfêcho trágico.

9 Terminado o devaneio, Iseu tenta reproduzir na realidade o que desejou no sonho, mas é vencido pela firmeza da espôsa e pelo que ela apresenta para se defender. Chega, pontual como todos os dias, Carlos, o garçon. Iseu, para ter pelo menos um ponto a seu favor, declara que não poderá continuar a sustentar a "garçonnière", pois está cheio de dívidas, inclusive e por causa das despesas que faz na confeitaria de que Carlos é o empregado. Êste é invocado como testemunha das contas "penduradas". Responde que a causadora das dívidas vale o preço, mas é obrigado por Iseu a levar o "champagne" e a nunca mais aparecer.

10 Iseu, irritado, quer terminar com aquela situação ambígua, quer desistir da "garçonnière", mas encontra a resistência da espôsa, que vê naquilo a única maneira de conservar o marido fiel e enamorado dela. E para melhor prendê-lo incute-lhe no espírito uma dúvida que o acompanhará por tôda a vida. Não lhe revela a verdade sôbre o que sentiu ao frequentar a "garçonnière". Teria gostado mesmo do ambiente, satisfazendo assim seus desejos sufocados pela vida monótona do lar? Ou teria apenas acedido aos desejos do marido para ser a sua única e legítima senhora? Esta incerteza reconcilia Iseu que, feliz, abraça-a.





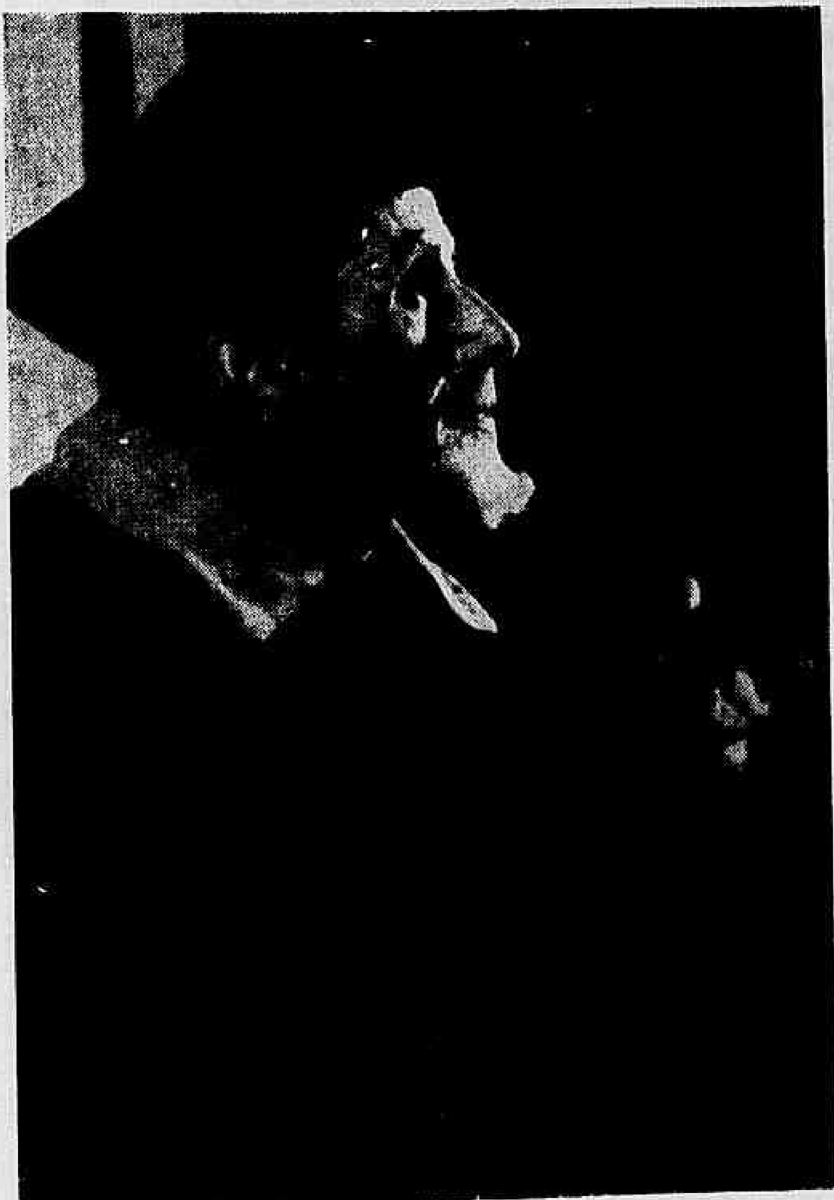
DULCINA

A Escola de Teatro da Prefeitura recebeu em dia da semana passada a visita de Dulcina , que ali foi alvo de significativas homenagens por parte de professores e alunos. Maria Caetana, filha de Renato Viana, diretor da Escola, ofereceu-lhe um apanhado de flôres, traduzindo o apreço dos futuros intérpretes dramáticos que agora estão sendo preparados

A Escola de Teatro da Prefeitura toma novo impulso sob a orientação de Renato Viana ★ Até um oficial do Exército aprende a arte de representar ★ De Escola Dramática à Escola de Teatro ★ Procópio Ferreira, a única recordação dos tempos idos ★ Depois de 41 anos, concretiza-se o ideal do Prefeito Bento Ribeiro

Reportagem de VINÍCIUS LIMA

UMA NOVA GERAÇÃO DE INTÉRPRETES

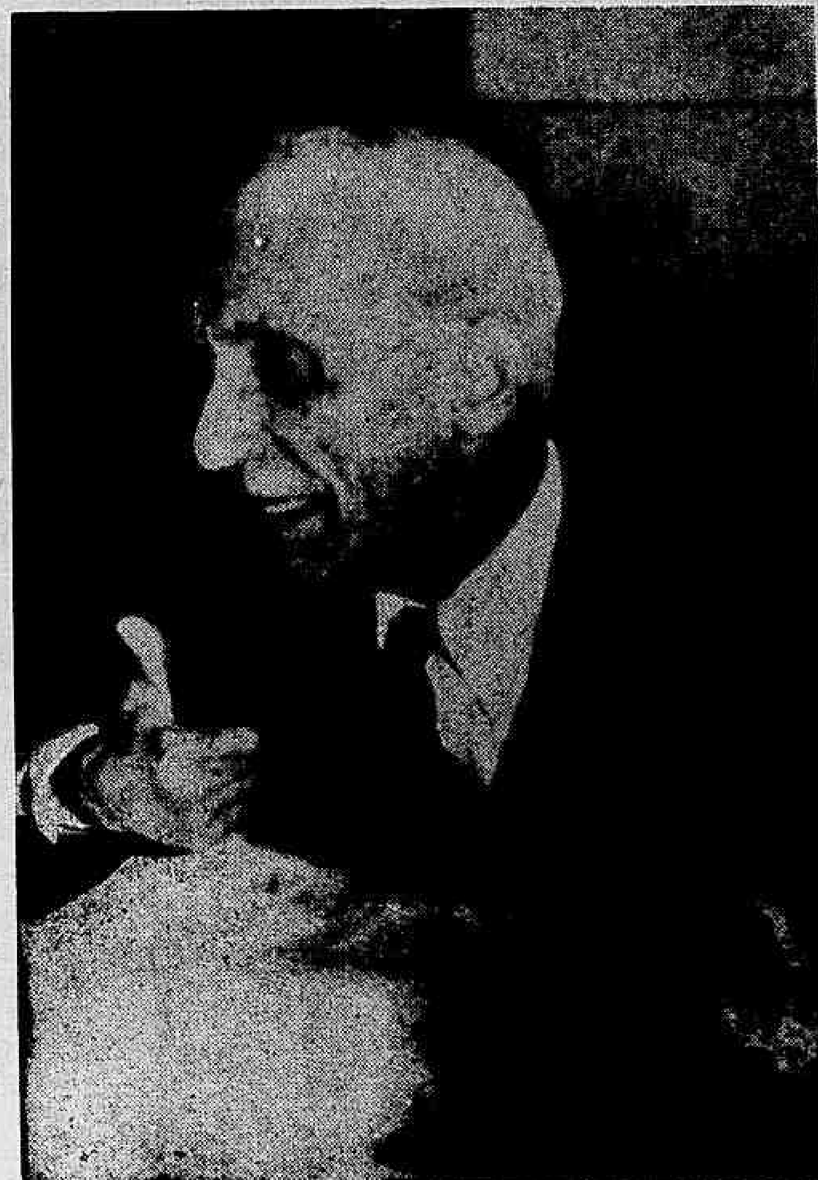


RENATO
Além de autor e professor, Renato Viana é também intérprete. Aqui o vemos vivendo Leonardo da Vince

O maior sonho de Artur Azevedo consistia na construção de uma casa de espetáculos para os artistas do Brasil. Artur Azevedo era crítico, escritor e jornalista, desfrutava grande prestígio no seio do govêrno. Bateu-se pela causa e aí está o Teatro Municipal. Feito o teatro, surgiu Coelho Neto com a idéia da fundação de uma escola dramática. Era prefeito do Distrito Federal o general Bento Ribeiro. E Coelho Neto conseguiu concretizar o seu desejo. A Escola Dramática da Prefeitura foi fundada e o próprio Coelho Neto assumiu a sua direção. Mas Artur Azevedo, que era o grande animador da causa dos artistas, faleceu. Bento Ribeiro foi substituído. Não demorou que Coelho Neto, apesar dos seus esforços, sentisse o quanto seria difícil conseguir o apoio dos poderes competentes para colocar a Escola Dramática à altura de suas finalidades. Morreu e com êle desapareceu o único alento da Escola que era o bafejo de seu nome.

PROCÓPIO E MAIS DOIS OU TRÊS

Atualmente, das figuras de projeção que temos nos meios artísticos, apenas Procópio Ferreira e mais um ou dois, êstes sem grande cartaz, foram alunos da Escola Dramática. Isso bem prova a incapacidade da Escola, que só existiu — pode-se dizer — em sentido figurado. Os seus 41 anos de existência, com apenas um "astro" da arte de representar, prova que Procópio foi um ator caríssimo. Isso porque representa o único fruto maduro de uma árvore plantada em terreno árido... Os demais artistas que distraem as nossas platéias, elevaram-se com enormes sacrifícios, estudando com professôres particulares mediante taxas exorbitantes. E suportando as seleções convencionais ou não de certos elementos que desejariam monopolizar o Teatro Brasileiro. Por isso, os artistas brasileiros, apesar dos esforços despendidos no sentido de tomarem conta daquilo que lhes pertence, têm sido ludibriados durante as grandes temporadas, exceção feita à administração do atual prefeito, que vem proporcionando meios de se tornar realidade aquilo que o seu colega Bento Ribeiro idealizou.

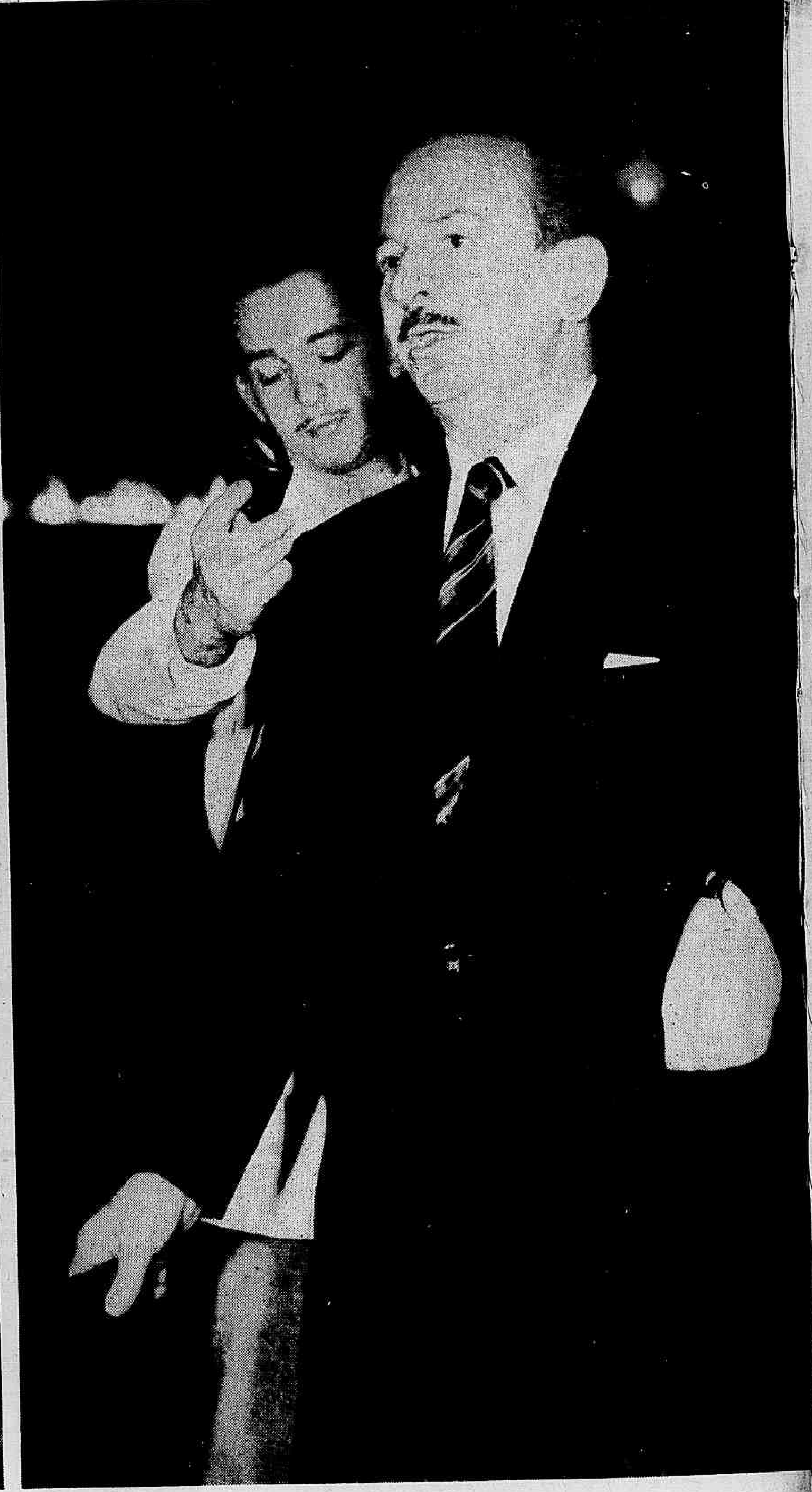


VIRIATO
Ainda êste ano será; representada a peça de Viriato Correia, "Tiradentes". O autor fazendo a leitura do original



ESTÍMULO

Dulcina e Odilon costumam frequentar as aulas da Escola de Teatro, estimulando com sua presença os alunos, se mostrar entusiasmados com o progresso dos jovens amadores



PALESTRA

Bandeira Duarte, crítico e escritor teatral, fazendo uma conferência em tôrno à história do Teatro. Assim os futuros artistas aclimatam-se ao espírito da crítica e aos seus juízos

A ESCOLA DE TEATRO DA PREFEITURA

Ultimamente, a antiga Escola Dramática tomou novos rumos, a começar pelo convite feito a Renato Viana para a sua direção. Vencendo grandes obstáculos, conseguiu-se que a Escola tivesse um teto próprio. E foi assim que ela se viu instalada no Teatro Joa Caetano.

Com essa instalação, grande foi o número de jovens que afluiu, sendo que atualmente Renato Viana conta com cinquenta, numa frequência absolutamente regular. Ao iniciar os seus trabalhos, tinha apenas sete alunos. Isso acontecia em virtude das dificuldades existentes. Em resumo, ao assumir a direção da Escola de Teatro da Prefeitura, Renato Viana encontrou-a na rua. Ela vivia de favores dos arrendatários das casas de espetáculos. Funcionava quando um empresário mais condescendente consentia que os seus palcos fôssem usados por empréstimo.

QUEM DESEJA SER ATOR?...

A Escola de Teatro faz parte do Serviço de Teatros do Departamento de Divisão Cultural da Secretaria Geral de Educação e Cultura. Rege-se pelo decreto n.º 7.815 de 26 de junho de 1944. Ministra dois cursos: um regular e seriado; outro livre, de conferências. A finalidade dêsses cursos é formar atores e atrizes. Portanto, a Escola é vocacional. Seu grau de ensino é médio. E a época de inscrição vai de 1 a 15 de março. Para ser ator basta que o indivíduo tenha a idade mínima de 16 e máxima de 28 anos. Para os candidatos do sexo masculino tolera-se a idade de 15 anos. Exige-se o curso ginasial para a matrícula, mas o candidato, revelando vocação, pode inscrever-se mediante as seguintes provas: português, prosódia, francês arte de dizer, literatura, história do teatro e arte de representar, além da moral do candidato, condição indispensável que faz um bom ator. A Escola de Teatro é um externato. Não cobra taxas e a matrícula e gratuita.

UMA VISITA À ESCOLA DE TEATRO

Sabíamos que desde 1947 estava à testa da Escola o dramaturgo Renato Viana, nome sobejamente conhecido do público brasileiro. Fomos ao Teatro João Caetano, onde encontramos a Escola em plena atividade. Não nos identificamos para melhor observar o que se passava no interior do casarão da praça Tiradentes. Em contacto com os alunos, sentimos o grande entusiasmo dos jovens que mais tarde explicavam ao jornalista:

"— Agora, sim. Temos um teatro, um palco para trabalhar e aprender! Muitos colegas são pobres, por êsse motivo não podiam pagar professôres particulares. E além disso, certos meios exigiam o sacrifício da moral. Estamos contentes. Vimos assim o nosso ideal acessível. Somos quase todos pobres e é com grandes sacrifícios que procuramos uma escola como esta para aprender. Temos agora um ambiente, uma escola ativa e um grande e dedicado diretor."

FALANDO COM RENATO VIANA

Sabendo da presença da reportagem, Renato Viana aproximou-se. Expondo-nos os seus pontos de vista, abordou aspectos capitais do seu programa. Ressaltou, no entanto os espetáculos gratuitos que a Escola proporcionará ao público em futuro muito próximo. Nesse sentido tem procurado contornar as dificuldades, contando com o apoio do prefeito Mendes de Morais, do secretário de Educação e do professor Maciel Pinheiro, pessoas dedicadas à causa da Escola de Teatro.

Renato Viana mostrou-se radiante por ter oportunidade de tornar público os seus planos de trabalho. Pediu mesmo que a reportagem divulgasse que êle receberá de braços abertos aquêles que desejarem ser atores ou atrizes. Depois de inúmeras considerações, abordamos os alunos que no momento se preparavam para os ensaios da peça histórica "Tiradentes", de Viriato Correia, êste, professor de história do teatro. A peça "Tiradentes" será encenada no fim do corrente ano e nela tomarão parte todos os alunos. Santa Rosa ficará responsável pelos cenários. Juntamente com Renato Viana, que se mostra otimista quanto ao sucesso que obterá com o seu trabalho em virtude de possuir elementos de grande talento a seu lado.

PROFESSÔRES E PROFESSÔRAS

E' grande o quadro de professôres, estando a Escola em vésperas de uma grande e eficiente reestruturação. Os alunos recebem aulas de português, francês e literatura com o mesmo empenho com que aprendem a arte de dizer ou de representar. Esta última cadeira pertence ao próprio diretor.

No primeiro dia em que a reportagem visitou o João Caetano, realizava uma conferência o jornalista Bandeira Duarte. Êle não faz parte do quadro de professôres. No entanto, Renato Viana costuma convidar os elementos de valor para a realização de conferências a fim de que os seus alunos recolham as idéias de elementos estranhos e assim julgar os seus mestres efetivos e a qualidade do trabalho que êles realizam. Isso representa um grau de educação democrática bastante elevado. Forma dentro dos espíritos dos alunos a confiança e o respeito pelo seu diretor, e consequentemente o esfôrço e dedicação por parte dos mesmos.

São muitos os professôres da Escola de Teatro: Heloisa dos Reis Maranhão leciona português e literatura; Maria Rosa Ribeiro ensina prosódia; Maria Amélia da Costa Braga leciona francês; Maria Paula de Barros Monteiro exerce a cadeira de arte de dizer. Nilza Magrassi, Maria de Lourdes Alves, Edite Vasconcelos, Edite Ferreira, Léida de Azevedo, Rosa Gomes e outras, que nos escapam no momento, lá ensinam também outras matérias.

★

Renato Viana, inegavelmente, é uma personalidade capaz de elevar a Escola de Teatro. Sua fôlha de serviços prestada ao Teatro Brasileiro é muito vasta. Seu prestígio como ator é muito bom. Como autor, excelente. No norte do Brasil sua figura representa o que há de mais notável na cena brasileira — por ter sido êle um dos poucos que têm levado às platéias nortistas bons espetáculos. Presentemente conseguiu que a Escola de Teatro da Prefeitura do Distrito Federal tivesse um teto. O prefeito é um homem que sempre correspondeu às aspirações dos artistas. Recentemente, respondendo a uma petição que lhe foi feita em verso, por uma funcionária de pequena categoria, fê-lo também em verso e favoravelmente. Isso representa muito bem as suas intenções para com os artistas brasileiros. Prova que não foi somente Manuel Bandeira que mereceu uma resposta em verso.

Renato Viana pretende realizar o que Artur Azevedo mais desejou: dar aos atores brasileiros as platéias brasileiras. Recentemente fêz um ante-projeto que já foi sancionado pela Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal, e já nas mãos do prefeito da cidade. Êsse anteprojeto prevê a reestruturação geral de todos os quadros do Teatro.

DANÇA, PIANO, BAILADOS E...

Futuramente Renato Viana pretende abranger a ópera, o que seria uma conquista de grande alcance. Dança, piano, bailados e uma infinidade de variantes que integradas fazem um artista perfeito; tudo isso sem que se gaste um único centavo. Positivamente já temos uma escola de teatro quase à altura das nossas necessidades. E estamos certos de que Renato Viana, com a ajuda do govêrno, dará à mocidade brasileira uma casa de onde sairão centenas de Procópios. Procópios que gerarão Bibis. E então o povo brasileiro não terá apenas Badus, artistas que são frutos de más orientações, artistas que se geraram alhures, aos trambolhões, sem finalidade. Fôssem êles produto de uma escola onde houvesse moral, e o público não teria preferência por teatros de revistas, onde as pernas e as piadas indecorosas representam a única atração.





DURANTE A AULA

Em cima, um grupo de professoras, e em baixo, outro de alunos da Escola de Teatro. O cidadão de branco é oficial do Exército e um grande apaixonado da arte dramática. Êle será, também, um dos intérpretes de "Tiradentes"

ARTE DE REPRESENTAR

Renato Viana disserta sôbre a arte de representar, cadeira ocupada pelo diretor da Escola, ora instalada no João Caetano. Dulcina e Odilon, assistiram, nessa tarde, às aulas



MARCAÇÃO

Intérpretes e professores estudam a marcação de "Tiradentes" que Viriato escreveu para assinalar a estréia da Escola de Teatro. Os ensaios estão adiantados e prometem êxito



BARALHADA

Quem não conhece as cartas de um baralho? Até os analfabetos, que não distinguem as letras, conhecem os naipes...

Na **baralhada** da política não é, porém, tão fácil distinguir as cartas.

Não se sabe bem qual é o trunfo, qual é o rei de ouros, o rei de copas, o coringa, o rei de espadas e o dois de paus...

GENTE DE RÁDIO NA POLÍTICA



SAGRAMOR não quer mais nada com a política, por julgá-la desnecessária ao seu programa de ação. Limitar-se-á a escolher um candidato e aconselhá-lo às suas ouvintes

Enquanto Edgard Carvalho promete defender os postulados do P. T. B., Sagramor de Scuvero diz não gostar de política... ★ Júlio Lousada baseia sua plataforma em princípios cristãos e Urbano Lóes sente-se mal ouvindo certas propostas...

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

O rádio, como nas eleições passadas, não quer ficar à margem do pleito que se avizinha. Os primeiros candidatos alinham-se para a disputa de uma cadeira em qualquer das casas legislativas, fazendo do microfone o ponto de partida para as costumeiras e demagógicas plataformas. Todo um punhado de gente que dá duro nas emissoras nacionais, quer escrevendo, quer interpretando programas, confia no aprêço dessa incontável legião de fãs que dia a dia se torna mais caudalosa. Será este caso não exista ficção nas estatísticas, que os levará às urnas, elegendo-os para o mandato de representantes do povo, como aconteceu a Sagramor de Scuvero, Ari Barroso, Manuel Vítor e tantos outros. Isso, porém, sem esquecer os que, na horinha H, se viram traídos pelo eleitorado, como César Ladeira, Jararaca e Cláudio Mancini. E não se diga que essa trindade seja menos querida no círculo radiolista do que os eleitos. Pois assim mesmo o locutor Cláudio Mancini não ultrapassou a casa dos duzentos votos, como candidato pela Esquerda Democrática, enquanto Jararaca teve de contentar-se com mil e quinhentas cédulas na legenda do extinto Partido Comunista. César Ladeira, então, nem formou no páreo, contrastando com o criadora de "O mundo não vale seu lar", que teve seu nome sufragado por quatro mil duzentos e cinquenta e cinco eleitores, o mesmo acontecendo a Ari Evangelista Barroso, levado à Câmara Municipal com o apoio de cinco mil seiscentos e vinte e três fãs.

Edgard Carvalho foi outro que sobrou nas eleições passadas. Suplente de vereador na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro, nem por isso desanimou de concorrer às eleições que se anunciam. Tanto que já vem ativando sua propagandazinha. Espírito combativo, fazendo do seu "Assisti de camarote" a tribuna livre em que permanece em contacto direto com o eleitorado carioca, o produtor da Tupi tal como nas últimas eleições, propõe-se uma vez eleito, defender:

— ...os postulados contidos no programa do meu partido, que tem uma base socialista, e sintoniza com as justas aspirações do povo. Mas, além disso, ouvirei sempre o grito angustiado que sobe do asfalto, o protesto do homem da rua da dona de casa que mora nos subúrbios esburacados, nos bairros sem água e nesta cidade que já foi Maravilhosa e hoje é metrópole das mil dificuldades. Isso que estou dizendo não é demagogia nem promessa vã, porque hoje — que sou apenas suplente de vereador na legenda do P.T.B. — já atendo ao protesto do povo, clamando pelo microfone PRG-3 na minha crônica diária, às 11,55 da manhã, intitulada "Assisti de camarote". E dou orientação ao povo muitas vêzes desnorteado, defendendo-o nos tribunais ou pleiteando junto às autoridades os seus direitos, no programa "Queixas e reclamações". Como o programa é de apenas cinco minutos, atendemos fora do microfone a mais de cem pessoas, diariamente. Recebo, em média, duzentas cartas por dia, reclamando ou pedindo as coisas mais diversas. Contudo, quero que fique bem esclarecido que o nosso serviço social nada tem a ver com a parte política, pois atendemos indistintamente e preferimos mesmo auxiliar à velhinha paupérrima e analfabeta do que o homem forte, que tem um título no bolso, mas está desempregado porque não gosta do batente.





ARI não se decidiu, por enquanto. Talvez, à última hora, êle não resista à tentação. À direita: Edgard Carvalho já é suplente de vereador pelo Partido Trabalhista, daí sua decisão de formar no próximo páreo, a fim de conquistar o almejado lugar na "Gaiola de Ouro". Defenderá os interêsses do povo se fôr eleito para tão elevado pôsto — promete

PAUSA PARA MEDITAÇÃO

Júlio Lousada, através da "Oração da Ave Maria'', conquistou o Brasil inteiro. Milhares de cartas, com desusada frequência, batem nos escaninhos da estação da avenida Venezuela endereçadas, é claro, ao "reverendo''. Daí deduzir-se que Lousada é um candidato eleito, uma vez que êsses missivistas exigem a sua presença numa das casas legislativas. Aliás, o locutor não está descuidado de sua candidatura, tanto que o encontramos numa tarde destas, ouvindo conselhos de seu grande amigo Orestes Barbosa. À queima-roupa atiramos-lhe a pergunta:

— Você será candidato no próximo pleito?

— E' possível, uma vez que assim desejam amigos e fãs.

— Qual o partido de sua preferência?

— Não tenho preferências por partidos políticos, considero que os atuais trabalham por uma definição mais vigorosa das conquistas sociais e da concretização do regimem democrático, mas espero, em breve, fazer uma declaração detalhada sôbre o assunto.

— Por que não a faz agora?

— E' muito cedo.

— Uma vez candidato, quais seriam seus planos?

— Procuraria integrar-me no programa do partido a que me filiaria, para depois, então, apresentar ao público minha plataforma, baseada nos princípios por que tenho me batido há doze anos pelo microfone, em programas que se tornaram populares como a "Oração da Ave Maria'', "Pausa para meditação'', "Salão Grená'' e outros que deixaram o ar mas ficaram na lembrança de todos, como "Evocação'', "Teatro de amadores'', "Assim falou''.

— Como será feita a sua propaganda, caso seja candidato?

— O segrêdo é a arma da vitória. Na ocasião será feita essa propaganda em métodos até hoje não apresentados.

QUANDO O PARLAMENTO
E' DESNECESSARIO

Ainda na casa legislativa do Distrito Federal, fomos encontrar Sagramor de Scuvero que, sobraçando recheada pasta, caminhava para o plenário, a fim de defender um projeto de sua autoria. Interceptamos-lhe os passos, curiosos de saber se a orientadora dos programas femininos da Rádio Globo ia concorrer à cadeira de que é ocupante. A espôsa de Miguel Gustavo, com êsse espírito de camaradagem que a tornou preciada por todos, fêz um sorriso amargo e sapecou a resposta:

— Quantas vêzes traçamos planos para o futuro e um acontecimento grave e sério chega, olha-nos e modifica tudo! E lá vamos nós por outra estrada abandonando o caminho desejado. Peço a Deus que não me aconteça isso. Que eu possa viver os próximos anos como os planejei — e se tal se der será uma raridade em minha vida. Nem sempre pude viver como quis — e sim como a vida se apresentou, embora não tenha queixa dela e sim agradecimentos. Todo êsse "intróito'' é para responder-lhe que não serei candidata novamente. Por que? Veja: 1.º — Eu posso trabalhar pelo povo também fora da Câmara. Há onze anos que trabalho pelos outros e há três que estou na política. Se trabalhar pelo povo fôsse exclusividade dos parlamentares eu voltaria. Mas graças a Deus não é. No meu escritório da Carlos Gomes com o apoio e o auxílio das minhas ouvintes, posso realizar muita coisa. Tenho resolvido situações de classes inteiras; consegui uma situação digna para o organismo central dos menores abandonados; tenho defendido leis para a melhoria de todos; tenho criado serviços no organismo federal. 2.º — Mesmo não sendo eu parlamentar, posso, como você, levar as reivindicações que achar justas, os projetos que julgar úteis, as necessidades do povo, enfim, até a tribuna de um parlamentar honesto — e existem muitos. E êle as defenderá com certeza. Logo, para os meus ideais, para os meus anseios de uma vida melhor para todos, não há necessidade que seja eu o parlamentar. Dirá você: então por que se candidatou? Por que um dia achou melhor ir você mesmo defender suas idéias? A resposta é justamente a razão. Sem um enorme sacrifício não há tempo humano (eu tive a prova nestes 3 anos) para dar conta do meu escritório de serviço social onde há um imenso serviço, e da Câmara, onde há enorme trabalho. A Câmara me toma tôda a tarde, de quatorze às dezessete e às vêzes até as dezenove, ou ainda até mais tarde, quando há sessão noturna. E fora dêsse horário estudo projetos, pareceres, mensagens. Estudo e verifico, quantas vêzes "in loco'', o material, o assunto dos meus próprios projetos. Fazer o serviço do meu escritório; ir a morros, a hospitais, a asilos, a "cabeças de porco'', organizar campanhas financeiras, atender os que me procuram, supervisionar os nossos departamentos: médico, jurídico, dentário, farmacêutico, etc... Para tudo isso eu tenho as manhãs e a noite. E' possível? Sim, foi possível nesses três anos, mas sei eu com que sacrifícios. Noites em claro, perda de pêso e saúde, renúncia a qualquer diversão, meses e meses sem um cinema, às vêzes faltando à Câmara para acertar melhor os casos do escritório, às vêzes faltando ao escritório para atender melhor à Câmara. Não quero fazer um



URBANO LÓES está indeciso... As propostas que tem recebido não o animam a formar no páreo. Mas os entendidos no assunto, têm como certa a candidatura do "velho" da "Conversa em Família", a uma das cadeiras da Câmara dos Deputados

relato de dificuldades e martírios, mas garanto-lhe que foram cruéis êsses três anos. Ensinaram-me a não repetí-los.

Sagramor interrompe, por instantes, a conversa. Um vereador indaga-lhe qualquer coisa. Ela responde, voltando a palestrar conosco:

— Eu teria que escolher candidatando-me de novo: ou entrego o escritório de serviço social a alguém e fico apenas superintendendo e me dedico à Câmara, ou entrego a Câmara a alguém e fico só colaborando e me dedico ao escritório. Como entregar a alguém o meu lugar na Câmara? Como mandar para lá alguém em meu lugar? Aí está feita a escolha: amo o meu escritório de serviço social como se êle fôsse minha casa, como se êle fôsse uma criatura humana, feita do meu sangue e da minha carne. E' o serviço que pedi a Deus — e ganhei. Não me pagam por êsse serviço quinze contos nem quinze centavos, pois o ordenado que recebo da Rádio Globo é pago por aquilo que eu escrevo e pela minha atuação ao microfone. O meu contrato com ela, Rádio Globo, nem se refere ao meu serviço social. E por causa dêsse serviço tenho perdido ótimos contratos, pois nem tôda estação tem local próprio para o mesmo. Mas também não poderei com quinze contos mensais fazer o que faço com a satisfação diária e alegria permanente que êsse serviço me dá. E eu, perdoe a falta de modéstia de uma paixonada, me julgo indispensável no meu escritório, onde, com um punhado de ouvintes preciosas, tenho realizado verdadeiros milagres. Temos trabalhado pelo povo, com resultados maravilhosos — não dando apenas roupa, comida e remédios e sim também fazendo obras de interêsse coletivo. Fico, portanto no meu escritório. Escolherei um candidato honesto e ardoroso, combativo, lutador. Trabalharei pela candidatura dêle e terei em troca o compromisso da defesa de idéias e ideais que eu lhe levar referendados pelas minhas ouvintes. E eu continuarei no trabalho que adoro acima da minha própria carreira no rádio. E a última razão — não gosto de política. Não tenho vocação para ela. Sou inquieta e impaciente por natureza: quando alguma coisa tem que ser feita gosto de meter as mãos, e fazer, fazer, até vê-la pronta. Não admito empecilhos, dificuldades, "burocracias da idéia" — e como fazer política sem paciência e calma, sem fazer de conta que o tempo não é tempo, é farinha e perdê-lo longamente, prodigamente, levando meses com alguma coisa realizável em um dia? As fôfas poltronas da Câmara Municipal depois do terceiro discurso sôbre o mesmo assunto começam a ter espinhos p'ra mim e eu fervo de impaciência. Sei que o debate é necessário, mas quando êle se prolonga por dias seguidos, quer dizer apenas que ninguém está de acôrdo e até o almejado acôrdo, como se discute como se perde tempo! Não é culpa dos homens — não conheço na minha Câmara um vereador desonesto, não vi uma só "mamata" como se diz vulgarmente. E' culpa da política, do seu organismo, de sua estrutura. São êsses os seus caminhos. Ela é que deve ser modificada, ventilada, simplificada. Assim como é, não a compreendo não a sintonizo. Não me dou com ela. E para explicar desenvolver detalhadamente o que penso sinto diante dela, levarei páginas e páginas. E' bom ser político, sim — trabalhar pelo povo realçar idéias, ter prestígio, posição, situação, poder fazer o bem em geral e em particular — tenho empregado pessoas que estavam à beira do suicídio por causa de pão e teto — sem emprêgo há tempos. Ganha-se muito bem, mas é uma questão de temperamento, é preciso que se aprecie o trabalho lento, que se goste de coisas como "demarches", "conversações", "acordos", "ajustes", "conferências de gabinetes" e "discussões de plenário" até que a maioria das cabeças tenham a mesma sentença. E até êsse ponto mesmo greves são feitas. . .

— Quer dizer que não será mesmo candidata?

— Escolherei um político e o apoiarei. Êle, entre outros encargos, aceitará o de representar os anseios que baterem à porta do meu escritório. Ficarei no meu

(Cont. na pág. 49)



JÚLIO LOUSADA é outro sério candidato. Querido por milhares de ouvintes, êle fêz da "Oração da Ave Maria" e da "Pausa para Meditação", sua plataforma. Nisso é que se baseará para figurar entre os candidatos à Câmara do Distrito Federal

A FLOR DO CACTO

NÃO havia, há uns vinte anos atrás, em alguns Estados, o mesmo respeito aos direitos adquiridos que há hoje; e o acesso a certos cargos era, às vêzes, produto de simpatias, padrinhismo e cambalachos. Havia mesmo inúmeros empregados estranhos ao quadro de funcionários, favorecidos por pedidos e obséquios feitos.

Entre êstes, contava-se Jovêncio, admtido naquela repartição antes da nomeação do então diretor, sr. Ventura, sujeito pernóstico, intrigante e que chegara àquele cargo subindo os degraus necessários, é certo, mas não sem uma boa dose de política e servilismo.

Sabia agradar quando era mister fazê-lo e quando estava em jôgo a sua carreira e o seu dinheiro.

Não se julgava mal por isso. Nunca tivera tempo nem feitio para analisar as suas ações nascidas de um modo de ser porque eram um reflexo mesmo do seu caráter egoísta e interesseiro.

Os que não subiam na vida eram aos seus olhos criaturas medíocres, sem valor.

— O mundo é dos fortes — dizia. E a fôrça para êle resumia-se nisso: dissimular, fingir, mas vencer.

A repartição era para êle a continuação do seu lar. E, como para isso, a implantação do seu regimem doméstico se impunha, êle o fazia. Porém, se manejava a mulher a seu gôsto, a seu bel-prazer, porque era boa e era sua espôsa, não acontecia o mesmo na repartição, onde êle não podia abafar os murmúrios que nasciam ao seu redor como tiririca brava.



Todos sabiam que êle era um vencedor, mas sabiam também que outros haviam sido preteridos por êle; outros com mais direitos. E murmurava-se.

O sr. Ventura porém não fazia caso e ia arregimentando entre os empregados os seus preferidos, os que liam ou fingiam ler pela mesma cartilha, que o adulavam e faziam os mexericos do dia, prestando-lhe uma vassalagem a que êle correspondia, com um ar importante na figura muito pequena e redonda espetada por duas pernas finas e curtas.

— Tamanho não é documento — dizia, impertigado.

Mas, pelas dúvidas, esticava-se quando andava, no intuito de parecer mais alto; e tinha dentro de si um desgôsto enorme de ser baixo. E, por uma questão de lógica, numa alma baixa também suas perseguições dirigiam-se quase sempre às criaturas altas e aos fortes.

Gostava de humilhá-los. Como que se sentia crescer nesses momentos. E lembrava-se então dos seus pais com amargura e ressentimento.

Criaturas assim não deviam casar — pensava.

Mas êle casara, e a mulher nada tinha de gigantesca. O que lhe faltava em tamanho, porém, sobrava-lhe em bondade. Deus equilibra as coisas. E ai de nós se não fôsse assim!

D. Luísa suportava com uma paciência angélica o gênio atrabiliário e implicante do marido, o seu sovinismo e a sua secura.

Êle lembrava-lhe às vêzes um cacto que tivera em casa, cheio de espinhos, apesar da sua rêsa que tivera um dia ao ver uma linda flor côr-de-rosa brotando daquela espinheira tôda.

Teria algum dia, também, o sr. Ventura, a sua flor rosa germinando daquele gênio e daquele egoísmo bravo?

Talvez.

Enquanto isso ela procurava desculpá-lo.

— Coitado, está velho.

— Mas não era nada disso, e ela o sabia. Êle fôra assim a vida inteira.

Só êle sabia, só êle valia, só êle mandava. Desde Mato Grosso, moço ainda e estudante. Casara depois com ela, moça instruída, cheia de ideais, mas humilde de gênio. E d. Luísa passou a ser nas suas mãos um ratinho prêso nas garras de um gato bravo. Ao fim de um ano era um fantoche. Era um "sim" a tudo o que êle queria.

NOVELA DE **MARIA ADELAIDE MIRANDA**

E como os anos passavam e os filhos não vinham, o homem enfezou-se e foi aí que êle conheceu Jacira, uma cabocla bonita, roliça, de grandes olhos prêtos, que êle encontrou por acaso num lugar retirado onde fôra caçar.

Durou só um ano aquela ligação e aquela loucura, porque teve que embarcar para aquela cidade onde conseguira a sua nomeação. Deixou porém à jovem um retratinho seu. Tolice de moço.

E foi a única vez em que o Ventura sentiu o coração vibrar. Depois disso endureceu de novo e fechou-se a todo o afeto, árido e rude como espinheiro bravo.

E os tempos passaram. Dez vinte, trinta anos...

Ninguém reconheceria nele o rapazinho de um certo retrato, nem êle era mais o Juquinha Ventura. Mudara muito. Era agora o sr. João de Almeida Ventura, mui digno chefe de uma repartição pública. Subira na vida. Tinha que subir, embora para isso outros tivessem que parar.

Porém o mundo é assim mesmo; e dizem que torto é que êle está direito.

Mas, apesar da sua posição invejável, o Ventura lembrava-se às vêzes, com saudades, da única mulher de quem gostara de verdade. Bom tempo aquêle!

Enfim — pensava — fôra preciso acabar; nem aquilo era coisa que pudesse durar.

E agora a vida resumia-se na sua casa e na repartição, na bisca aos domingos, metido num pijama listrado, largos chinelos, berrando e exigindo para não perder o costume e, procurando pelos cantos dos olhos avistar o jôgo do vizinho, trapaceando sempre.

Eram aliás os únicos momentos em que se humanizava. Brincava, contava anedotas picantes, rindo e fazendo os outros rirem sem vontade.

Ao jantar já era outro, de cara fechada; todo fechado. E na segunda-feira continuava a mesma vida, com as suas ranzinzices e suas perseguições.

O mais atingido no momento era o Jovêncio, novato ainda na repartição, moço, alto, forte, apesar de maltratado, andando na ponta dos pés para não fazer barulho e não chamar a atenção do velhote, ferino, mordaz e implicante.

E o pobre não podia atinar com o motivo de tanta antipatia.

— Só tem tamanho! Vocês são todos uns ignorantes, uns bestalhões! — berrava o chefe. — Ande! Mova-se! Vá me buscar aquêle papel; já devia estar aqui!

— Sim, senhor — murmurava o coitado. E lá ia no bico dos pés.

— Ande como homem! — gritava o Ventura. — Parece mulher!

E Jovêncio não sabia como andar, nem o que fazer.

A vida para êle andava ruim mesmo, com aquela perseguição a mulher esperando filho e êle crivado de dívidas.

Já fizera vales na caixa, não tinha mais a quem pedir, nem quem lhe valesse. E ainda por cima aquêle inferno de vida que o chefe lhe dava.

Não fôsse a sua situação e não aguentaria aquêle emprêgo, nem aquela humilhação diária. Ele afinal era um homem, muito mais homem do que aquêle cara de cimento. Atrevido! Não fôsse a mulher e o filho que esperava, a coisa seria outra. Perderia o emprêgo, mas daria uma lição àquele sujeito que a ninguém respeitava, a ninguém que dependesse dêle, é claro.

E agora o sangue queimava-lhe nas veias, assim que entrava no gabinete do chefe. E êle enterrava com fôrça as mãos nos papéis desabafando a vontade que tinha de apertá-las num certo pescoço gordo e balôfo.

Não andava mais na ponta dos pés; desistira.

Mas ficara-lhe ainda um resto de medo; medo da fome; não por si, porém pelos seus.

O Ventura naquele dia aparecera alegre de repente. Ninguém reconheceria nele o chefe ruim e mal humorado de tôdas as horas. Por que? Mistério.

Porém, há dois dias, era visto no seu gabinete uma moça bonita morena e de grandes olhos prêtos

— Um pedaço! — murmuravam os empregados com o olhar cobiçoso.

Ventura devorava-a com os olhos, falava-lhe todo maneiroso e depois que ela se ia ficava a pensar.

Era o retrato de Jacira. Era Jacira outra vez.

E a moça veio uma, duas vêzes; depois veio sempre. E os empregados suspiravam e murmuravam:

— Sim, senhor! Para quê deu o homem!

Ventura saía cedo agora, e o seu rosto andava menos fechado. Já parecia rosto de gente. Tornara-se menos bruto. Galhofava. Para o Jovêncio no entanto era o mesmo.

— E' bonito êste seu empregado — disse um dia a moça ao sair, reparando no rapaz, com o olhar risonho. — E' uma bela estampa!

Ventura não gostou.

Complexos de almas baixas e mesquinhas.

A perseguição redobrou, e cumulou num dia em que ela foi ao gabinete falar com Ventura.

(Continua na pág. 47)

Nicodemus

VOS LEVA A PINTAR UM

Nú artistico

A PRINCIPIO
O INDIVIDUO
SE PREOCUPA
COM A TELA
OS PINCEIS
AS CORES
NÃO SABE
SE EMPREGARÁ
O VERDE
ESMERALDA,
VERONESE,
INGLÊS
DE UM
A
CINCO;
O
AMARELO
LIMÃO,
BRILHANTE,
CROMO;
O AZUL
ULTRAMAR,
COBALTO,
DA PRUSSIA;
A TERRA DE SIENA
NATURAL,
QUEIMADA;
O BRUNO VAN DYCK;
A LACA ROSA
CARMINADA;
O VERMELHÃO
DE VENEZA,
FRANCÊS;
A VIOLETA MAGENTA
NEM SABE SE EMPREGARÁ SOMBRA ...



ENTÃO BATEM À PORTA
TOC-TOC-TOC
TOC
E
ENTRA AQUELA COISINHA
QUE O INDIVIDUO
CONTRATOU PARA MODELO
PAGO
REGIAMENTE
À HORA ...



O TEMPO URGE.
URGE APROVEITAR A VEIA ARTISTICA
A INSPIRAÇÃO.
O MODELO SE APRONTA ...

MAS DIGAMOS QUE VOLTANDO NA
TARDE SEGUINTE INDISCRETAMENTE
DEMONSTRASSEMOS AO PINTOR O DESEJO
INCONTIDO
DE VER
ESPIAR
DAR UMA OLHADINHA NO QUADRO...





CENA DE EXIBIÇÃO de capoeiragem na Cidade do Salvador, Bahia, executada por exímios "capoeiras", diante de turistas em visita àquela capital. O "capoeira" não usa armas. Êle recorre exclusivamente à agilidade corporal, possuindo prodigioso instinto de improvisação, surpreendendo o antagonista, vencendo-o com golpes inesperados e rápidos

CAPOEIRAGEM, NÚMERO DE TURISMO

MUITAS voltas dá êste mundo. O "capoeira" já constituiu uma calamidade nacional. Dizem as crônicas que a arma da malandragem, isto é, a "capoeira", com todos os seus "pontos", como o "rabo de arraia", a "rasteira" o "pião", etc., era o terror dos habitantes do Rio nos começos do século XIX, a praga que cresceu assustadoramente com a chegada de D. João VI e todo o seu séquito de quinze mil retirantes da metrópole portuguêsa.

O "capoeira" atacava e se defendia com o auxílio de todo o seu corpo, utilizando pernas, braços, cabeça num processo de incrível agilidade. À noite, com as ruas estreitas e mal iluminadas, era uma temeridade sair-se fora de portas. Os "capoeiras" andavam farejando suas vítimas. Atacavam para arranjar dinheiro e aí daquele que não os atendesse. Debalde alguns puxavam armas. Um golpe certeiro e rápido lançava pistolas e punhais longe, enquanto o cidadão era subjugado e arremessado ao chão.

A "capoeiragem" fêz época. De 1808 até ao govêrno republicano de Deodoro, durante quase um século, essa instituição popular de valentia indígena, se manteve numa posição de grande prestígio, ora atacada por certas autoridades, ora chamada em auxílio do próprio poder público.

E' o caso daquele major Vidigal, Miguel Nunes Vidigal, auxiliar do comandante da polícia militar, recém-criada para reprimir os desordeiros do Rio. Vidigal entrou em cena com o propósito de acabar com os "capoeiras", uma vergonha para a cidade. Um ano depois Vidigal reconhecia que, com o seu processo de dar surras de chicote nos "capoeiras" estava dando certo, embora a raça continuasse a existir. Mas, infelizmente, era o próprio Príncipe D. Pedro quem se juntava com a ralé e permitia que se relaxassem as diligências contra a capoeiragem. O Chalaça, a figura mais pitoresca e servil do primeiro reinado, que de barbeiro passou a Ministro Plenipotenciário do Brasil na Europa, era um dos conselheiros do Príncipe e seu guarda-costas de confiança. Chalaça conhecia a capoeiragem e os "ases" da perna. E o Príncipe, com aquêle seu gênio aventureiro e gozador, precisava de capoeiras para protegê-lo de certas pessoas ciumentas em noites de luar ou de escuro.

Sucedeu, porém, que, certa vez, Vidigal, o perseguidor dos capoeiras, teve que convocá-los em massa para dominar uma revolta de tropas mercenárias, formadas por militares alemães e irlandeses. Contra aquela soldadesca embriagada e arrogante, só mesmo a capoeira. E a luta se deu, com a vitória dos capoeiras do Rio.

Vidigal dominara a rebelião dos militares mercenários, mas perdera o prestígio. A capoeiragem recrudesceu e dominou novamente o Rio. A seis de abril de 1831, rebenta a revolução que ia forçar a abdicação de Pedro I, e a capoeiragem se sentiu à vontade. O que foi aquêle episódio, dizem as crônicas da época. Os capoeiras tiraram o atraso e cometeram horrores contra os portuguêses. E êsse legado de desordem foi transferido da monarquia à república.

O exemplo do Rio se estendeu a muitos Estados do norte do Brasil, especialmente Pernambuco, Bahia e Alagoas, onde a capoeiragem era exercida com muita eficiência. O Recife possuia seus grandes "capoeiras", quase sempre homens de côr, valentes e indomáveis como o famoso "Nascimento Grande", terror da polícia e rei das zonas perigosas.

O treino para a capoeiragem eram os desfiles militares. À frente das bandas de música havia um enxame de moleques a "jogar capoeira" e a gritar "Fora Espanha!", aí pelos começos do século, quando os exercícios de fogo eram realizados na Campina do Bodé.

Os meninos, jovens de doze a dezoito anos, divertiam a assistência com suas evoluções de rasteiras, pulos, passos de tôda sorte, tudo dentro do estilo da capoeira. Quando cresciam, deixavam as passeatas à luz do dia, à frente das bandas militares e iam aplicar sua "escola" e o seu curso nas zonas da irresponsabilidade e do crime. E curioso acrescentar que, o passo carnavalesco chamado "frêvo" nasceu da capoeiragem, convertendo-se, porém, em coreografia inofensiva e puramente diversional, perdendo o caráter de luta, de arma de ataque ou defesa.



FOI ASSIM que os pernambucanos transformaram a capoeira em passos de uma dança carnavalesca: — o frêvo.

Com a república, porém, os capoeiras tiveram que desistir de seu prestígio. No govêrno de Deodoro, ministros se reuniram e, dando todo o apoio ao chefe de Polícia, decidiram acabar de uma vez com os capoeiras da capital federal.

Àquele tempo era ministro da Justiça o dr. Campos Sales, e Sampaio Ferraz, chefe de Polícia. O plano de Sampaio Ferraz não era o mesmo de Vidigal, em 1808. Nada de chicote, nem de prisões no Rio. Todo capoeira prêso, seria mandado para a ilha de Fernando Noronha. E não era preciso que o capoeira fôsse pegado em flagrante. Bastava ser encontrado na cidade. Todos êles eram conhecidos da polícia. Houve protestos, grita da imprensa, pedidos, reclamações. Sampaio Ferraz tinha todo o apoio de Deodoro e do Ministério. Carta branca. Quem fôsse capoeira ia para Fernando Noronha.

Era tal a quantidade de valentões no Rio, que, dentro em pouco, rara era a família que não tinha um parente próximo ou longínquo gozando das delícias da ilha nordestina. Mas, um dia, surgiu na cidade esta notícia: Juca Reis, o grã-fino da capoeiragem elegante, o capoeira de gravata e cartola, rico, de família importantíssima, adulado e querido das mulheres, estava para chegar de Lisboa, onde tinha ido a passeio.

E então diziam pela cidade: — "Queremos ver se Juca Reis, o filho do primeiro Conde de Matosinhos e irmão do segundo titular dêsse título, vai também para Fernando Noronha!"

Juca Reis era um desordeiro. Ágil, valente, estribado nos títulos da família, no seu dinheiro, na sua importância de aristocrata, êsse fidalgo já havia navalhado muita gente, quebrado a cabeça de mulheres e homens, provocando desordens sem conta neste Rio de Janeiro ainda sujo, torto, pestilento. E para Sampaio Ferraz não havia diferença entre o capoeira negro, pobre, sem classificação social e o de gravata e bengala de castão de marfim. Era tudo uma corja só. Fernando Noronha com êles!

E o dia chegou. Juca Reis desceu do brigue que chegou de Lisboa e foi para sua casa. A família o recebeu com festas e abraços. O povo ficou alerta. Naquela mesma

(Cont. na pág. 52)



COM VIOLENTO "rabo de arraia", o antagonista arremessa o outro ao chão. Foi assim que o capoeira do Rio venceu famoso japonês num dos palcos da cidade, há anos. Em baixo: Dois capoeiras mostram a visitantes da Bahia como se luta sem recorrer a armas. Agilidade, braços e pernas, e bons golpes de vista, eis tudo que o capoeira precisa



IGREJAS DA BAÍA

OS PRECIOSOS TEMPLOS DA CIDADE DA CACHOEIRA

Antonio Loureiro de Souza
Do Instituto Histórico da Bahia
Diretor do Arquivo Municipal do Salvador

ENCRAVADA no vale do Paraguaçu, data de séculos a sua existência. Nasceu quase logo depois do Brasil. E cresceu, para ser, mais tarde, uma das pioneiras na história da independência nacional. Tem dado filhos eminentes: Rodrigo Brandão, Teixeira de Freitas, Ana Nery, Maria Quitéria e outros grandes vultos que lhe souberam, sempre, honrar as tradições. Tem um lugar de relêvo na história do Brasil, já de si cheia de fatos memoráveis e brilhantes.

Cachoeira, a Heróica. Assim denominada pela lei de número 43, de 18 de março de 1837, em virtude dos seus feitos gloriosos, quando das lutas em prol da nossa independência política.

Segunda vila fundada por D. João de Lencastro, era, na época, "a de maior área conhecida, como centro, por excelência, dos nossos primeiros ensaios no cultivo da terra e na expansão do nosso comércio".

A criação da freguesia, no entanto, com a denominação de N. S. do Rosário da Cachoeira, remonta a 1696. Outros historiadores, dentre os quais Frei Agostinho de Santa Maria, querem haja sido a 18 de fevereiro de 1674, pelo Chantre da Sé, padre Francisco Pereira, Visitador Geral do Recôncavo. Pode-se recuar ao período 1595-1606 para encontrar-se os primeiros sinais de vida da antiga povoação, pois, já nesse ano, era fundada a capela de N. S. d'Ajuda.

Assim, pois, a história da Cachoeira remonta aos primeiros tempos do descobrimento. A sua evolução não foi muito lenta, pois, já em 1781, em carta dirigida a Domingos Vandeli, Diretor do Jardim Botânico de Lisboa, assim se expressava José da Silva Lisboa: "A vila da Cachoeira não cede em grandeza e riqueza a algumas pequenas cidades de Portugal."

Em 1802, escrevia Vilhena: " A vila da Cachoeira se faz recomendável e opulenta por ser caixa de todo o Tabaco, que se fabrica no seu continente, (sic) donde se conduz para a cidade; e a ela e a Muritiba, vão aportar todos os que descem de Minas e dos Certons..."

Mas, não nos propomos tratar, nestas notas, a história da Cachoeira. Seria longa a tarefa, notadamente se nos detivéssemos a estudar a marcante influência que teve a terra de Rodrigo Brandão e Ana Nery nas lutas da Independência, quando de lá partiram os primeiros brados contra a opressão lusitana, derramando os seus filhos o sangue generoso em prol da nobre causa.

UMA CAPELA QUE DATA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVI

Outra cidade do interior baiano não existe que possua número igual de templos como a Cachoeira. Senão vejamos: N. S. d'Ajuda, N. S. do Amparo, N. S. da Conceição do Monte, N. S. dos Remédios, N. S. do Rosário da Terra Vermelha, N. S. da Conceição dos Pobres, Santo Antônio de Capueirussu, N. S. do Monte do Carmo (Convento), Ordem Terceira do Carmo, São João de Deus e N. S. da Piedade.

Não podemos tratar, nesta notícia, que não é estudo histórico, tão só reportagem, a jeito, mesmo, de notas para jornal, da vida de cada dêsses templos. Falemos, porém, d'Ajuda, por haver sido a primeira erguida em terras cachoeiranas, nos primórdios da existência da povoação. Foi essa igrejinha, aliás, e segundo a tradição, o segundo edifício de pedra e cal erguido no local que viria a ser Cachoeira.

Como dissemos inicialmente, a data da sua construção, de acôrdo com informações dos pesquisadores, pode ser encontrada entre os anos de 1595-1606. Assim, é a capela d'Ajuda, embora hoje mui diferente da sua feição arquitetônica primitiva, um dos mais antigos templos religiosos do interior do Estado. Reza a tradição haver sido seu fundador o Capitão Álvaro Rodrigo, cuja família tinha o encargo de zelar a referida capela, passando essa obrigação aos descendentes, até o Capitão João Rodrigues Adôrno, que a reconstruiu em 1663. Atualmente, a sua feição é diferente. Conserva, todavia, remanescentes da sua primitiva construção.

CAMPANÁRIO

Na cidade de Cachoeira, Bahia, campanário da Ordem Terceira do Carmo, igreja fundada em fins de 1700, onde se encontram maravilhosas paredes revestidas de azulejos que representam passagens bíblicas. Devemos observar, no fundo desta gravura, uma harmoniosa curva do Rio Paraguaçu, cujo vale alí se encontra representado



MATRIZ

Mais de dez templos existem na cidade de Cachoeira, e cada qual mais histórico. Aqui está a fachada da igreja-matriz. É uma construção bastante antiga, em cujo interior se encontram peças de arte religiosa de grande valor

Uma capela que data da segunda metade do século XVI ★ Um altar-mor que não tem rival nem mesmo no Vaticano ★ Ordem Terceira do Carmo ★ Como no Bonfim, "milagres" moldados em cera

ORDEM TERCEIRA DO CARMO

De modesta aparência, essa Igreja, fundada em fins de 1700, tem o interior cheio de maravilhosas obras de arte, especialmente em entalhes, esculturas e pinturas. O teto é trabalho de Teófilo de Jesús. Obra admirável pela delicadeza de tons, pela expressão e vigor que impressionam, na reprodução de cenas relativas à Ordem a que se filia. As paredes são revestidas, até o meio, por azulejos admiráveis, representando passagens bíblicas.

SEM RIVAL, NEM MESMO NO VATICANO

Dentre as preciosidades que encerra a Ordem Terceira do Carmo, da Cachoeira, existe o altar-mor. Maravilhoso trabalho de talha. Quando, em 1928, visitou a Cachoeira o célebre pintor Antônio Parreiras, percorrendo a Ordem Terceira do Carmo deteve-se, extasiado, diante do altar-mór. E o mestre da pintura brasileira não se conteve diante da maravilhosa beleza que se lhe apresentava. E declarou, textualmente, com a sua reconhecida autoridade no assunto: "Não exagero afirmando que, nem mesmo no Vaticano, como obra de talha, como beleza de ornato, formando um conjunto de linhas estéticas extraordinárias, se encontra coisa melhor do que o altar-mór da Ordem Terceira do Carmo, em Cachoeira". (Apud. Pedro Celestino da Silva).

A GRANDE IMAGEM DO SENHOR DOS PASSOS

Em tamanho natural, carregando pesado madeiro, existe na Ordem Terceira a imagem do Senhor dos Passos. E' tôda de carvalho e a sua expressão é admirável. Melo Morais afirmou ser essa imagem a de maior perfeição em escultura, existente na cidade. Veio de Lisboa, sendo obra do notável escultor espanhol Salvador Escolá. A população cachoeirana, que lhe tem devoção, vai venerá-la, semanalmente, às sextas-feiras, em romaria.

REPAROS QUE DEVEM SER FEITOS

A conservação da Ordem Terceira do Carmo, embora a boa vontade e esfôrço dos que lhe tomam conta, se faz sentir, ainda hoje, imprescindível. Não há muito, um religioso, entendido em arte sacra, dizia desoladamente: "A capela da Ordem Terceira do Carmo da cidade de Cachoeira, visitada por amadores nacionais e estrangeiros, sôbre ser uma obra de alto valor artistico, é a única no gênero, quer pela perfeição do estilo, quer pela extrema delicadeza dos detalhes escrupulosamente proporcionados, que a eleva muito acima da tão conhecida igreja dos religiosos franciscanos da Bahia. E' doloroso, porém, e não é menos certo, que de aqui há poucos anos, nada ficará de tanta riqueza".

Êsse prognóstico, é, certamente, exagerado pelo temor de que se venha a perder tão inestimável preciosidade. Sabemos, porém, que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional tem voltadas as suas vistas não só para essa reliquia, que nos legou o passado, assim também para as demais, inclusive a Igreja de Belém, no Municipio da Cachoeira, que dâta de 1686, e sôbre a qual nos ocuparemos em nota posterior. E bem vale essa providência, porque a Ordem Terceira do Carmo é monumento nacional pelas maravilhas que entesoure e não deve e não pode desaparecer.



AJUDA

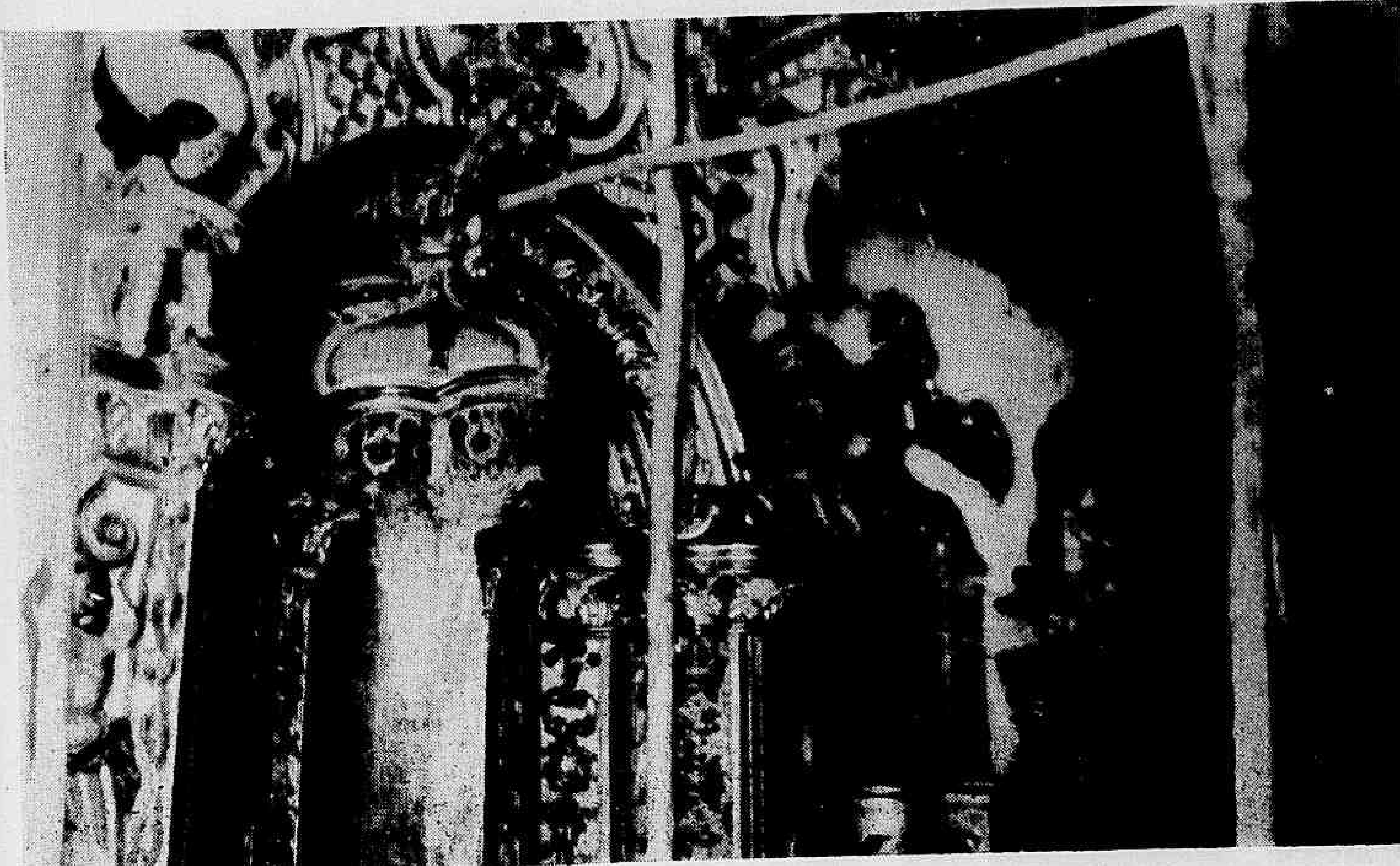
Vista exterior da igreja da Ajuda, que a tradição informa ter sido o segundo edifício de pedra e cal erguido no lugar, que mais tarde viria a ser Cachoeira, nos primórdios daquela povoação. Sua construção data de 1595 a 1603

"MILAGRES" MOLDADOS EM CERA

Promessas feitas nos intantes de aflição e dor. Preces que se elevam ao milagroso Senhor dos Passos partidas dos que sofrem e, por isso, invocam a sua proteção. Assim como na Basílica do Bonfim, onde, em uma de suas sacristias, dependurados do teto, existem milhares de "milagres", oferendas de almas devotas e agradecidas, que obtiveram do adorado Senhor lenitivo ao seu tormento, assim também, pendem do teto da Ordem Terceira do Carmo em Cachoeira, centenas de "milagres" de cera.

E tanta e tão grande é a justificada fé dos cachoeiranos em Senhor dos Passos que, como dissemos, à noite de sexta-feira, acorrem ao templo inúmeros fiéis que lhe vão render graças. E' uma tradição que não passa. Está sempre viva, imanente na alma do povo da tradicional cidade que fica encravada no encantador vale do Paraguaçu.

Só por isso, pelas maravilhas de arte existentes em alguns templos cachoeiranos, é essa cidade digna de ser visitada.



CARMO

Vista parcial do interior da igreja da Ordem 3.ª do Carmo, ora em reconstrução. Maravilhas de arte, especialmente em entalhes, esculturas e pinturas. O teto é um paciente e laborioso trabalho de Teófilo de Jesus

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA!



A BOA AMIGA

Desiludida talvez dos seres humanos, Luz del Fuego prefere a companhia das víboras. Ela as considera mais inofensivas. No seu apartamento, os visitantes podem ser surpreendidos, a cada momento, por "outra" serpente...

Luz del Fuego — um nome e uma interrogação — Infância — Adolescência — Mocidade — Vítima do sensacionalismo inconsequente — Apenas uma simples mulher — Os que a julgam terão coragem de atirar a primeira pedra?

Reportagem de
M. MERCEDES SANTOS

ESTA reportagem vale como um depoimento pessoal, porque falar de Luz del Fuego não constitui novidade para ninguém. Entretanto, não trataremos da "bailarina nua", "mulher das cobras" ou "de fogo". Não. Falaremos simplesmente de uma jovem cujo nome paira como interrogação na bôca daqueles ou daquelas que não a conhecem ou a conhecem apenas superficialmente.

Louca! Imoral! Exibicionista! Estas são as palavras que muitos pronunciam quando se fala em Luz del Fuego. Todavia, existem realmente essas "taras" para que a julguem assim? Haverá nos seus atos uma justificativa para que seja tão rudemente chicoteada? Talvez não, pois quem neste mundo não carrega uma tragédia? Acaso não será a própria vida essa tragédia? E se podemos classificá-la assim, por que razão havemos de criticar aquêles que a vivem mais intensamente? Tudo tem uma razão de ser e mesmo assim nunca podemos fugir ao julgamento alheio. Por mais que lutemos para ser o que realmente somos, nunca o conseguimos porque, infelizmente, só seremos aquilo que quiserem que sejamos. Quantas vêzes ao estendermos a alguém as nossas mãos cheias de rosas não recebemos um golpe? Evidentemente, não sabemos como somos porque nunca podemos prever como hão de julgar-nos... Êste sem dúvida alguma, é o destino que vive Luz del Fuego. Em sua vida só lhe ofereceram dois caminhos: o da ironia e o da aspereza. Essa jovem, contudo, serenamente, consegue vencê-los, sem deixar atrás de si o rasto abominável da desonra. Se nos arriscamos a esta afirmação é porque acreditamos que Luz del Fuego se apresenta àqueles que a conhe-



SALA DOS ESPELHOS

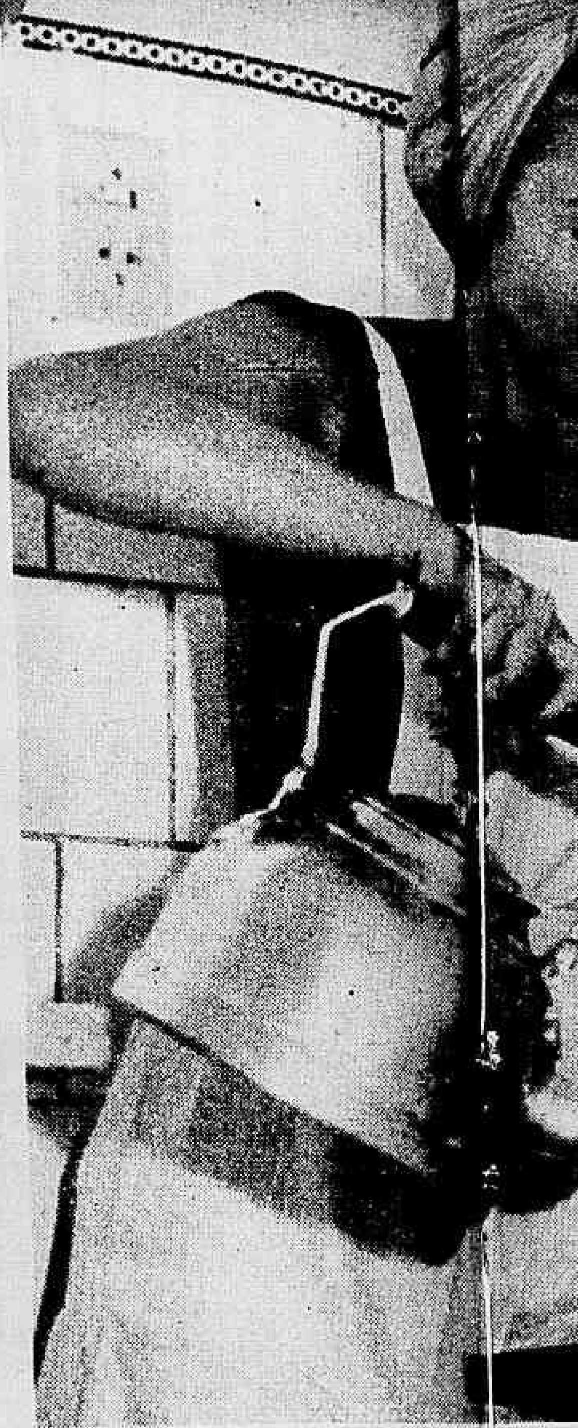
À maneira do que se encontra no palácio de Versailles, também o "home" da artista possue uma de suas dependências forrada de espelhos e neles as imagens se multiplicam. Muitos consideram os espelhos mera extravagância; mas Luz proclama: "Gosto de me ver bastante, converso comigo mesma, vejo-me por tôda parte. Isso é muito agradável"



HORA DO BANHO. SOLIDÃO. OS PENSAMENTOS PERDEM-SE COMO A ÁGUA QUE ESCORRE DO CHUVEIRO. DEPOIS — MAIS UM DIA DE TRABALHOS...







PRENDAS DOMÉSTICAS

Nem por ser artista ela deixa de cultivar suas prendas domésticas. Longe da platéia, dentro da sua tôrre de marfim, sabe descascar batatas sem cortar os dedos, preparar um quitute de acôrdo com as instruções do Manual da Bca Cozinheira e não chega a queimar o feijão. O avental substitue as rou... uma bca dona de casa e meu maior desejo é casar-me com um homem qu...

cem na intimidade sem ódios e mesquinharias, não apenas como um nome, e sim como uma criatura de valor pela sua marcante personalidade.

★

Vamos analisar friamente as três fases da existência trepidante dessa moça, para que melhor possamos condená-la ou absolvê-la. Entretanto, queremos deixar patente de início que não nos colocaremos no lugar de defensores de Luz del Fuego. O nosso objetivo é demonstrar os fatos com a clareza e lealdade com que nos foram narrados por ela e pessoas outras de responsabilidade que a conheceram em sua cidadezinha natal. Luz del Fuego é natural de Cachoeiro do Itapemirim e membro de família abastada dessa localidade. Viu-se privada de carinho paterno mal despertou para a vida. Sua infância agitada não foi suficientemente compreendida. Desde cedo começou a sofrer reprimendas inadequadas a uma criança que demonstrava ser viva e precoce de mais para a sua idade. Na expectativa de que pudesse transformar-se num problema para a família, foi internada num colégio de freiras, vendo-se, assim, afastada do carinho materno, tão necessário à infância. O ambiente severo do colégio em nada influiu sôbre suas primeiras e naturais inclinações. As freiras não procuraram compreendê-la e orientá-la como deviam. Sendo abandonada à sua sorte, principiou a revoltar-se contra tudo e contra todos. Sua curiosidade diante de determinadas situações nunca foi satisfeita convenientemente tendo em resultado um emaranhado de equívocos tirados de suas próprias conclusões. E assim foi Luz del Fuego crescendo. Adquiriu desde cedo o "complexo" de que a única responsável por ela era ela mesma e foi procedendo como ordenava o seu cérebro infantil. Tranformou-se então numa menina caprichosa e não foram raros os castigos recebidos pela rebeldi... de su... de rep...sentar... para q... ela ... inábeis mestra... psicolo... aplic...

Apes... de s... lhe foi possíve... invés d... perm... passou... vive...

NORMAL

Tudo normal e rotineiro em casa da mulher que tantos julgam exibicionista e ávida de escândalos. Neste momento ela nem sequer cogita da fundação do Partido Naturalista, porque os guichos, a vassoura, a pequena jardinagem do quintal absorvem o melhor de seu tempo. E ao vêla nesses passatempos ... Fuego não faz lembrar a bailarina, a "mulher das cobras", mas a ...lher ...









l substitu as roupas do palco. — "Sei o bastante para ser om um homem que compreenda a minha vocação: — o lar"

rebeldi de suas atitudes. Os castigos, no entanto, longe de representarem um remédio, vieram apenas concorrer para q ela expandisse a sua justa revolta contra tão inábeis mestras, convertendo-se por lamentável êrro de psicolo a aplicada, numa desajustada no meio estudantil

★

Apes de ser Luz del Fuego uma boa estudante, não lhe foi possível continuar interna no colégio. Todavia, ao invés d permanecer nos estudos sob o domínio materno, passou viver em companhia de parentes e estranhos.

esses passat mpos favoritos de tôda mulher normal Luz del s", mas a ulher que vive despida de preconceitos e ilusões





"— NÃO QUERO IMPLANTAR O NUDISMO NO BRASIL. APENAS DESEJO INSTITUIR UMA COLÔNIA OFICIALIZADA PARA FINS PURAMENTE TERAPÊUTICOS."





VAIDOSA

Mas na hora de cuidar da "toilette", após o banho, ela volta a ser a "coquette" e vaidosa que todos apontam na rua, como o símbolo da mulher ávida de cartaz, de publicidade, de uma eterna evidência

Sua adolescência foi passada em casa de um cunhado ginecologista. Aí encontrou a menina um amplo campo para as suas argúcias infantis. Lia sem compreender os mais graves livros ilustrados sôbre medicina. Queria saber o "porque" das figuras ilustrativas; entretanto, ao invés de lhe explicarem, sem rodeios impróprios à sua idade tomavam-lhe os livros, deixando-a ao sabor de sua própria imaginação. Não se conformando com isso, começou a esconder-se no consultório do cunhado para observar. A princípio, ficou escandalizada diante do que via. Com o passar dos dias, começou a considerar suas conclusões a respeito dos exames que observava como as aventuras mais pitorescas de sua adolescência. Teve, assim, sem nenhum apoio de ordem moral, nessa fase de sua vida, a continuação do reflexo de uma infância incompreendida.

★

Chegou finalmente a mocidade de Luz del Fuego. Sentindo que já havia deixado de ser considerada um problema por parte materna, porque jamais se sacrificaria para moldar-se ao nível moral de sua mãe, apesar de ser esta — conforme sua própria afirmação — a única criatura que venera neste mundo, resolveu abandonar a sua cidade para viver no Rio. Aqui chegando encontrou oportunidade para a sua primeira tragédia sentimental. Rudemente desprezada por haver massacrado a flor de sua inocência, compreendeu que a vida para ela estava definitivamente perdida. Que lhe restava fazer? Meter um tiro no ouvido? Não, absolutamente. A vida é ingrata, mas ainda assim possui os seus encantos. E foram justamente êsses encantos que Luz del Fuego quis aproveitar. Depois da tragédia, começou a sentir mudanças radicais em sua vida. Admitindo que, uma vez melhor orientada em sua infância e adolescência, teria sido algo

(Cont. na pág. 52)



E AGORA à

"Serei porventura a que muitos julgam? Não mereço um julgamento mais sensato das pessoas de bem? A vida tem sido muito ingrata para mim; julguem-me à vontade e atire a primeira pedra quem puder fazê-lo"





— Sentimos tanto orgulho do Zequinha! E' o primeiro músico da família...

BOM HUMOR



— Que família encantadora, e que crianças adoráveis...



... crianças adoráveis, pois sim...



— Rapaz! Êste será o capítulo mais emocionante do meu livro de viagens...



Oh! Agora sim, estou vingada...



GIANELA DE MARCO dominando a orquestra como muito maestro adulto não o consegue fazer. Ei-la à frente do conjunto sinfônico do Teatro Colon, de Buenos Aires, marcando as entradas do naipe de violinos, com segurança de pasmar os próprios músicos

GÊNIO OU MISTIFICAÇÃO?

A maestrina de cinco anos ★ Gianella de Marco, um fenômeno musical ★ Depois da batuta, adora bonecas ★ Estreou na regência com quatro anos ★ Dirigir orquestras, uma necessidade física ★ Conquistou o público carioca na primeira audição

Reportagem de LEVY KLEIMAN



CANTA enquanto rege, a pequena maestrina italiana, para melhor recordar as partituras, pois não tem na sua frente, como os demais, a parte das peças que conduz

SEMPRE que se anuncia uma criança prodígio, paira no ar uma interrogação quanto às suas verdadeiras possibilidades. Quando os jornais começaram a divulgar a vinda ao Rio de uma menina com 5 anos de idade para reger a Orquestra do Teatro Municipal, um que de incredulidade tomou conta dos meios musicais da cidade, porque se concebe precocidade numa criança no que diz respeito a execução de peças em piano ou violinos, hoje em dia explicável como produto de método de ensino bem assimilado. — mas reger uma orquestra vai além do poder de recepção de uma criatura de tão pouca idade, porque requer vastos conhecimentos de harmonia e de todos os instrumentos que compõem o conjunto orquestral, além de muita técnica.

Recentemente passou pelo Rio, rumo a Buenos Aires, um menino do qual se diziam maravilhas como regente, o italiano Pierino Gamba. Passaram-se os meses e não mais se ouviu falar dele. Dizem que fracassou completamente na capital argentina, que a crítica portenha não achou nada de extraordinário em seu trabalho, enquanto também correm rumores de ter sido atacado de pertinaz enfermidade, resultante possivelmente do esfôrço a que se obrigou um organismo ainda em formação.

Surgiu há pouco menos de um mês, a notícia de que se exibiria no Teatro Municipal uma outra figura do país da música, a pequenina Gianella de Marco. Mas uma menina, com 5 anos de idade, poderia conduzir uma orquestra de mais de cinquenta professores? Ninguém acreditava, devido às dificuldades técnicas somente superadas por muito pouca gente adulta e aperfeiçoada com muito mais idade. Haja vista o retumbante êxito que conseguiu em recente temporada, à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira, o maestro russo Sergei Koussevitsky, com 75 anos de idade, a verdadeira personificação do regente.

Quando se fala em precocidade infantil há sempre uma dúvida. Mozart tocou piano aos 5 anos de idade, e continuou para o resto da vida com a marca de gênio da estréia. Mas que fenômeno seria Gianella de Marco, que iria reger a orquestra do Teatro Municipal?

Seria mesmo um fato extraordinário nos anais musicais, ou tratar-se-ia de um embuste, de uma farça adredemente preparada para impressionar o público? O repórter transformou-se de uma hora para outra em investigador musical. Começou a ouvir pelas ruas, pelos corredores, os técnicos no assunto. O leigo, ouviu o técnico para poder melhor se orientar na pesquisa. A resposta foi esta: é preciso conhecer harmonia. Harmonia estuda-se 4 anos, além de dominar todos os instrumentos da orquestra, principalmente é necessário saber ler uma partitura. Será que essa criança sabe ler notas musicais?

UMA GRACINHA A PEQUENINA GIANELA DE MARCO QUANDO REGE UMA ORQUESTRA, PORQUE TANTO ATRAI O PÚBLICO NA QUALIDADE DE CONDUTORA COMO TAMBÉM PELOS SEUS GESTOS INFANTIS QUE CATIVAM A PLATÉIA







GÊNIO OU...

UMA SEMANA ANTES DA ESTRÉIA DE GIANELLA

No corredor da Rádio Globo encontramos o maestro José Siqueira, que já conduziu a Orquestra Sinfônica Brasileira, e auscultamos a sua opinião sôbre a menina-regente que iria dirigir a Orquestra do Municipal. Sua resposta foi rápida: — "Como brincadeira passa. Mas regência é uma coisa muito séria, requer muitos estudos".

Aguardamos pacientemente a chegada da maestrina. Procuramos saber quando iria ensaiar com a orquestra do Municipal. Fizemos uma ligação telefônica para aquela casa de espetáculos, e de lá nos responderam: "A orquestra já está ensaiando há muitos dias sem ela". Parecia que tínhamos encontrado o fio da meada no mistério da pequena regente. A orquestra estava se preparando para o concerto inaugural com o seu próprio regente, que no dia seria substituido por Gianella. Pura encenação. A garota com certeza aprendera meia dúzia de gestos, e iria repeti-los automaticamente, ou seja, iria acompanhar a orquestra do Teatro Municipal. Pensamos com os nossos botões: Será que os músicos se prestariam a um papel tão ridículo?

Mas isto também era possível, porque á música está tão comercializada, que não seria de estranhar os professores não se rebelarem.

Dias depois, nova ligação telefônica, e tivemos a informação de que Gianella de Marco iria ensaiar com a orquestra na véspera da estréia. Depois soubemos que realizara dois dias antes um ensaio secreto para desfazer certas dúvidas. Conseguimos ouvir uma das poucas pessoas que assistiram ao ensaio secreto, e o nosso informante disse que tinha agora um juízo seguro sôbre as qualidades de regente da menina, pois ela interrompera várias peças para chamar a atenção dos músicos sôbre certos efeitos, e recomeçara a execução das partituras justamente na parte interrompida, sem ter a peça à sua frente, como acontece com a maioria dos maestros. Assim mesmo não nos convencemos, preferimos ver para crer, pois tratava-se de uma opinião partidária, oriunda de um maestro ligado à empreza patrocinadora dos espetáculos.

ESPIRITISMO MUSICAL?

Num ensaio é que poderíamos tirar o assunto a limpo. Não fomos sozinhos. Comparecemos à caixa do Municipal com a técnica de casa. Muita gente foi naquele dia ao teatro por curiosidade, para ver, como nós, a maestrina de 5 anos orientar a orquestra do Municipal. E' nos ensaios que se conhece a fôrça de um maestro, no corrigir os defeitos dos músicos, no valorizar certos trechos das partituras, e em outros mil detalhes que escapam aos leigos. Faltavam apenas duas peças para terminar o ensaio, quando lá chegamos. No instante em que abrimos o corredor para a platéia, vinha saindo o poeta Olegário Mariano exclamando para um grupo de pessoas que o acompanhavam: — "Não é possível. O espírito de algum maestro tomou conta desta menina!"

Sentamos na terceira fila, e mais à frente, um médico tisiologista, "habitué" dos concertos musicais, dizia: — "Qual, esta menina não me convence".

A orquestra executva a suite "Peer Gint", de Grieg, e a menina, de repente, parou de reger, levantou o vestidinho e começou a abanar-se com a saia, porque estava sentindo muito calor, isto com uma semcerimônia e graça infantil que fêz rir a todos os presentes. Mas, novamente a dúvida bailou no espaço, porque na execução da última peça do ensaio, "Tanhausser", de Wagner, a orquestra parou diversas vezes, e quem corrigia os defeitos, e regia os primeiros violinos era o maestro Henrique Spedini colocado na platéia junto à plataforma dupla em que se encontrava Gianella de Marco, enquanto o pai da menina soprava-lhe a nomenclatura das partes em que deveria reiniciar a execução. O repórter ficou, como se diz na jíria, com a "pulga atrás

GOSTA MUITO DE BONECAS, e por isso carrega sempre uma consigo. A que tem na mão foi-lhe presenteada pela Sra. Eva Perón, esposa do presidente da Argentina



GOSTA MUITO DA MÚSICA, e como para ser maestro de verdade é preciso conhecer-se todos os instrumentos, ela entra em contacto com o bombo, de grande efeito musical



PIANO é a sua grande aspiração, e quando o repórter falou nesse instrumento, ela correu para um, de cauda, sentou-se e começou a bater com os dedinhos nas teclas

da orelha". A hipótese de mistificação estava quase provada. Terminou o ensaio, e a menina, como que liberta de fôrças sobrenaturais que estariam atuando sôbre a sua mente infantil, começou a pular, como pula qualquer criança. Uma coisa ficou provada no ensaio, ela não conhecia nenhuma nota musical. Tem, isto sim, uma excelente memória musical, ou melhor, tecnicamente, possue uma grande intuição musical, e nos compêndios de pedagogia podemos encontrar a explicação nos seguintes trechos: — "Musicalizar a criança — Consiste em fazer a criança sentir, conhecer intuitivamente os fenômenos essenciais da música, que são: o "intervalo" e o ritmo. Intuitivo, é todo o conhecimento recebido, imediatamente através os "sentidos". Justamente isso é o que acontece com Gianella de Marco: tem uma grande intuição musical. Ensinaram-lhe alguns gestos de maestro e ela os repete, automaticamente, com um jeito todo especial nas suas pequenas mãos.

Tudo isto já constitue um fenômeno.

UM FATO INÉDITO

Somente no dia da estréia poderíamos tirar uma conclusão definitiva. O Municipal estava repleto, e como não podia deixar de acontecer, muita criança. Os pais querendo dar exemplo aos filhos, muitos com certeza alunos de piano e violino, para verem que uma criatura de sua idade já regia uma orquestra. A pequena Gianella cativou a platéia com a graciosidade de suas atitudes. O repórter para melhor sentir a reação do público, foi para a galeria. À medida que as peças iam sendo executadas, os aplausos cresciam de intensidade. Sozinha, num tablado de quase dois metros de altura, ela mostrou as suas verdadeiras qualidades. Parecia mesmo que tinha baixado o espírito de um maestro, porque se portava como um regente de fama, cantando ou assobiando as partituras para melhor se recordar dos trechos, dar as entradas dos diversos instrumentos, e conseguir os efeitos necessários. Foi na execução da "Dança Húngara", de Brahms, que logrou empolgar o auditório.

No final aconteceu algo de inédito num concerto sinfônico: Gianella concedeu um "bis" do intermezzo da "Cavalleria Rusticana", de Mascagni, e o "bis" se transformou em "triz", pois o intermezzo teve que ser repetido. Ao terminar o espetáculo, foi aplaudidíssima nos corredores, e depois o povo aocmpanhou-a sob palmas até o hotel onde está residindo.

REGE COMO POUCOS MAESTROS ADULTOS

Não poderíamos deixar de registrar a opinião de um dos críticos mais severos do Rio, a de d'Or, do "Diário de Notícias", como melhor depoimento sôbre a pequena regente:

— "Assistimos a um dos seus ensaios, e a impressão que nos deixou foi de possuir, essa criança de apenas cinco anos de idade, um ritmo admirável e uma memória prodigiosa, além de uma intuição musical das mais raras. Realmente, ela sabe de côr, ou por outra, de ouvido, as partituras que rege no que diz respeito às partes melódicas. Canta-as ou assovia — conjuntamente com a orquestra. Quanto às exigências expressivas das músicas, conhece-as ela perfeitamente e,

(Cont. na pág. 47)



PÓSE PARA INGLÊS VER, porque a maestrina de 5 anos não sabe ler música. Possue apenas uma boa memória



QUEM VAI A ROMA tem que ver o Papa. Eis Gianela de Marco recebendo a benção do Sumo Pontífice



NEM O VILONCELO escapou ao seu exame. Um regente tem que conhecer também harmonia além de [illegible]

O VIOLINISTA DO OUTEIRO DA GLÓRIA

ESTA história começou num trem. Para mim, foi ali naquele vagão de estrada de ferro que teve inicio o romance do Zaratini. Até a estação de Lorena, onde embarcou aquela mulher de prêto, tudo corria em silenciosa, cochilenta e meditativa paz. Quando não, eram ruidos inocentes: gritos de crianças disputando janelas, senhoras choramingando a dolorosa separação, um padre roncando; e, três bancos depois do meu, o Mateus com os olhos mergulhados num grande livro, em cuja capa se lia: "Pablo de Sarasate". Mateus Zaratini, apesar dos seus 23 anos, era um violinista famoso, e se quiserem desde já, uma caracteristica genial do rapaz, citarei aquela de não me reconhecer, sendo meu vizinho havia três anos, lá no outeiro da Glória.

Ensimesmado, macambuzio, vivia para sua arte, aquêle jovem. O outeiro da glória que o diga, se guarda ainda em seus muros e nas paredes de sua igreja as maravilhas de Paraganini e Sarasate, tocadas sentidamente por Mateus. Nós, estudntes vizinhos dêle, sabiamos de cor e assobiávamos em desafinada algazarra, as "Melodias Ciganas" e as "Valsas espanholas" do grande compositor da peninsula ibérica. E como era vibrante e alegre o violino do Zaratini, executando o "Sapateado" lá no outeiro! Rapaz alto, cabelos ondulados e castanhos, usava em seus ternos um feitio antiquado: paletós de quatro botões, semelhantes aos que estava acostumado a ver, em retratos de meus avós e tios ricos. Olhos negros, chapéu prêto, o Mateus era uma figura romântica do século passado. A Maria Rita, exibia nas festas do outeiro, um amor desvairado, a qualquer preço, pelo misterioso violinista. Era louvável a indiferença delicada do artista e não menos admirável a paciente insistência, da moça apaixonada. Como uma ave atingida em seu primeiro vôo, Maria Rita manquitolava nas ruas do outeiro, tristemente, o seu coração ferido. De uma atrevida, desembaraçada e vibrante "dona Sol", a moça involuiu em dois anos, para uma tristonha, sofredora e linda Beatriz, contemplando a janela vazia de seu Dante, donde saiam os gritos melodiosos do violino de Zaratini.

Muitos domingos assistimos aos dois comungarem no mesmo altar. Mateus era católico, apostólico, romano.

Voltando ao vagão, na estação de Lorena, embarcou aquela mulher de prêto, acompanhada de um homem de seus quarenta anos. Ouvi claramente os beijos de despedida:

— Desce, meu marido; eu fico nervosa pois o trem vai partir.

— Adeus, Emília... — respondeu êle abraçando-a.

E conversaram ainda algum tempo à janela, o homem a correr na plataforma. Em poucos minutos, depois, Lorena ocultou-se no azul do horizonte. E a graça, o perfil, os olhos azuis, o corpo maravilhoso e perfume da Emília alteraram a paz singela do vagão. Homens fumavam nervosamente; senhoras pintavam-se. Um gorducho careca, vizinho do Mateus, acendeu um charuto e as crianças não gritavam mais, espiando com olhinhos lacrimejantes os encantos da mulher de prêto.

Existem Amélias e Emilias. Os cariocas sabem disto. Aquela era uma Emilia. E que Emilia!... Aqui é o momento de reafirmar: foi ali naquele vagão que esta história teve inicio. Tenho certeza de que foi ela quem começou o romance do Zaratini. Uma hora depois, a mulher de prêto não afastava seus grandes olhos do rapaz. E era um escândalo. Sim; porque todos os passageiros, estremecidos pelos balanços do trem, diziam que sim com as cabeças, alguns até novamente cochilando.

Zaratini continuava estudando Pablo de Sarasate. O careca de charutão fumegante, estava indócil; ajeitava a barriga a olhar freqüentemente para o jovem de paletó à antiga, abotoado até quase em cima, como um dolman e gravatinha preta fora de moda.

Quem observasse melhor, acharia maliciosa ou demoniaca a indocilidade do careca. Será por isso que descobriram mais tarde, ser "dos carecas que elas gostam mais"? Uma senhora de meia-idade, fêz nariz de beata, à Emilinha, deixando vago o lugar da mulher "pecadora".

O rápido paulista, corria então à grande velocidade, enchendo os morros fluminenses de nostálgicos apitos. De quando em quando, passava como um tufão, empoeirando estações pequeninas.

Quase no fim do charuto, o careca acotovelou Zaratini. Eis o caso de um cupido que ao invés de usar asinhas, mama charuto. O encontro dos olhares foi interessante. Meu vizinho do outeiro da Glória, antes mesmo de reclamar a cotovelada do careca, imobilizou-se estarrecido, a fitar o lindo rosto daquela mulher de trinta anos. Emilinha encolheu-se lentamente, como uma sensitiva, resvalada pelas asas do cupido; fêz um beicinho de dor e desviou suas pestanas compridas para a janela, fitando sonhadoramente os laranjais abandonados, os bois magros, pastos cheios de sapé e lagoas maleitosas da baixada fluminense.

— Desculpe-me — disse o careca, puxando prosa com Zaratini que, naquele momento, com seu chapéu prêto, pareceu-me um toureiro corredor de "niuros" das montanhas espanholas.

Passado o primeiro susto, Mateus respondeu com um sorriso, às descudpas de seu vizinho, erguendo o livro, disposto a prosseguir nos estudos.

— O senhor é violinista do Municipal do Rio, pois não? — insistiu o gorducho.

— Sim. Sou. — respondeu secamente Zaratini.

— E gosta muito de Sarasate?

— Como sabe?

— Há quatro horas que o senhor estuda êste livro! — retrucou o gorducho.

E naquele instante, ocorreu algo decisivo para a vida e destino do violinista do outeiro. Emilia sorria, disfarçadamente, para o careca. Trêmulo, à acender novo charuto, agitado pelo demônio, o gorducho segurando a barriga, encostou quase os lábios ao ouvido do rapaz, instilando segredos venenosos.

A senhora que havia feito nariz de beata para Emilia, fulminava aquêle cochilo, com olhos arregalados, contendo a mão direita para não persignar-se.

E mis um gesto de Emilia, Mateus levantou-se aflito e sentou-se perto dela, trocando a fumaça do charuto do "cupido", pelos perfumes da mulher de prêto.

A noite começou a encher de sombras, a baixada fluminense. Emilia isolou-se apaixonadamente do conceito daqueles viajantes cacetes e não tirava os olhos da testa artística do violinista e as mãos das mãos de Zaratini.

Não sei porque, tive pena do Mateus. Sabia ser êle pobre e filho único de um sapateiro do Braz em São Paulo. Teve um momento até, bem me lembro, que surpreendeu-me a fúria do careca, a morder o charuto. Desviei o rosto e vi: beijacam-se os dois.

Quando o rápido paulista chegou, chovia copiosamente no Rio.

Desembarquei saturado, das figuras daqueles viajantes. O careca, a beata, o padre, as crianças manhosas e o romance do Mateus... Uff! Como esgotam o espirito, as frugalidades da existência!...

Às onze horas da noite, quando cheguei à janeila do meu quarto, no outeiro da Glória, depois de ter escandalizado os colegas com a aventura do Zaratini, a chuva havia passado. Estrêlas pequeninas, brilhavam no céu alto. E qual não foi a surprêsa para todos

(Cont. na pág. 50)

Conto de **O. GOMES DE CASTRO**
Ilustração de **JERONYMO RIBEIRO**

SABER ANDAR

Nada pode prejudicar mais a aparência de uma mulher do que o andar. Por muito elegantes que sejam, por muito caros que sejam os seus vestidos, por muito belos que sejam os seus rostos, tudo estará perdido se um andar harmonioso não completar o conjunto. Existem criaturas que não deveriam mesmo sair à rua antes de um período de um intenso treinamento dentro de casa, e isso sob os olhares de uma pessoa franca que lhes dissesse: "Não, você ainda não pode sair à rua..." Realmente, há maneiras de andar que são chocantes, quando não ridículas. Algumas, por exemplo, parecem estar pisando em cacos de vidro, tal o cuidado com que escolhem o lugar para pousarem os "delicados pesinhos..."; outras se julgam tão graciosas que andam aos pulinhos, saltitando qual um passarinho... E as que se consideram talhadas para as grande tragédias? Estas andam compassadamente, com o corpo caído para a frente, olhar distante e completa indiferença pelos "pobres mortais", com os quais cruzam pelas ruas e em quem não raro esbarram!... Há as que se julgam as "tais"; as "boas", como diz o povo; estas andam sinuosamente, marcando uma curva em cada passo... E as apressadas? As que julgam ser as únicas a trabalhar, a ter horário ou preocupações? Andam com passo másculo, deselegante, pisando forte e dando "trancos" nas "desocupadas" que andam pelas ruas atrapalhando o caminho das que sempre têm muito que fazer... Há ainda a "sofisticada", a que não dá um passo sem observar o efeito que causa; há as que tombam para os lados ou para trás, como se o centro de gravidade estivesse deslocado... Há as românticas, as que se deixam levar, lentamente, pela multidão que passa... Estas são arrastadas, quase não andam e, quando o fazem, são tão distraiídas que a todo momento são "atropeladas" pelos de espírito mais prático... Há enfim, uma grande variedade, que seria extenso enumerar... O que é preciso, portanto, é um bom treino diário, diante do espelho e uma observação honesta e sincera. Treinem muito, andem muito em casa, de um lado para o outro, de baixo para cima, e só depois de terem a certeza absoluta de que não estão ridículas e que não irão chocar os que nada têm a ver com os seus problemas, é que vocês deverão sair à rua...

(Na foto NAN LESLEY, da RKO)





"Soutien" e "echarpe" em tecido verde pálido. De Marcel Rochas, modêlo também em "piqué" branco. Corpete e estola com barra bordada em côr contrastante.

FIM DE ANO

Nesta página apresentamos alguns sugestivos e interessantes modelos para a noite. — Suntuoso êste modêlo de Jacques Fath, apresentando a sua nova linha "persa". Panos de "tulle", irregulares, aumentam o volume da estreita saia de cetim. Corpete bordado a pérolas. Ao lado: modêlo de Jacques Fath em organdi branco, guarnecido de babados do mesmo tecido no corpete e na saia. Rosas e fitas enfeitam o corpete. E' de Jean Dessés êste elegantíssimo modêlo em sêda estampada, cuja saia, curta, tem a aumentar-lhe o comprimento e volume atrás, um amplo "panneaux". "Echarpe" do mesmo tecido. Para gente nova, modêlo de Jeanne Lanvin, em fustão branco.









PARA A TARDE

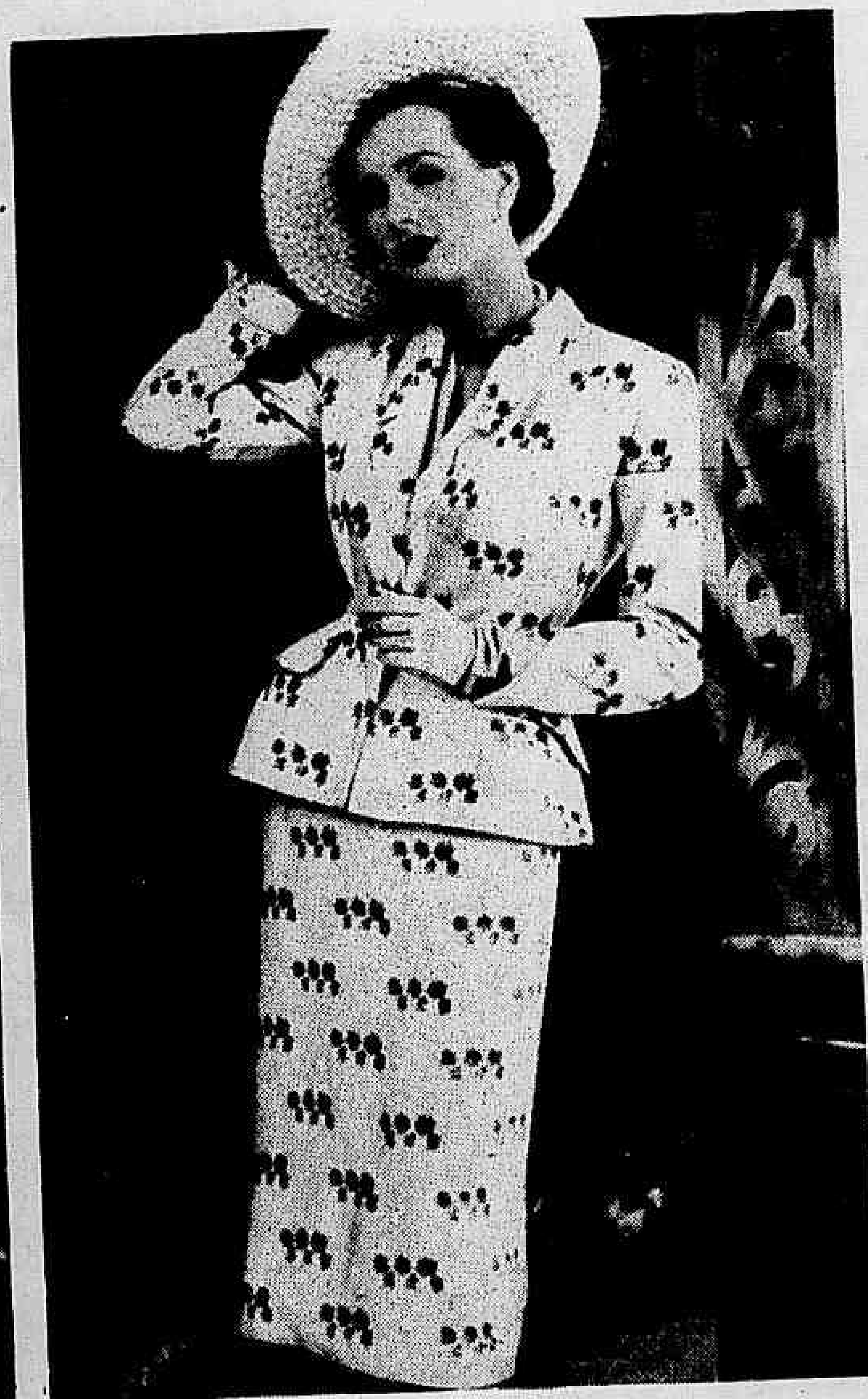






PARA uma "toilette" mais simples e singela, aqui estão alguns modelos próprios para a tarde. Modêlo de Paquin, em jersey de seda verde pálido. Corpete todo em pregas, contrastando com o drapeado das mangas e o franzido da saia. Jeanne Lafaurie borda com finura a saia plissada dêste modêlo estival, executado em seda cinza. Mangas quimeno, um pouco folgadas. Modêlo de Robert Piguet, podendo ser executado em lã fina ou seda. A "basque" simula um "duas-peças". Gola de fustão branco. O vestido abotoado continua em grande moda. Worth apresenta um modêlo em seda azul pervenche, com bolsos na saia e gola ampla. Germaine Lecomte emprega o jersey de seda amarelo para êste seu modêlo de decote em "V", com drapeados na blusa e na saia.







"TAILLEURS DE VERÃO"





O "tailleur" de verão é quase tão necessário quanto o "tailleur" de inverno. Além disso, tem a vantagem de vestir bem, podendo ser usado a qualquer hora do dia. Os modelos aqui apresentados, podem ser executados em linho, seda, gabardine, etc.. Alguns revelam a importância dos bolsos, outros dos botões e outros simplesmente da "linha". São criações de Marcelle Dormoy, Christian Dior, Paquin, Balenciaga e Bruyére.





HÁ uma grande variedade de modelos de chapéus para verão, quase todos executados em palhas dos mais variados tipos, outros ainda em tafetá, "gros-grain", etc.. Quanto às guarnições, vêem-se muitas flôres, fitas, véus, etc.. Os modelos desta página foram criados pelos mais famosos chapeleiros de Paris.






Chapéus PARA O VERÃO






Antes, era preciso tomar cuidado com os inseticidas comuns.

Agora, NEOCID EM PÓ pode ser aplicado em armários, guarda-comidas... e até diretamente sobre o corpo, porque é como qualquer talco de toucador, limpo e...

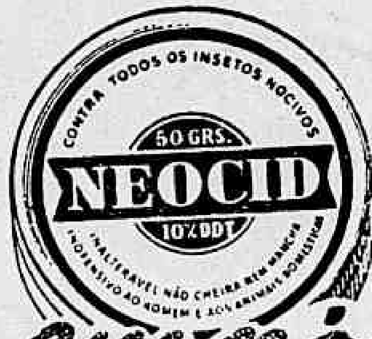
...é absolutamente inofensivo



Peça hoje mesmo NEOCID EM PÓ na farmácia, no armazem ou em qualquer loja de ferragem e verificará, também, como é fácil combater os insetos do lar e os piolhos do homem e dos animais domésticos.



DESCOBRIDORES DO DDT



NEOCID *em pó*



AS LUVAS...





JAMAIS existiu tanta imaginação na criação de luvas como nesta temporada em Paris. Os mestres "luveiros" convidaram a imprensa e o mundo elegante para assistir a um desfile de luvas que se revestiu de brilho e originalidade. Havia luvas em dois tons, havia luvas bordadas a ouro, havia outras em brocado, outras ainda guarnecidas de babados de tafetá franzidos, outras que lembravam a ondulação das serpentes. Até as crianças não foram esquecidas, aparecendo luvas de renda da Irlanda para enfeitar as mãos das pequeninas elegantes. Às nossas leitoras oferecemos alguns aspectos do desfile.

week-end NA COZINHA



OVOS RECHEADOS COM MAIONESE — Cozinhe 12 ovos, descasque e parta ao meio sôbre o comprido. Cozinhe 1 quilo de camarões, descasque, separa os maiores (12), divida ao meio sôbre o comprido e guarde. O resto amasse com as gemas, um pouco de môlho e encha as claras. Faça môlho maionese, bem consistente, arrume os ovos sôbre tirinhas de alface, formando 3 coroas, uma dentro da outra e separando, faça 3 cordões de maionese, por meio da seringa própria. Deite os camarões reservados sôbre os ovos.

FOLHAS DE REPOLHO COM ARROZ — Tome 12 folhas de repolho e cozinhe em água e sal. Depois escorra e coloque dentro de cada um 1 colher de arroz não muito sôlto. Enrole. Passe em ovos batidos e frite em banha quente.

PEIXE ASSADO COM UVAS — Tome 1 bom peixe e leve a assar no forno. Faça um môlho de maionese, e deite às colheradas em 12 folhas de alface. Faça batatas cozidas com nozes, parta 13 rodelas de tomates grandes e sôbre elas deite cachinhos de uvas pretas e brancas. Ponha o peixe na travessa com o dorso para cima e faça ao redor uma cercadura intercalando 1 folha de alface, 3 batatas e 1 rodela de tomate com as uvas.

COUVE-FLOR AU BERRE NOIR — Leve ao fogo uma caçarola com 1 couve-flor, água e sal; escorra, parta em galhos e arrume num prato como se fôsse uma só bem grande e regue com o môlho abaixo:

MÔLHO AU BEURRE NOIR — Leve ao fogo uma caçarola com 2 colheres de vinagre, deixe secar quase todo e ali deite 2 colheres de manteiga e meia colher de salsa picadinha, deixe tostar até ficar côr de castanha. Despeje na molheira e sirva quente.

TOURNEDOS COM QUEIJO — Faça 12 bifes simples. Torre 12 quadrados de fôrma e passe manteiga. Deite os bifes sôbre o pão, quadrados de presunto sôbre os bifes e por cima pedaços de queijo com pedacinhos de manteiga. Na hora de servir, leve a esquentar em forno quente e regue com o próprio môlho.

GELÉIA DE MORANGOS — Lave os morangos, tire os cabos e deixe a escorrer. Pese, junte pêso igual de açúcar e deixe a macerar por 2 horas. Leve ao fogo sem água, sempre mexendo até aparecer o fundo da caçarola. Guarde depois de fria.

GOIABA EM CALDA — Escolha umas 24 goiabas boas, bem maduras, descasque e tire os pontos de ferrugem, se tiverem. Depois retire as sementes, lave as combucas e leve a cozinhar num tacho cobertas com água. Estando tenras, deite a escorrer em peneira de taquara. Faça uma calda com 4 xícaras de açúcar e ½ xícara de água e aí deite as goiabas cozidas. Leve ao fogo novamente para tomar ponto ralo, junte 1 cálice de vinho do Pôrto e sirva bem frio.

MANJAR DOS ANJOS — Ponha de môlho em ½ xícara de água, 8 folhas de gelatina, depois dissolva em 3 xícaras de leite a ferver, junte açucar à



vontade, baunilha, 3 gemas e leve ao fogo sem deixar ferver. Retire do fogo e depois de frio junte 100 gms. de passas sem caroços, 100 de nozes picadas, 100 de frutas cristalizadas picadas e 250 gms. de creme de leite batido. Misture, deite numa fôrma com açucar queimado e leve à geladeira.

BISCOITOS DE QUEIJO — Amasse 200 gms. de farinha, 150 de manteiga e 150 de queijo ralado. Se não puder enrolar junte mais farinha. Enrole da grossura de um lápis, corte em pedacinhos de 5 centimetros e leve a assar no forno em tabuleiros polvilhados de farinha. Serve para acompanhar consommé e cocktails.



Compre a melhor gordura...



GORDURA DE CÔCO CARIOCA



... E TERÁ UMA LINDA LATA PARA MANTIMENTOS

COMPANHIA CARIOCA INDUSTRIAL
Rua 1.° de Março N.° 6 - 10.° andar - Telefone 23-2010


A nova apresentação
DOS
PÓS-DE-ARROZ
MADERAS DE ORIENTE
MYRURGIA
maderas de Oriente
MYRURGIA
MADERAS
DE ORIENTE
FINOS COMO SEMPRE

·MYRURGIA·

GENIO OU MISTIFICAÇÃO?

(Cont. da pág. 37)

com uma autoridade que surpreende, as transmite ao conjunto. Não saímos, porém, dêsse ensaio, convencida de que Gianella seria capaz de uma regência integral no que concerne ao domínio das partituras, a ponto de poder dar aos músicos as necessárias entradas. Modificou-se todavia a nossa impressão, ao assistirmos o seu primeiro concerto. Do entusiasmo passamos ao assombro e nos confessamos impotente para explicar o que se passa com aquela criancinha loura e linda, quando sobe ao estrado e empunha a batuta com elegância, "aplomb" e segurança completa. Não nos levaria a êsses extremos de admiração, por exemplo, a sua direção da "Ouverture", de "Tanhauser", último número do programa, nem mesmo o da Sinfonia da Norma, nas quais Gianella quase se limitou a marcar os ritmos e as graduações sonoras, embora com enorme precisão. Justificamos, porém, o noso espanto, diante da "Sinfonia Inacabada", de Schubert, a qual ela dirigiu conscientemente, impondo-se à orquestra como nem sempre fazem regentes adultos. Não escapou, então, nenhuma entrada. Virava-se a artistazinha no momento preciso, para cada naipe musical, como quem tinha a partitura integralmente na cabeça. Isso repetiu noutras oportunidades — na "Dança Hungara", de Brahms, na ouverture de "Bodas de Figaro", de Mozart, sem se esquecer Gianella do colorido próprio que ia do "pianíssimo" ao forte vibrante, por impulso de suas mãozinhas girando no ar, nervosas e dominadoras. Trata-se, com efeito, de caso extraordinário no mundo da música moderna, repetindo outros fenômenos inexplicáveis com Mozart, Saint-Saens, lomo Haydn e muitos outros artistas, que tocaram e compuseram na mais tenra idade".

UM POUCO DE HISTÓRIA

Gianella herdou dos seus pais um extraordinário patrimônio de arte. Sua mãe, é Fernanda de Marco, soprano lírico, que foi considerada pela crítica européia, como das melhores intérpretes de Puccini, e seu pai, Lido de Marco, advogado, professor de direito, e acima de tudo, homem de teatro, músico, e empresário de espetáculos líricos.

Gianella deu o seu primeiro concerto há pouco menos de um ano. Foi em Roma, dirigindo a Orquestra de Santa Cecília. Depois regeu, em Pescara, Paris, Madrid, sendo que na capital espanhola regeu numa praça de touros, diante de 50 mil pessoas. Em seguida regeu em Londres, México, Nova York e Buenos Aires.

— Gianella dirige, diz o seu pai, levada por um necessidade física, tão importante para ela como respirar. Ficaria doente se não regesse...

O último dos maestros em acreditar em Gianella foi o seu próprio pai, e quando lhe perguntamos como descobriu o talento da pequena, respondeu:

— "Escutávamos, uma noite, um concerto pelo rádio. De repente, procurando por Gianella, verificamos que ela havia saído da sala. Fomos encontrá-la, na cozinha. Ali estava "regendo", ou melhor, com um pedaço de lenha na mão, movendo-o como se fôsse uma batuta e seguindo a música, que era transmitida pelo receptor. Pensei que fôsse uma travessura da menina. Tanto assim que nada contei a ninguém. Levei-a depois para a sua caminha, e continuei escutando tranquilamente o concerto..."

Nada lhe fêz pressentir o seu destino genial, êle que havia lançado um outro menino regente: Ferrucio Burco. Mas um dia, um violinista amigo, conversou com Gianella, e depois me disse: "Tua filha é uma artista em potencial". Mirei-o com alguma dúvida. Gianella fôra sempre delicada. Surpreendia-nos, muitas vezes, com as suas perguntas e respostas. Mas meu amigo insistiu: "Por que não a fazes estudar danças? No Conservatório só se admite crianças com sete anos completos, mas posso dar um jeito. Queres?" Agradeci, mas não me agradava a idéia de ver Gianella bailar. Se fôsse estudar, seria para aprender música. Pouco depois, outro maestro, Giacchino Angelo espantou-se com os dotes de Gianella. Creio, disse-me, que ela possue uma vocação musical. Deixe-a sob os meus cuidados. Assenti. Bastaram cinco lições do maestro para que Gianella aprendesse a dirigir a abertura da "Fôrça do Destino", de Verdi. Pareceu-me milagroso, não esquecerei nunca o grande maestro executando ao piano a dita abertura e a pequena dirigindo-a com real maestria."

O que faz Gianella enquanto não rege? Passeia, escreve à sua irmãzinha, assina autógrafos, e passa horas e horas arrumando a sua grande coleção de bonecas. Ela mesma nos disse, sorrindo: — "Adoro as bonecas. Todos os dias, papai e mamãe me dão uma!"

Seus pais confirmam: — "E' assim mesmo... O melhor prêmio para Gianella, depois de um concerto, é encontrar-se uma nova boneca para a sua coleção".

No segundo concerto, os músicos da Orquestra do Teatro Municipal lhe ofereceram, em público, uma boneca do seu tamanho.

A flôr do cacto

(Continuação da pág. 22)

O rapaz entrou. A sua roupa cáqui surrada e encolhida de tanto lavar, subia-lhe pelas pernas, e as mangas mesmo, um pouco curtas, punham à mostra um pouco do braço forte, cabeludo, e as mãos grandes também, mas bonitas.

Ventura chamou-o, olhou-o de alto a baixo com um modo depreciativo e disse-lhe:

— Que figura a tua, rapaz, pareces um macaco! Dormiste na chuva? Encolheste tanto!

O contínuo apertou as mãos como fazia sempre para controlar-se, e virou-se para sair.

— Espera, idota! Não vês que estou falando? Imbecil!

Uma onda de raiva se refletiu no olhar do rapaz.

A indignação que acumulara há seis meses rompeu os diques da sua vontade e da sua miséria. Virou-se de chôfre para o homem que o insultava, refestelado na sua cadeira giratória, fumando, e com um ar desdenhoso, como a mostrar à moça a fôrça do seu poder.

— O que é que disse? Fale! Não quer falar, não é? Já aturei de mais as suas brutalidades. Estou farto! Chega! Há agora aqui um homem para outro homem. Levante-se e venha dizer-me tudo o que me tem dito há seis meses! Vamos! Venha!

Ventura pasmou, e sentiu correr pela espinha um frio fininho, como navalha a cortar. Viu que o caso era sério. Mas como fazer feio se a pequena o olhava com um olhar trocista e interessado!

Brigar com aquêle latagão era temeridade — pensou. — Não brigar era uma vergonha.

Levantou-se.

— Venha! Não seja covarde! Não lhe vou bater! Mas diga-me de novo o que me falou há pouco — berrou o rapaz fora de si.

Os gritos ecoaram nos corredores. Os empregados acorreram.

— O que é isso? Calma, Jovêncio! O que foi? — perguntaram, alarmados.

O rapaz caiu em si de repente. Viu diante dos olhos a mulher na Santa Casa, a miséria, e uma prisão a tolher-lhe a vida e o pão para ela e o filho que ia nascer. Abaixou a cabeça com um suspiro.

— Não é nada — disse. E saiu.

Os outros ficaram a comentar, e Ventura achou de novo a coragem que perdera.

— Vou ensinar a êsse bandido o respeito que deve ter a um chefe — exclamou de pé, com voz trovejante, depois de se certificar que o outro já ia longe.

E êle ensinou; à sua moda, porém: pôs na rua o homem que tivera o topete de se insurgir contra as suas brutalidades, contra o seu despotismo.

Amanhecera chovendo naquele dia. Um frio cortante enregelava os madrugadores que demandavam seus afazeres.

Nuvens densas e escuras cobriam os morros ao longe, enquanto uma poeira fina de chuva e vento fustigava as árvores, enfeitando-as com um brilho prateado e transparente.

O hálito tornava-se fumaça.

Alheio àquele frio, àquela chuva, Jovêncio passava e tornava a passar pela casa enorme cheia de janelas e de portas largas que era a repartição.

A sua roupa parecia ainda mais curta.

(Continua na pág. 49)



Recital de canto da professora Nênia C. Fernandes

REALIZOU-SE no dia 29 de outubro p. passado, no auditório da Escola Nacional de Música, o IV Concerto Cultural da série de 1949, do Conservatório Brasileiro de Música, constando de um recital de canto da professora Nênia Carvalho Fernandes, um dos expoentes máximos da cultura do bel-canto brasileiro, que apresentou à seleta assistência páginas inspiradas de grande beleza, provenientes do seu magnífico estro e também de outros compositores brasileiros, como Newton Pádua, Henriqueta Rosa Fernandes Braga, J. Vieira Brandão, Virginia S. Fiuza, Otávio Maul e Maria Amélia de Oliveira.

Para maior brilhantismo, contou ainda o festival com a colaboração da aplaudida pianista Professora Dulce Vaz de Siqueira.

A fotografia acima é um "close-up" da festejada compositora e cantora brasileira, Professora Nênia C. Fernandes, especialmente para REVISTA DA SEMANA.



A SAÚDE DO BEBÊ

A QUESTÃO DO ALACTAMENTO NATURAL

DR. SABÓIA RIBEIRO

O leite materno é inigualável até o 6.º mês da criança, e sua substituição, por outro leite, até o 3.º mês, expõe com maior probabilidade a criança aos distúrbios da nutrição, com transição rápida para a diarréia, que pode, aliás, anunciar, logo, a perturbação alimentar.

Qual a causa por que tão frequentemente é privada a criança de seu alimento natural — o leite materno?

De parte os casos em que a secreção é escassa ou "difícil", por condições naturais da glândula, à maioria das vezes, a escassez provém de erros do alactamento, ou supostos prejuízos para a estética dos seios.

Somente em casos relativamente raros a escassês do leite materno, devido a condições naturais (secreção diminuída, dureza do seio, etc.), justifica plenamente a providência do desmame antes do término do 3.º mês.

Estatísticas de vários países, procedidas justamente entre as classes pobres que são, obviamente, as menos alimentadas, têm demonstrado que, até 95% das mulheres, podem amamentar, pelo menos, os três primeiros meses de vida da criança.

Se assim acontece, não pode haver dúvida que entre as classes abastadas, quase sem exceção, as mães devem poder criar ao seio os filhos, prolongando o alactamento até o 6.º mês da criança.

Do contrário, somente consequências funestas poderão decorrer para a criancinha, de um desmame precoce e prática do alactamento artificial.

Com o leite materno não se provê à criança somente, em relação às suas necessidades de alimentação e de seu crescimento, senão também em relação a certas substâncias protetoras contra as infecções.

A sua composição representa o ideal na correlação de suas substâncias (albuminas, açúcares, gorduras, sais e vitaminas) que não é igualada em qualquer das muitas misturas artificiais.

"As crianças de mama desenvolvem-se, sem dúvida alguma, melhor, crescem com maior regularidade, adoecem raramente e não ficam sujeitas aos distúrbios alimentares que ceifam as vidas dos lactentes aos milhares". Raquitismo, escorbuto, avitaminoses, são raramente observados em crianças de peito.

A mulher, portanto, a quem não falte o verdadeiro sentimento maternal, não é permitido faltar ao primeiro dos deveres que é amamentar o filhinho.

E' um êrro crasso (adverte um mestre), pensares que a amamentação deforma ou amolece o teu seio. O contrário, é a verdade. A sucção rítmica do teu filhinho, representa a melhor massagem e desenvolve as fibras elásticas que darão melhor suporte aos teus seios!

E' justo reconhecer, todavia, que não poucas vezes a secreção do leite materno se extingue em virtude de outros fatores.

Às vezes é o caso que a criança não foi ensinada a mamar em horas regulares, de 3 em 3 horas, mas lhe dão o seio ao menor sinal de irriquietude ou chôro, mama assim de dia e de noite.

Sempre que tal se verifica, o seio não é suficientemente esvaziado, e nestas condições não se enche bem, acontecendo que a secreção, com o tempo, acaba descendo cada vez mais até extinguir-se.

A secreção lactea exige uma constante renovação e isto só se dá com a sucção completa de cada apojadura. Aliás, o ideal é dar uma vez um seio, outra o outro.

De outras vezes, a secreção falta porque, sem motivo que o justifique, foram suspensas as mamadas, já porque a mulher enfermou, já a criança, já pela mera desconfiança de que a criança não está se desenvolvendo bem ou as dejecções não estão normais, etc., etc.

Suspenso o alactamento, nessas condições, dois dias, é o bastante para que o leite desapareça e a criança seja atirada para o regime artificial.

Se isto se dá no 2.º trimestre, é preciso muito cuidado; ainda no 2.º trimestre, também é preciso cuidado!

Também leva às vezes a suspender o alactamento ao seio a desconfiança que a alimentação materna mudou a qualidade do leite.

Nada disso procede.

A mulher que amamenta pode comer de tudo. Nenhum condimento atravessa o seio, seja o vinagre, seja o alho ou pimenta; nenhum alimento, seja a lagosta ou camarões à baiana. Já se viu, por exemplo, nada disso passar nas lágrimas, quando os comemos?...

Somente certos medicamentos passam no leite, mas sôbre isso deve o médico ser ouvido.

Em resumo, no alactamento natural, deve a mulher alimentar-se bem e entregar-se ao ato de nutrir o bebê, ao seio, com inteira satisfação (já escreveu um mestre a êsse respeito: "Se fazes sacrifícios e ficas em casa azeda, o teu leite diminui"); Lembrar-se, outrossim, dêstes conceitos que seguem e que mostram tôda a importância de um horário fixo e inflexível: :

"E' incrível como uma criança se subordina ao nosso plano alimentar e é inverossímil como ela adquire todos os vícios com rapidez vertiginosa. Se a dominarmos na primeira semana, a sua existência passará, por assim dizer, despercebida; se ela conseguir impôr as suas vontades estaremos irremediavelmente perdidos e nunca mais teremos um minuto de sossêgo, passando a viver em pleno estado de sítio".

CORREIO DA REVISTA

P. M. (Curitiba) — O mesmo com o seu "Prova de Anatomia".

L. C. (Itajaí — Santa Catarina) — O seu conto "Bolinha" também não pôde ser aproveitado. Está fraco literàriamente falando.

Don Deusdedit (Petrópolis) — Recebemos o seu trabalho. Vamos julgá-lo. Aguarde.

Clóvis Paiva (Belo Horizonte) — Deve estar na fila de selecionamento. Voltaremos sôbre o assunto em qualquer número próximo.

Geraldo Alves (Vitória) — Nada tem que nos agradecer.

Waldeck Lopes Barreto (Recife) — Ainda não chegou a vez de ser julgado o seu conto. Tomamos nota de sua recomendação.

E. F. S. (Hamburgo Velho — R G do Sul) — Não foi aproveitado o seu conto

H. G. (Rio) — Muito curto o seu conto "A Volta". Naquele tipo de papel mande, pelo menos, quatro fôlhas, em espaço dois.

Alam Ping (Alegre — E. Santo) — Não foi possível aproveitar o seu trabalho "Ideal Frustrado".

M. G. O. (Joinvile — Sta. Catarina) — O mesmo se deu com o seu conto "A última carta".

Graça Ipê (S. Paulo) — "O sapateiro do fim da rua" não pôde ser aproveitado.

A. S. F. (Pôrto Alegre) — "A Mãezinha" falhou também.

J. O. N. (Rio) — "Um canto no céu" não foi salvo. Um conselho: não se deixe influenciar por certas esquisitices literárias. Evite coisas assim: "O relógio na sala de jantar rosnou sete pancadas iguais". Êsse relógio era algum cachorro ensinado?

M. M. (S. Paulo) — Nada pudemos fazer pelo seu "Felicidade de Natal".

M. da G. (Campina Grande) — Reprovado o "Pic-Nic".

H. P. (S. Paulo) — Não nos foi possível publicar o seu "Profeta".

Romeu M. Cabral (Andradina) — Foi aprovado o seu "Relógio Antigo".

Que será seu filho AMANHÃ!

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

A flôr do cacto

(Continuação da pág. 47)

grudada ao corpo pela chuva, realçando os seus músculos fortes, o seu corpo de atleta.

Jovêncio era acaboclado, e tinha como os caboclos um ar determinado na fisionomia dura e enérgica.

Rondava há muito aquêle casarão velho cheio de livros e de ratos, e rondava a ratazana malvada que se aninhava no meio daquela papelada tôda: o Ventura.

E êle esperou, esperou, e desistiu. No dia seguinte, lá estava de novo.

Teria que acabar naquele pardieiro o último capítulo da sua vida.

Resolvera tudo. Com gente como êle não se brinca, nem se brinca com a miséria dos outros.

Êle ali estava para ensinar alguém a respeitar o direito de viver de cabeça erguida e de ser livre. Aquêle homem havia de pagar caro o que lhe fizera.

Vingaria todos aquêles a quem êle havia oprimido, humilhado; todos aquêles a quem fizera sofrer. E resolveu-se.

Entrou na repartição pela escada de serviço, como se ainda dali fôsse.

Os ex-colegas olharam-no espantados, depois encolheram os ombros.

— O que irá êle fazer lá em cima? — perguntaram.

Jovêncio subiu. Subiu e encontrou o chefe sentado à secretária lendo um semanário humorístico.

— Bom dia — falou com voz forte e ameaçadora.

Ventura levantou-se de chôfre. Um olhar de medo estampou-se na sua fisionomia balôfa. Olhou o armário cheio de livros, olhou o cabide e tateou com a mão a gaveta da secretária.

— Pode tirar o revólver! Não quero que digam que matei um homem indefeso! — exclamou Jovêncio.

Ventura tremia. A sua coragem não ia além das palavras com que procurava ferir os seus subalternos.

— Escute, Jovêncio! — quis êle conciliar.

— Pegue o revólver e defenda-se! — gritou o rapaz.

E o homenzinho, trêmulo, abriu a gaveta, tirou a medo a arma brilhante e levantou-a.

Ouviu-se um tiro e uma pancada surda. Jovêncio caiu. Corria-lhe pela cabeça um fio de sangue, enquanto que o diretor, pálido, com os olhos espantados, procurava socorrê-lo.

— Meu Deus! — murmurou com um apêrto no coração, até ali insensível.

A sala encheu-se de gente. Ventura, alheio a todos, ajoelhado, com a cabeça de Jovêncio no seu braço, desapertava-lhe com a mão livre o colarinho encharcado e sujo, sentindo em si algo que nunca sentira.

— Façam alguma coisa! — falou aflito — Tragam água!

E êle ali ficou a esperar um sinal de vida, um movimento do rapaz.

O seu ombro sangrava também; êle porém, não o sentia.

— Que pancada! — murmuraram. — Você bateu com fôrça, Sebastião!

— Foi preciso! — respondeu um crioulo forte e espadaúdo.

Jovêncio abriu os olhos. Ventura segurava nas mãos um medalhão de ouro prêso ao pescoço do outro. Seus olhos arregalaram-se. Um nó apertou-lhe a garganta. Sentiu-se enlouquecer.

— Êste medalhão...! — falou consigo. Abriu-o. De um lado estava o seu retrato do outro o de Jacira.

— Tire essas mãos imundas — gemeu o rapaz, soerguendo-se.

— Quem são? — perguntou Ventura também num gemido um olhar ansioso e aflito no rosto desfeito, e indicando o medalhão.

— Meu pai e minha mãe! Tire as mãos!

★

O diretor depressa se curou. A bala de Jovêncio resvalara. E o rapaz nunca soube por que fôra readmitido, nunca soube como se haviam conhecido d. Luísa e sua mulher, como se haviam tornado comadres e por que era o seu filho tão parecido com o Ventura.

E nas biscas dos domingos havia agora alegria, honestidade e mais um parceiro: o compadre.

Gente de rádio na...

(Continuação da pág. 21)

serviço social — fui feita para êle. Quero-o profundamente. Dentro dêle não me doem as costas quando o serviço é carregar ou descarregar sacos, como me doem quando fico sentada em uma poltrona seis horas seguidas. Nele quando aparece um problema, há uma única ordem: em frente À farmácia comprar vacinas para vacinar tôdas as pessoas de uma região, ou ao prefeito para regularizar esta ou aquela situação. A um morro para registrar cem ou duzentas crianças ou ao general Dutra para expor uma situação. Mas fazer — ver o resultado. E não um requerimento talvez votado no mesmo dia, talvez leve dois ou três dias conforme os discursos. Daí a oito ou dez dias — oh, burocracia! — estará nas mãos do prefeito para um despacho à autoridade competente, depois de dias nas mãos da autoridade competente e depois — bem, eu tenho um monte de requerimentos feitos. Dêsses, alguns sem resposta. Onde estão os outros? Virão ainda, sim, que é impossível a autoridade competente receber 100 500 requerimentos por dia e despachá-los imediatamente. Acreditar no impossível — eis a razão de tantos sucessos e tantas vitórias. Acredito que um dia um punhado de homens se resolva a reconstruir o organismo político nacional. Geralmente no Brasil quando os homens se reúnem é para organizar um assunto para criar um organismo sem a preocupação de complicar: detalhar o mais possível. E além da burocracia propriamente dita, que é um mal para todos nós, existe nos "bastidores" do Brasil (nos gabinetes e nos parlamentos) outro mal pior que eu chamo de "burocracia da idéia". Mas um dia surgirá o "punhado de homens" que eu espero para a política nacional — serão os reformadores. Os construtores da simplicidade. Acho que estou lhe contando um sonho. (Você se lembra daquela discussão sôbre os mosquitos e a febre amarela? O mal continuava mas havia sôbre êle um sério debate — matar o mosquito é da competência municipal ou federal?) Nesse dia qualquer sacrifício valerá a pena porque será compensado por verdadeiras realizações.

UMA CARTA QUE E' UM CARTAZ

Soubemos ser Urbano Lóes candidato a uma cadeira no Palácio Tiradentes. O "velhinho" da "Coversa em Família" tem cultura formada e está prestes a receber o diploma de advogado. Conhecido de norte a sul do país, através da atuação marcante que vem tendo ao microfone da sua emissora, procuramos ouvir-lhe a palavra a propósito de sua candidatura. Não conseguimos, porém. E quando já desanimávamos de incluí-lo nesta reportagem, eis que uma carta chega às nossas mãos. Daí a incluirmos neste desfile de



Está faltando o melhor...

quando falta às suas refeições

MALZBIER DA BRAHMA



Certamente!... Está faltando o melhor à sua refeição quando falta a nutritiva Malzbier da Brahma! E sua presença à mesa torna-se ainda mais indispensável quando há necessidade de compensar a ausência de um ou outro alimento. Sendo rica em malte — o saboroso ingrediente revigorante — Malzbier da Brahma enriquece seu almoço.. completa seu lanche... e melhora seu jantar. Ligeiramente adocicada, Malzbier da Brahma é a cerveja que entra em todos os lares devido a sua baixíssima graduação alcoólica. Tenha sempre à sua mesa o melhor em sabor... o melhor em prazer: a deliciosa Malzbier da Brahma — a cerveja do lar!

EM GARRAFAS E ½ GARRAFAS

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA — RIO DE JANEIRO — S. PAULO — CURITIBA — PORTO ALEGRE — PASSO FUNDO

Record 3120

A beleza ao seu alcance

LEITE
Belvitan

É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO, ESPINHAS, CRAVOS, PANOS, SARDAS, ETC. CONSERVA A CÚTIS SEMPRE LISA, BELA E ACETINADA

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Rua Souza Dantas, 23 - RIO.

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 55 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº .....

CIDADE .... ESTADO..........

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180, Sala 502 — Telef.: 3-2649

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º andar — Sala 217

opiniões. Ainda mais quando dois amigos, depois de a lerem, a julgaram não uma carta, mas sim um cartaz. Ei-la:

"Rio, outubro de 1949. — Meu caro Migueis. Um abraço. — Recebi seu recado ontem, à noite, pelo José. Êle me deu seu telefone e liguei, em seguida, para sua casa. Atendeu uma voz muito querida de criança (seu filho?), que nos informou que você havia saído. Não pude mais telefonar, porque estava em cima da hora da "Conversa em Família", mas o nosso amigo José, que estava bem a par do que você deseja de mim, deixou-me ciente de tudo.

Quem foi que lhe disse que sou candidato à Câmara dos Deputados no próximo pleito? Esteja certo de que houve precipitação por parte do informante. Lamento, portanto, não poder corresponder à sua gentileza, que agradeço. Prometo-lhe, todavia, uma entrevista para quando você quiser, sôbre assunto artístico ou radiofônico, ou mesmo político, mas acho que, no momento, não se justifica a inclusão do meu nome entre os dos possíveis candidatos do rádio em uma reportagem.

Não me considero melhor ou pior que ninguém, mas estou decepcionado com as propostas que me fizeram os dois partidos. Daí minha estranheza em espalharem por aí que vou ser candidato. Posso definir-me, politicamente, diante da realidade brasileira, dizendo-lhe que sou admirador incondicional do general José Pessoa e de outras reservas morais com que ainda conta, felizmente, a democracia e que repudio os beneditos.

Pedi aos dois partidos que se mostraram interessados em incluir-me nas suas chapas que me apresentassem os respectivos programas. Ambos, com evasivas, não me apresentaram programa algum. Uma vergonha! Fizeram-me sentir apenas que com os votos dos ouvintes da 'Conversa em Família'' eu, não só garantiria minha eleição, como também arrastaria comigo, para o partido milhares de votos. Confesso-lhe que me senti mal tendo que ouvir aquilo na "sede'' de um dos partidos (uma mesa num bar de hotel).

Pergunto-lhe, agora, Migueis, é honesto o que me propõem? Servir ao nosso povo, mas servir de verdade, eu gostaria, por que não? Acho até um crime de indiferentismo não emprestar minha colaboração na solução dos nossos problemas, já que me sinto em condições de realizar alguma coisa de positivo. E acho mesmo que todo cidadão bem intencionado, e que se sinta capaz, estará realizando obra de patriotismo se se dedicar com honestidade à causa pública, seja qual for a sua origem. Mas não perdôo aquêles maus brasileiros sem nenhuma convicção, sem nenhum programa, coveiros da Democracia, que só pensam em subsídios e imunidades. Além disso, como bom mineiro que sou, ainda sou daqueles que dão um boi para não entrar no "barulho', mas, uma vez dentro, dão uma boiada para não sair. Você bem sabe que gosto mais de realizar do que de falar, mas no Parlamento, quando não me deixassem realizar, eu falaria e gritaria tanto até ir para a cadeia. E para que mais um mandato cassado? Não que eu fôsse me fotografar em cuecas, mas porque deixaria de calças nas mãos todos os colegas do Parlamento que tentassem trair o povo ou desrespeitar a Constituição, no exercício do seu mandato. Não sei prometer, não sei enganar, não sei fazer demagogia. Será que estou fora da moda?

Não obstante, partido verdadeiramente democrático, que se proponha cumprir a nossa Carta Magna e lutar, na prática, pelo bem estar social, através de um programa progressista, se eu encontrar êsse partido e êsse programa, talvez mude de idéia.

Agora, mudando de assunto: você, que é "ouvinte atrás da porta'', teria ouvido a "Conversa'' quando falei sôbre a "Campanha Nacional da Criança''? Valeu a pena. Estou muito satisfeito. O povo está correspondendo ao apêlo. E aonde vamos buscar os grandes recursos para outros milhares de crianças que morrem de fome e de doenças, nos confins do Brasil, onde nem a civilização chegou? E' uma tristeza, Migueis. Mas sou otimista, havemos de vencer, não pela caridade apenas, que é um paliativo, mas solução dos nossos problemas pela base.

Desculpe-me o ter-lhe tomado êste tempo. Apareça na Rádio para um bate-papo. Obrigado por tudo.''

OS QUE NÃO SE MANIFESTARAM

A lista dos candidatos é grande. Nem todos, porém, quiseram falar. Outros, preferiram atribuir à pilhéria a inclusão de seus nomes em qualquer chapa. Floriano Faissal foi um. Nada quer com a política por sentir-se bem no rádio. Paulo Gracindo, por sua vez, desinteressou-se do páreo. Quanto a Ari Barroso absorvido pelos trabalhos legislativos, carecia de tempo para dizer alguma coisa. Por isso, restava-nos um recurso: dar por encerrada esta reportagem que nasceu de uma simples leitura de velho órgão carioca, onde as cifras do último pleito se alojavam.

O violinista do outeiro da Glória

(Cont. da pág. 38)

nós, quando começamos a ouvir o violino de Mateus gemer a Habanera de Pablo de Sarazate!

— Eu não disse?! — argumentou o Anisio.

— Ah! Ah! Ah!... Vá lá, que êle está tocando violino de camisolão branco! — riu vitoriosamente o Maneco, dando-me um tapa nas costas.

★

E, lá na Gávea, Emilia empurrava lentamente a porta da casa de sua amiga, tendo ouvido, ao subir as escadas que alguém tocava ao piano, uma valsa antiga de Eduardo Souto.

— Júlia! — gritou ela, limpando os pés no capacho da varanda.

E abraçaram-se demoradamente.

— Chegou agora? Como atrasou o "rápido"!

— Não está ninguém em casa, Júlia?

— Ninguém. Estava esperando o Mauricio. As crianças estão dormindo.

— Julia, continue a tocar a valsa. Não me recordo o nome, porém, conheço-a muito. Achei carinhosa a sua sala! Romântica!!

— Não. Você não está cansada? Já jantou?

— Ah! Minha amiga, estou morta de felicidade! Calcule, Júlia, encontrei-me com êle! Viajamos juntos... Não tem ninguém em casa?

— Não, já lhe disse, por quê?

— Êle, Júlia! Conversamos muito. Chama-se Mateus! Mateus Zaratini!

— Você está louca, Emilia?! — respondeu a outra, desprendendo-se dos abraços nervosos da amiga.

— Louca! Completamente louca!! Que mundo novo é o dêle, Júlia! Ah! Nem tenha dúvida: será meu! E' o destino, minha amiga!

— Fale baixo, Emilia!

— Pois tem alguém em casa? Você não disse...

— A empregada. As crianças podem nos ouvir... Não, Emilia, pelo amor de Deus: peço-lhe, como irmã. Não! Que loucura, minha querida! E o Carlinhos, seu filho? Êles crescem, Emilia. As crianças crescem. Você está louca?

Emilia deixou cair com desânimo os braços e fitava desorientada o chão.

— Já jantou? Vamos, são bobagens. Eu sei que isto passa. Você é romântica. Lembra-se do Caiado? Tudo não passou, Emilia? — observou Júlia, abrançando novamente a amiga e retirando-lhe o chapéu.

— Ah! O Mateus é diferente...

— Qual nada! Amanhã você não pensará mais nisto. Já jantou?

— Comemos alguma coisa, bebemos. Você não percebe que estou...

— E'? Beberam? Onde?

— Mudemos de assunto. Já estou percebendo que vou perder a amiga... Vá continue a tocar o "Verão". Gosto de valsas antigas...

— Onde vocês beberam, Emilia?

— Estou sendo sincera. Diga logo se me reprova. Não fique assim boquiaberta a me fitar. Sinto-me apavorada. Retirar-me-ei...

— Mamãezinha? Quem está aí na sala, conversando com a senhora?

— Está vendo, Emilia? Verinha estava acordada.

— Quero retirar-me.

— Não. Para onde? Julga-me capaz de aceitar uma proposta assim, louca? Nunca! Fechar a porta da minha casa, a você?...

— Vá conversr com sua filha, ande.

— Mamãezinha! — insistia a menina.

★

Redobramos nossos olhares psicológicos ou bisbilhoteiros sôbre a casinha de janelas azuis, do solitário violinista, que, impassível e romântico como o outeiro, continuava trinando seu violino, inocente como um canarinho, ao pé da igreja centenária.

Zaratini era o mesmo. Talvez por desconfiança minha, tornara-se mais amigo da natureza. Demorava-se mais com o pé sôbre um banco que lá existe, contemplando a

(Cont. na pág. 53)

NÃO SOBRÁRA NADA!

OS MAGOS da Culinária

• Pudera! Tão saborosos... E aqui está o segrêdo de alimentos deliciosos, apetitosos • de fácil digestão:

AMIDO DE MILHO
MAIZENA
DURYEA
MARCAS REGISTRADAS

Verifique o acampamento índio em cada pacote

A "MAIZENA DURYEA" 49- 4 6
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

PUXE PELO Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 Em que curso de direito Ruy Barbosa iniciou os seus estudos jurídicos:
No da Bahia?
No de Olinda?
No de São Paulo?

2 Em que data partiu do pôrto de Rastelo, Portugal, a frota de Cabral que descobril o Brasil:
9 de março de 1500?
15 de fevereiro de 1500?
2 de dezembro de 1499.

3 De que morreu Popeia, mulher de Nero:
De acidente?
De varíola?
De um pontapé?

4 Qual foi o Papa que convocou a primeira Cruzada:
Urbano II?
Clemente V?
Leão IX?

5 Qual a mulher que passou trinta e nove anos na prisão por ser a mais bela daqueles tempos:
Maria Antonieta?
Rosaura Montalbani?
Frinéia?

6 Qual o ponto culminante do mundo:
O Aconcagua?
O Gaurisancar?
O Dapsang?

7 A que loja maçônica Ruy Barbosa pertenceu:
Cavaleiros da Cruz, do Recife?
Liberdade, do Rio
América, de S. Paulo?

8 Qual dêstes aparelhos serve para medir a umidade do ar:
Higrômetro?
Barômetro?
Hidrômetro?

9 O himenóptero é o inseto que possui:
Duas asas membranosas?
Que não tem asas?
O de quatro asas membranosas?

10 Habitação lacustre é a que se ergue sôbre:
As praias do mar?
As margens dos rios?
As bordas dos lagos?

11 Em quantos graus se divide uma circunferência:
300?
360?
420?

12 Em que ano foi fundada a revista EU SEI TUDO:
1917?
1920?
1918?

13 Quem construiu a famosa basílica de S. João de Latrão, em Roma:
O Papa Clemente XI?
O Imperador Frederico II?
O Imperador Constantino?

14 A religião muçulmana foi fundada por:
Mahomet?
Abd-Ala?
Abraaão?

15 O nome da febre palustre malária, vem:
Do francês?
Do espanhol?
Do italiano?

16 Qual dêstes nomes é o do Parlamento da República de Israel:
Herut?
Knesset?
Kibutz?

17 Qual o nome abrasileirado do "corner", em futebol:
Escantelo?
Sem pulo?
Bicicleta?

18 Qual a causa das marés:
Aproximação de Venus?
Excesso de águas dos rios?
Atração do sol e da lua?

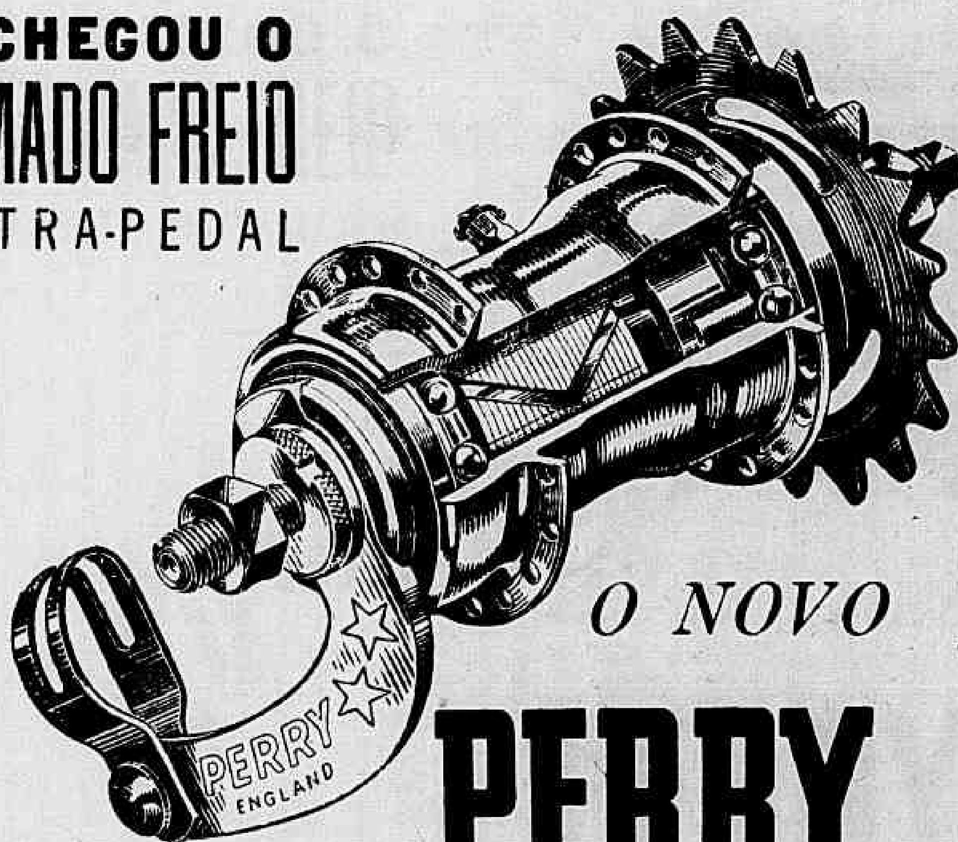
19 Quem foi a mãe de D. Pedro II:
A Rainha Carlota Joaquina?
A Imperatriz Leopoldina?
A Imperatriz Dona Amélia?

20 Quantas são as constelações catalogadas em ambos os hemisférios:
120?
12?
88?

(Respostas na página 58)

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O
AFAMADO FREIO
CONTRA-PEDAL



O NOVO
PERRY
DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo



FABRICADO E GARANTIDO PELA
PERRY CHAIN COMPANY LTD.
BIRMINGHAN --- INGLATERRA



BAR — DIVERSÕES — VITÓRIA
RECENTEMENTE INAUGURADO!
BAR MODERNO E CAPACITADO A ATENDER AO MAIS EXIGENTE FREGUÊS
RESTAURANTE DE 1.ª ORDEM
DANCING AMPLO E EXCELENTES "JAZZ-BANDS"
Tudo em ambiente confortável e higiênico
Funciona das 22 horas às 3 da manhã
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 17 — LAPA

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo:
Rua Álvares Penteado, 180, sala 502
Telefone: 3-2649

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS
TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc.
a Cr$ 35,00, o vidro
Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha

Pasta Dentifrícia
S.S.WHITE
O DENTIFRICIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

Capoeiragem, número de turismo

(Continuação da pág. 24)

tarde de 8 de abril de 1890, estava o capoeira grã-fino à porta da Pascoal, a contar suas aventuras, quando passa justamente por ali o chefe de Policia. Logo que o viu, Sampaio Ferraz o prendeu. Foi um alvorôço. A cidade inteira se agitou, perplexa, a comentar o acontecimento. Metido no xadrez, Juca Reis passou a ser tratado como qualquer capoeira de subúrbios e de morros.

Sua mãe, chorosa, subiu as escadas do Itamarati e pediu a Deodoro que mandasse soltar o filho; mas o Presidente da República não a atendeu. Juca Reis era um capoeira e tinha que ir para a ilha. O conde de Matosinhos mexeu e remexeu. A imprensa que ficara ao lado do capoeira fêz barulho. O caso atingiu tal clima de sensação que o Ministério se reuniu para decidir sôbre o que deveria fazer o govêrno em face do "affaire" Juca Reis... Quintino Bocaiuva ameaçava demitir-se se não fôsse libertado o prêso.

Mas Sampaio Ferraz, comparecendo, declarou: — "Se não fôr para Fernando Noronha como os outros, quem se demite sou eu."

E Juca Reis viajou como o último capoeira desta cidade que já começava a ser maravilhosa... E Quintino ficou.

Hoje, tanto aqui no Rio, como em outras capitais do país, o capoeira é apenas um ser que se exibe para completar números de turismo, como os "apaches" no "basfond" lá de Paris. A capoeiragem como recurso de ataque ou defesa pode e deve ser ensinada em corporações policiais de repressão à malandragem, como sucede com o "jiu-jutsu", que, segundo se diz, é inferior àquela.

Nestas páginas damos alguns flagrantes de capoeiragem realizada na Bahia, como números de exibição a visitantes daquela capital nas últimas festas. Más os capoeiras já escasseiam. Quando, há quatro anos passados, o diretor cinematográfico Susini veio de Buenos Aires contratar no Rio uns capoeiras para seqüências do filme "A Marquesa de Santos" (Embrujo), não teve muita facilidade, embora oferecesse boa remuneração, passagens de ida e volta, comidas, passeios e bebidas na capital portenha. E a cena, embora feita, passa despercebida no filme. Terá sido cortada?

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

(Continuação da pág. 32)

bem diferente, talvez uma escritora ou mesmo pintora, por possuir dotes para estas duas artes, não se sente de maneira alguma arrependida da existência que leva. Tendo inclinações para a dança, resolveu fazer disso c seu único meio de vida. E' uma ardente amorosa da dança moderna, o tipo de dança que executa. Perguntamos-lhe por que razão não gostava da clássica, e ela respondeu prontamente que a dança clássica qualquer "imbecil'' pode dançar, fato que não acontece com a moderna, porque esta requer do seu executante expressãc e sentimento. Quisemos saber ainda a razão pela qual transformou-se numa adepta fervorosa do nudismo e por que gostaria de fundar o "Partido Naturalista Brasileiro''.

— Sou uma ártista e como tal é que olho o nudismo Nele não encontro nenhuma imoralidade a não ser os gestos e atitudes demonstrados na maioria das vêzes pelos "moralistas''. Quero, no entanto, deixar bem claro que, caso consiga a fundação dêsse partido, não irei implantar o nudismo no Rio de Janeiro. Nada disso. Quero apenas uma colônia oficializada para fins puramente terapêuticos. Sou — afirma ainda Luz del Fuego — uma criatura que vive por uma imposição da vida, despida de preconceitos e ilusões, bem à luz da verdade...

★

Não é irrisório afirmar que Luz del Fuego seja apenas uma vítima do sensacionalismo barato. Certas criaturas aproximam-se desta moça com os planos mais abjetos para explorar suas idéias. Luz del Fuego não é o que pintam os jornais. Nela não encontramos a ambição nem a sêde de "cartaz'' tão peculiar naqueles que, por um gesto ou uma atitude, conseguem despertar as atenções gerais. Certos rapazes fizeram dela algo que realmente não é. Transformaram a sua vida impiedosamente num oceano de dúvidas e imoralidades. Quem se aproxima de Luz del Fuego sente imediatamente essa verdade. Nas nossas observações concluímos que é de boa índole, possuindo um coração generoso, o qual é desastrosamente explorado por aquêles que a cercam. Certos repórteres é que fizeram de Luz del Fuego uma criatura perigosc à boa moral brasileira porque jamais se preocuparam em focalizar o que de bom, puro e honesto ela possui

★

Luz del Fuego é uma criatura sem grandes planos para o futuro. Deseja, como tôda jovem na sua idade, um lar confortável com um espôso digno e compreensível. Apesar de ter sido a sua própria experiência o único apoio que teve na vida, diz que jamais se casaria se não fôsse por amor e dinheiro, porque considera um o complemento dc outro. Encontrando o homem que lhe proporcione estas duas coisas, acredita ser capaz de tudo abandonar com a finalidade exclusiva de tornar-se uma espôsa fiel para o homem que a escolher. Adora a vida do lar, ocupando-se nas horas de folga em afazeres que se enquadram apenas na formação de mulher simples e pacata. Gosta de cozinhar e arrumar a sua casa. Costura e pretende ser mãe, porque considera a maternidade o ato mais sublime que a mulher pode praticar.

Como vêem os leitores, Luz del Fuego é apenas uma criatura simples, sem possuir absolutamente a "veia dc sensacionalismo ou da imoralidade''.

★

Em face do relato sincero da existência dessa artista, pode e deve a mesma ser julgada e condenada pelas exteriorizações de seus gestos e atitudes? Não se evidencia, com alguma clareza, que vive a sua tragédia interior? Sua coragem, enfrentando família e sociedade, e ganhando duramente a vida com o trabalho honesto da profissão que elegeu, não é realmente digna de admiração?

E' bem possível que muitos dos que a condenam e se escandalizam com as demonstrações algo pagãs de Luz del Fuego não possuam a tranquilidade de alma dessa tão combatida artista.

Como no Evangelho, aquêles que se julgarem livres de culpa atirem-lhe a primeira pedra...

ARTEFATOS DE BORRACHA EM GERAL
ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS
Matéria plástica
CAPAS PARA AUTOMÓVEIS
Em "palhinha" Cr$ 650,00
Em "nylon" Cr$ 1.500,00
VENDEMOS PELO REEMBOLSO
Pedidos à
SOC. IMPORTADORA "JOARES" LTDA.
RUA PEDRO PRIMEIRO Nº 42 — RIO
(Próximo à praça Tiradentes)

A grande aventura do "Italia-Trieste"

(Continuação da pág. 8)

zianas com os brasileiros, apreendeu suficientemente o português, frases em código e até jíria.

Giovanni Valcich nasceu em Lussimpiccolo, na ilha de Lussino, uma das que foram tomadas pela Iugoslávia. Perito comercial, fêz a guerra a bordo das lanchas torpedeiras.

Êsses os moços que animados por um ideal de sincero patriotismo, se propuseram realizar uma façanha para chamar a atenção do mundo não para suas pessoas e sim para a finalidade que os impeliu a enfrentar o desconhecido, o perigo, as privações, a incerteza do amanhecer, num desprendimento total da vida. Simples, heroicos, nada pedem para êles. Uma luz brilhante os iluminou durante tóda a viagem: a esperança de êxito do difícil cruzeiro por êles realizado.

A VIAGEM

O barco "Trieste-Italia" é do tipo salva-vidas, dos que se usam nos transatlânticos. Tem o comprimento de sete metros e 60 cms.; boca de 2 metros; registro de toneladas 3,56; uma vela de 16m2. Possue um motor auxiliar tipo Yunker, de 10HP, construído na Itália pela fábrica "Muzzi", de Firenze, e com 10 anos de vida. A viagem deveria ser feita, na maior parte, à vela, porém devido ao mau tempo especialmente no Oceano, o motor chegou a funcionar quase 360 horas seguidas, resistindo galhardamente aos embates do mar forte e salvando os tripulantes de situações críticas. O gasto de nafta foi em média de litros 1,38 por hora. Em Trieste foi oferecido aos jovens marinheiros um iate de 17 ton. com camarote para oito pessoas e todo o confôrto, coisa que êles recusaram pois preferiam maiores dificuldades para a viagem a fim de chamar atenção sôbre o feito com muito mais razão. Sairam de Trieste às 23 horas do dia 16 de dezembro de 1948, durando portanto a viagem há onze meses.

Partiram sob escolta policial, que se prolongou até Venezia, para evitar sabotagem, atentados e ataques dos "titinos". Escalaram em Bari e Brindisi, no Adriático. Em Messina, Palermo e Trapani, na Sicilia, de onde se despediram da Mãe-Pátria. Na África do Norte, em Biserta, Tunis, Alger, Oran, de onde passaram para a Espanha, em Almeria, Malaga, Gibraltar, onde tiveram permissão pelo almirante comandante da base, de entrar na mesma e de usar o aparelho de rádio-telegrafista. Depois em Tanger, Casablanca, Mogador, de onde empreenderam a travessia do Atlântico. Tocaram em Santa Cruz de Tenerife, e daí rumaram em direção a Dacar, mas quando no meio do caminho, por um golpe de vento, o Capitão De Gasperi caiu e fraturou o braço esquerdo. Voltaram e ficaram retidos um mês em Las Palmas da Gran Canaria até o restabelecimento do comandante. Em seguida rumaram diretamente para o arquipélago do Cabo Verde, parando em São Vicente, antes de se lançar na travessia do Atlântico. Uma vez iniciado o salto maior e mais arriscado em direção a Natal, tiveram que enfrentar mar muito agitado, ventos fortíssimos e três furacões. Por isso foi-lhes de grande auxílio o contacto conseguido pelo rádio desde Santa Cruz de Tenerife com os rádio-amadores brasileiros aos quais pediram notícias detalhadas sôbre a direção dos furacões, e a direção que êles deveriam tomar para evitá-los.

Foram preciosas as informações obtidas especialmente por intermédio de Mário Paraguassu, do Cel. Ayrton Plaisant, de Sebastião Ribeiro, Alfredo Nunes e de tantos outros, aos quais, reconhecidos, êles, publicamente agradecem. Admiraram-se da perfeição dos informes meteorológicos fornecidos pela Panair do Brasil a que também agradecem. Na altura de Fernando de Noronha, o rádio de bordo deixou de funcionar por causa do esgotamento das baterias. Devido ao mau tempo, não puderam aportar

Contra o esgotamento físico e mental!
VINHO DA VIDA
VINOVITA
RENOVADOR DAS FORÇAS
Tonico poderoso

a Natal, inesperadamente apareceram em Fortaleza. Grande foi a satisfação dos brasileiros pela notícia, pois já os consideravam perdidos. A travessia demorou 16 dias e 7 horas a uma velocidade média de 4,7 milhas por hora, num percurso de 1.832 milhas. De Fortaleza foram para Natal, Recife, Bahia, onde ficaram um mês, e de lá para o Rio, com ligeira escala em Caravelas, para conserto da antena do rádio, derrubada pelo vento forte.

A FINALIDADE

Em entrevista que nos concederam, os quatro italianos explicaram as razões que os induziram a empreender tão arriscado feito.

— Nós queremos, — disse o Capitão De Gasperi, — suscitar a opinião pública e a dos governos das Repúblicas Latinas para a nossa causa. O que interessa não é o feito esportivo, a viagem e a travessia oceânica, e sim a situação de nossa pátria, que por um injusto tratado de paz foi entregue a uma nação estranha à nossa nacionalidade. Nós não somos eslavos, somos italianos, temos uma cultura e uma formação latina que absolutamente não se coaduna com a maneira de ver dos iugoslavos. Tudo é diferente entre nós. A educação, a história, a língua, a formação étnica, a religião, as tradições, a música, as artes e os princípios da vida que o acervo de civilização italiana nos legou.

— Mas Trieste foi declarada cidade internacional.

— Foi. Mas sem razão de ser. Viu-se que era por demais absurdo entregá-la à Iugoslávia, como esta exigia, e então não podendo ser dela, também não deveria continuar italiana! Mas o resto do território da Venezia Giulia, compreendendo Pola, Fiume, as terras ao norte e a leste de Trieste, as ilhas da Dalmácia, e Zara, foram entregues a Tito.

— A população dessas terras não é na realidade de formação étnica eslava?

— Não. A prova está naquilo que passou para a história com o nome de "Êxodo de Pola". A cidade de Pola contava 33.0000 habitantes. Terminada a guerra e conhecido o seu destino, a maioria dos habitantes abandonou em massa a cidade. Bem 32.000 pessoas refugiaram-se em território italiano. Dos 270.000 habitantes de Trieste, duzentos mil fazem parte da "Lega Nazionale" pro volta à Itália. E' comovente assistir a qualquer manifestação, pois todos tomam parte, velhos e crianças, imbuídos de sentimentos patrióticos. O número de exilados é enorme, e todos, sem distinção de credo político, só almejam uma coisa: a reintegração de suas terras à Mãe.Pátria.

— Qual é a situação atual de Trieste?

— A cidade está dividida em duas zonas, uma ainda sob administração dos aliados, e a outra sob administração dos iugoslavos. Na primeira, há liberdade de opinião, na segunda existe terrorismo. Vinganças, assaltos, perseguições, deportação, assassinatos e intolerância política absoluta, eis os métodos comunistas. Nos últimos dias de guerra, Tito conseguiu dominar por quarenta dias a cidade de Trieste. Desapareceram então cinco mil italianos. Eram amarrados em grupos de três ou quatro algemados com arame farpado e enfileirados nas bordas de precipícios as "Foibe Istriane", de que está cheio o grupo do Carso, devido à erosão dos rios subterrâneos. Matavam então a tiros uma única pessoa dêsses grupos, que, perdendo o equilíbrio eram tragados pela voragem.

A esta altura lembramos a visita que fizemos há dez anos, uns quinze dias antes deestourar a última guerra mundial, justamente naqueles lugares, quando chegamos até às famosas grutas de Postumia, na fronteira, terras essas hoje em mão dos iugoslavos.

Inquiridos sôbre o motivo imediato da viagem esclareceram:

— Trazemos uma mensagem da "Lega Nazionale" para os presidentes do Brasil, da Argentina e dos Estados Unidos. Como lembrança trazemos para S.S. Ecias., três medalhas de prata em que estão gravados o sêlo e o escudo triestinos do século XIII. Pretendemos angariar simpatias para o nosso movimento redencionista, de modo a poder contar com o apôio das repúblicas latino-americanas no seio da ONU. Queremos que os povos latinos compreendam nossos anseios e façam côro conosco para a obtenção da liberdade, da democracia e da justiça também para nossas terras.

— Por que escolheram a América Latina para meta da viagem?

— Por várias razões. Em primeiro lugar porque a América Latina sempre defendeu a nossa causa e a da Itália na ONU. Depois, porque aqui moram alguns milhões de nossos -co-nacionais. Finalmente, porque eu, nas minhas viagens de antes da guerra tive ocasião de conhecer bem êste país e de admirar o seu povo. Parecia-me de estar na minha terra, tantas eram as afinidades dos costumes e do espírito desta gente. Agora, na Bahia, um dia que fomos visitar o templo de Nosso Senhor do Bonfim, fomos abordados na rua por uma preta velha, que, dizendo saber das razões da nossa viagem, fizera uma promessa para a obtenção do êxito da nossa missão. Creia que isto só pode cativar e comover quem vem de tão longe para conseguir apôio moral por uma causa de justiça.

Sôbre o programa a ser efetuado nesta capital, disseram que entre outras, prestarão homenagem à memória de Ruy Barbosa, paladino da democracia e da justiça neste país. Quanto ao prosseguimento da viagem adiantaram que irão de avião até São Paulo, voltando em seguida para continuar de barco até Buenos Aires. De lá pretendem ir até os Estados Unidos, porém não de barco. A volta para Trieste ainda não foi programada.

Êles vieram para contar um pouco do comunismo que viram ser praticado pelos infelizes sequazes do credo vermelho. Êles não são fascistas, pois o patrono da sociedade patriótica de Trieste, Umberto Felluga, é um dos mártires dos nazistas. Morreu no campo de concentração de Dachau, na Alemanha. Êles que conheceram o fascismo e o nazismo, que lutaram para se livrar da tirania, por que deveriam aceitar o comunismo, o pior dos totalitarismos?

E' com a transcrição do trecho final da Oração do Exilado da Venezia Giulia, que termino esta reportagem:

"...Dai-nos agora e sempre o pão cotidiano, e se para salvar a nossa Pátria da insânia vermelha fôr necessário o sacrifício também de nossas vidas, tomai-as, ó Deus, tôdas, mas salvai a nossa Itália e a nossa italianíssima terra".

UMA COLEÇÃO PERFUMADA

Sempre desejada

A "EQUIPE" PHEBO

Com o sempre desejado Odor de Rosas, PHEBO, que nasceu no sabonete n.º 1 do Brasil, ampliou o seu domínio, aparecendo agora através o seu perfume, que vive mais intenso ainda, no pó de arroz e talco, em lindas embalagens de madeira. Adquira para si esta preciosa coleção, e, sempre que tiver um presente a oferecer, dê uma caixa de luxo com 3 sabonetes PHEBO.

Criações PHEBO

PERFUMARIAS PHEBO Pátria

O violinista do outeiro da Glória (Cont. da pág. 50)

baia, prateada, nas noites de luar. Fixava olhares lânguidos lá por Niterói, quando o sol nascia vermelho e esplêndido. Aparecia mais tarde à janelinha de sua casa, atirando migalhas de pão aos pardais e milho aos pombos alegres e famintos. Depois, colocava seu canarinho ao sol; levava o papagaio para o quintal e começava a executar melancólicas "Melodias Ciganas" de Sarasate.

Outra diferença que notei então, era seu modo grosseiro de tratar a Maria Rita, aumentando a paixão recalcada, da linda princesinha morena do outeiro. E ela ficava ali, sentadinha naquele banco, a fazer crochê, ou debruçada sôbre aquêle muro, tôdas as tardes, esperando que o rapaz lhe fizesse, lá do jardim da Glória, um adeuzinho ao menos.

Três meses se passaram assim. Estava sendo esquecida a aventura do Zaratini quando o Maneco, uma certa noite acordou-nos, dizendo que um vulto prêto penetrara na casinha do Mateus.

— Vulto de prêto? Deve ser o padre que lá foi jogar bisca —, retrucou o Anísio, sempre descrente.

— Vestido prêto, foi Maneco? E' ela!

— Vestido escuro. Qual padre, coisa nenhuma. Jogar bisca, a esta hora da noite? — reafirmou o Maneco.

O fato, entretanto, é que não tivemos a paciência de esperar que a teimosa porta da casa do violinista, se abrisse novamente. Esgotados pela quietude do outeiro, resolvemos dormir, seguindo o exemplo do feliz Anísio.

(Continua no próximo número)

VIVER COM AMOR

MARGARET GORMAN NICHOLS

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York é convidada por Clive para jantar em sua companhia e êste se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à cidadezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova esposa de seu ex-marido, Bill, e sabe que ela está hospedada com êle no Hotel Beaumont. Em Clinto, Carol é cercada de tôdas as considerações por parte de sua amiga Freda, espôsa de Ian Kelly. Tendo sido convidada para jantar numa roda de amigos no clube, Carol tinha apenas receio de que Bill e Evelyn tivessem nquela noite o mesmo pensamento e os três se fôssem encontrar naquele meio social. Tendo comparecido em companhia de seus amigos à reunião do Clube, Carol se sentiu profundamente perturbada com a presença, ali, de Bill e da esposa dêste. Evelyn. Procurando resumir sua visita àquêle meio, pediu para retirar-se, sendo acompanhada até ao seu apartamento por Scott, de quem se despediu à porta, pedindo-lhes desculpas por lhe não ser conveniente convidá-lo para subir. Já não bastando a Carol os cortejos de Scott, um dia chega à estação ferroviária da cidade o impertinente Clive, que lhe telefona pedindo um encontro na própria estação. Carol comparece e fica surpreendida quando o seu ex-companheiro de turismo lhe propõe uma união extralegal. As confidências que Carol fazia junto à sua amiga Freda cada vez mais provavam que esta parecia pender para os lados de Clive, procurando influenciar no espírito de Carol um esquecimento a respeito das pretensões de Scott.

Clive aproveitou o momento psicológico e bordou um romance. Carol se deixou inebriar pela voz daquele homem elegante e amigo que lhe falava com tanta meiguice. Êle ergueu-se; ela o imitou. Suas mãos se procuraram, seus braços se aproximaram. Abraçados, os lábios se uniram num só beijo, longo, amoroso...

— Você também me ama — disse êle. — E você, pobre alma sofredora, continua a lutar entre o amor de dois homens ao mesmo tempo. Não lute assim, querida. Resolva o problema. Aceite-me e seja feliz comigo como eu serei com você.

— Mas Clive, eu não sei muito a seu respeito... Apenas sinto que você conseguiu uma coisa que, até agora me parecia impossível... Eu estou sentindo por você um sentimento que julguei não mais existir em meu coração...

— O mais importante que você deve saber de mim é que eu posso torná-la feliz para o resto de sua vida. Você vai ser tão feliz, que, depois, verificará que jamais foi tão feliz assim...

Tornaram a beijar-se.

Recordaram aquêle primeiro beijo em Havana.

— Querida... Não conversemos mais. Desejo apenas amá-la, tê-la em meus braços, admirá-la... aos seus pés... vencido... Você me dominou, querida!

Conclusão:

Os dias que se seguiram foram de muita alegria e passeios, tendo Carol apresentado Clive às pessoas de sua família. Andavam sempre juntos, iam a festas e a danças.

Carol sentia que o amava. Já não podia sentir aquêle mesmo impulso para Bill. Clive e ela já eram considerados pelos hóspedes do hotel como sendo noivos cujo casamento estaria por dias.

Entretanto, Carol resistia à idéia de torná-lo seu espôso. Era como se não pudesse admitir que um outro mundo a posuísse além de Bill. Mas estavam divorciados e, como dissera Clive, ela sempre vivera com amor e sem amor não poderia viver.

Certa tarde, Carol surpreendeu o tio e o pai com esta notícia:

— Sabem? Estou resolvida a voltar para Clinton no sábado próximo.

— Já vai voltar?... — estranhou o tio Jeff com aquêle seu arrebatamento característico.

— E' razoável — disse o velho pai. — Carol já não tem mais quem a prenda aqui...

— Não, meu pai. Muita coisa me prenderia aqui. Mas eu tenho um apartamento lá, uma empregada e o meu emprêgo de que muito gosto. Muito me diverti e tive muito prazer em revê-los e abraçá-los; mas... minhas férias não podem ser eternas. Além disso, o hotel é caro e... Clive está de partida para o Oeste.

— Pois eu pensei que você fôsse casar com êle, Carol — disse o tio Jeff.

— Êle não me pediu ainda...

No dia seguinte, Clive e Carol deram longos passeios de carro e se ficaram sob árvores a trocar impressões sôbre o casamento. Era um duelo curioso. Aí então Clive tomou uma decisão. Acabar com aquêle romance e pedí-la em casamento. E ficou acertado o casamento em junho. E no sábado de sua partida, o pai e o tio ainda ignoravam o seu casamento.

Quando Carol se despediu do pai e do tio, estava presente Clive. Ai então tudo se descobriu. E Carol recomendou-lhes que tomassem conta do rapaz.

O tio Jeff gostou do casamento; mas o pai de Carol não deu impressão igual. Ao abraçar a filha, recomendou:

— Tenha cuidado, minha filha. E escreva sempre... muitas vêzes!

Tempos depois sucedeu uma coisa inesperada em Clinton. Bill foi a uma festa de caridade no Country Club em companhia de sua espôsa Evelyn, e ali teve a surprêsa de saber que o chefe da orquestra, o *crooner* era Rand Andrews, aquêle mesmo que estivera para casar-se com Evelyn e só não chegou a realizar seu plano porque os pais da moça se opuseram terminantemente.

Durante a festa reconheceu Bill que sua mulher ainda amava o músico. Rand estava no auge de sua fama, era popular e estava magnificamente bem de finanças.

No dia seguinte, Evelyn declarou ao marido que ia pedir divórcio e seguir para Hollywood, onde morava Rand.

Bill não pôde demovê-la. Ela amava o outro e não podia ocultar mais. Bill se sentiu como que desamparado. Ia novamente ficar sòzinho.

Na hora da partida, êle ainda perguntou:

— Precisa de dinheiro?

— Não, obrigada. Não preciso.

E depois de um diálogo em que Bill se mostrou generoso e disposto a ser-lhe útil, sendo em todos os seus oferecimentos desprezado por Evelyn, ela lhe deu o "adeus". Bill lhe respondeu também: "Adeus".

A tudo isto se seguiu completo desconfôrto para Bill, que tratou logo de alugar a casa em que vivera em Clinton, e deixar o lugar.

Como não poderia deixar de acontecer, Carol, Freda e Ian muito se ocuparam da situação e todos lamentavam a sorte de Bill, a quem dedicavam sincera e velha amizade.

Carol passava quase todo o seu tempo em casa da amiga. Era a única pessoa em quem podia confiar. Uma bela tarde Freda exclamou:

— Minha gente! Venham ver quem está chegando!

Ian se ergueu para ver. Era Bill.

O espôso de Freda o abraçou.

Carol estava sentada e olhou para seu ex-marido, cumprimentando-o cordialmente.

— Alô, Carol!

— Como está, Bill?

— Estou bem...

— Sente-se Bill — disse Ian. — Tome alguma coisa. Vou buscar.

Freda perguntou a Bill, logo que Ian se meteu lá para dentro em busca de "drinks".

— Quando chegou, Bill?

Bill acendeu o isqueiro e aproximou a chama do cigarro de Freda, respondendo:

— Ontem. Tom acaba de convidar-me novamente para a firma e eu vou ficar aqui.

— Oh! Muito me alegro com isso, Bill — respondeu Freda.

Bill se voltou para a ex-espôsa e perguntou:

— E você, Carol, como vai com essa vida?

— Muito bem.

— Está de muito bom aspecto.

— Obrigada. Você também está muito bem disposto.

— Estou ficando velho...

— E quem não vai ficando velho? Todos nós — gritou Ian, que chegava com as bebidas.

Fizeram um círculo no terraço.

A palestra se prolongava e Carol perguntou:

— Que horas são?

— Ainda é cedo, Carol — respondeu Freda.

— Não! Quase uma hora! E' muito tarde. E eu me vou.

— Está com seu carro, Carol? — perguntou Bill.

— Não. Deixei-o na limpeza.

— Posso levá-la? Vou na mesma direção.

— Sem dúvida... Muito grata.

Antes de despedir-se de Freda, esta contou a Carol que a vinda de Bill até êles, fôra uma armadilha pregada pela espôsa de Ian.

Freda estava torcendo para que Bill e Carol novamente se unissem. Quanto a Clive...

Carol lamentou que tudo isso sòmente agora estivesse a suceder, justamente quando ela já havia dado sua palavra a Clive, devendo casar-se com êle em junho.

No percurso, Bill lhe perguntou:

— Leu os jornais de hoje?

— Não.

— O divórcio foi concedido. Tudo passou entre eu e Evelyn. E eu estou satisfeito.

— Se assim é, eu também me sinto feliz com isso.

Conversaram muito e ambos reconheceram que aquêle amor jamais se apagou ou esmoreceu.

Ao chegar ao edifício do apartamento de Carol, esta se despediu de Bill e lhe agradeceu o ter trazido até ali.

Carol resolveu então escrever a Clive imediatamente.

No dia anterior Clive lhe havia escrito dizendo que o casamento ficava adiado para o outono por motivos imperiosos. Então Carol lhe escreveu bordando comentários sôbre o seu enlace com êle, fazendo considerações filosóficas e justas, terminando por dizer que, segundo estava certa, Clive não estava disposto ainda a casar-se com ninguém. Tudo aquilo não passara de um romance a que ela acedeu pelas circunstâncias ambientes.

Assinou a carta e desceu para pô-la no correio. O porteiro se ofereceu, em virtude da hora, mas Carol agradeceu e foi pessoalmente colocá-la na caixa coletora.

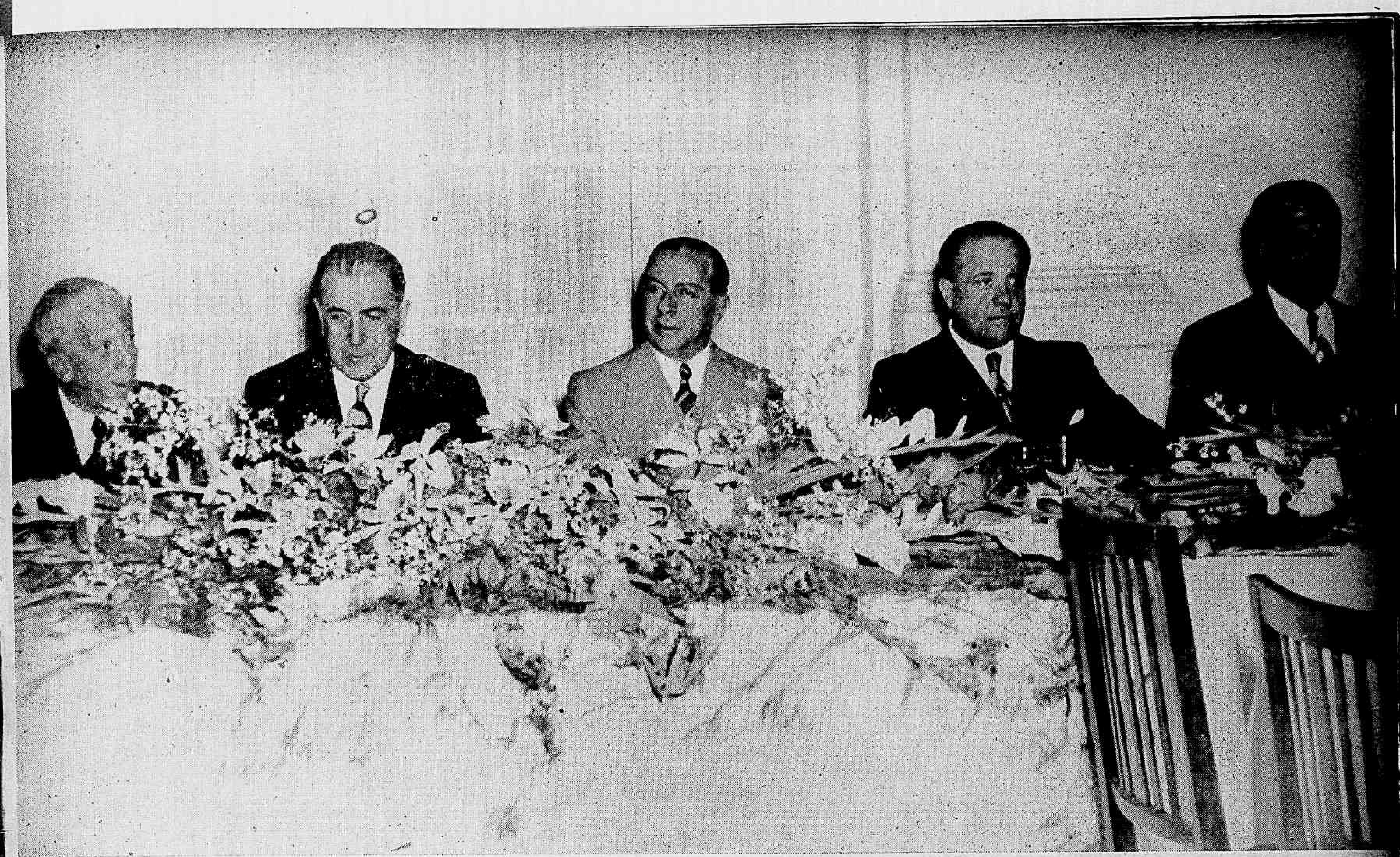
Aquela carta desfazia o idílio na Flórida com Clive e lhe dava o direito de voltar aos braços de Bill, o homem a quem, realmente amava loucamente.

O divórcio com Evelyn fôra a salvação para ambos. Se Freda cometera uma imprudência, Carol estava contentíssima com a sua artimanha. E Freda era sua amiga sincera. Não podia deixar passar a oportunidade de reatar o fio de sua vida.

Ao chegar à rua viu que o carro de Bill estava parado. Êle ainda não se fôra.

Bill ficara ali até ver que as luzes do apartamento de Carol se haviam apagado.

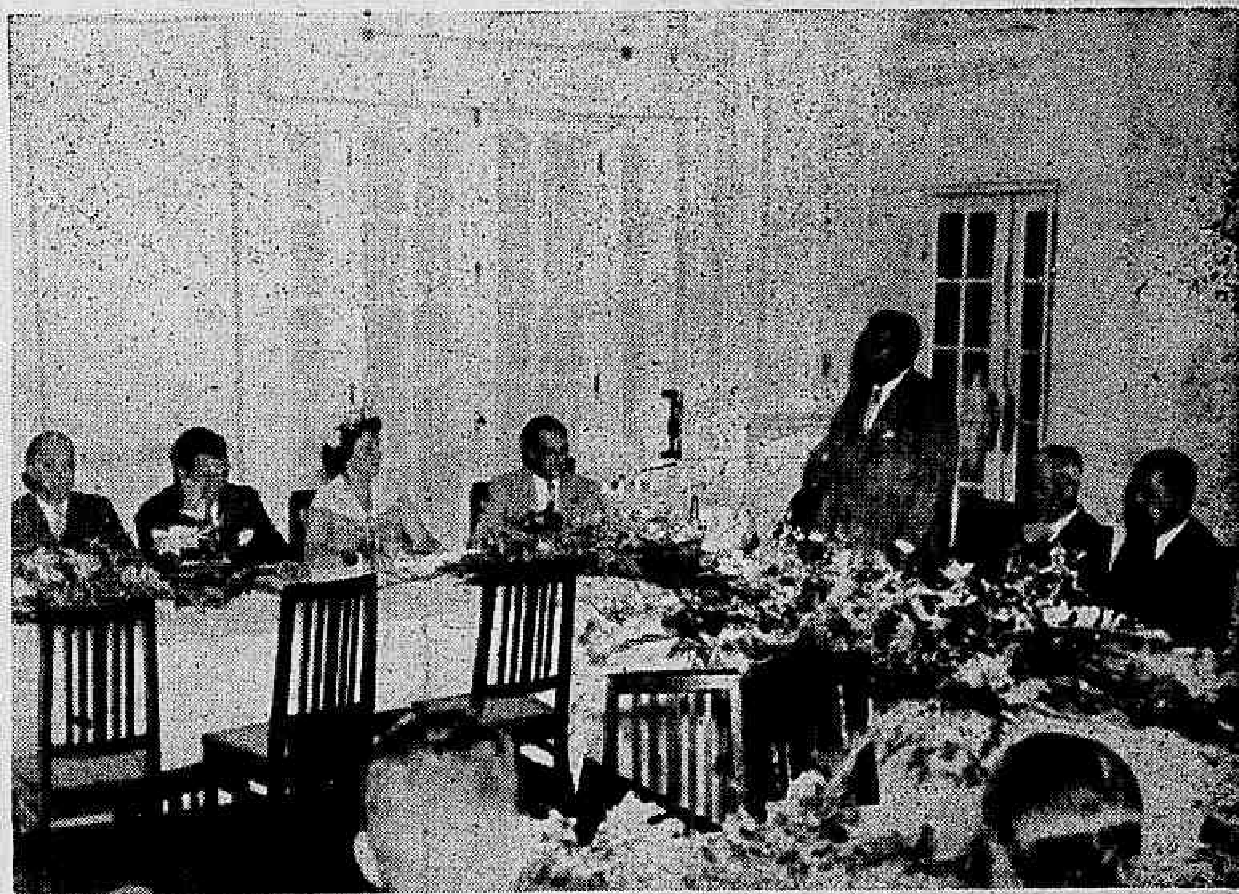
E os dois se abraçaram voltando um para o outro. Viver com amor, é verdade, mas com o verdadeiro amor. — *Fim* —



Flagrante do almôço, vendo-se os srs. Herbert Moses, presidente da A.B.I., João Borges Filho, Rubens Antunes Maciel e Manuel de Araújo Freitas, presidente e diretores do Jockey Club

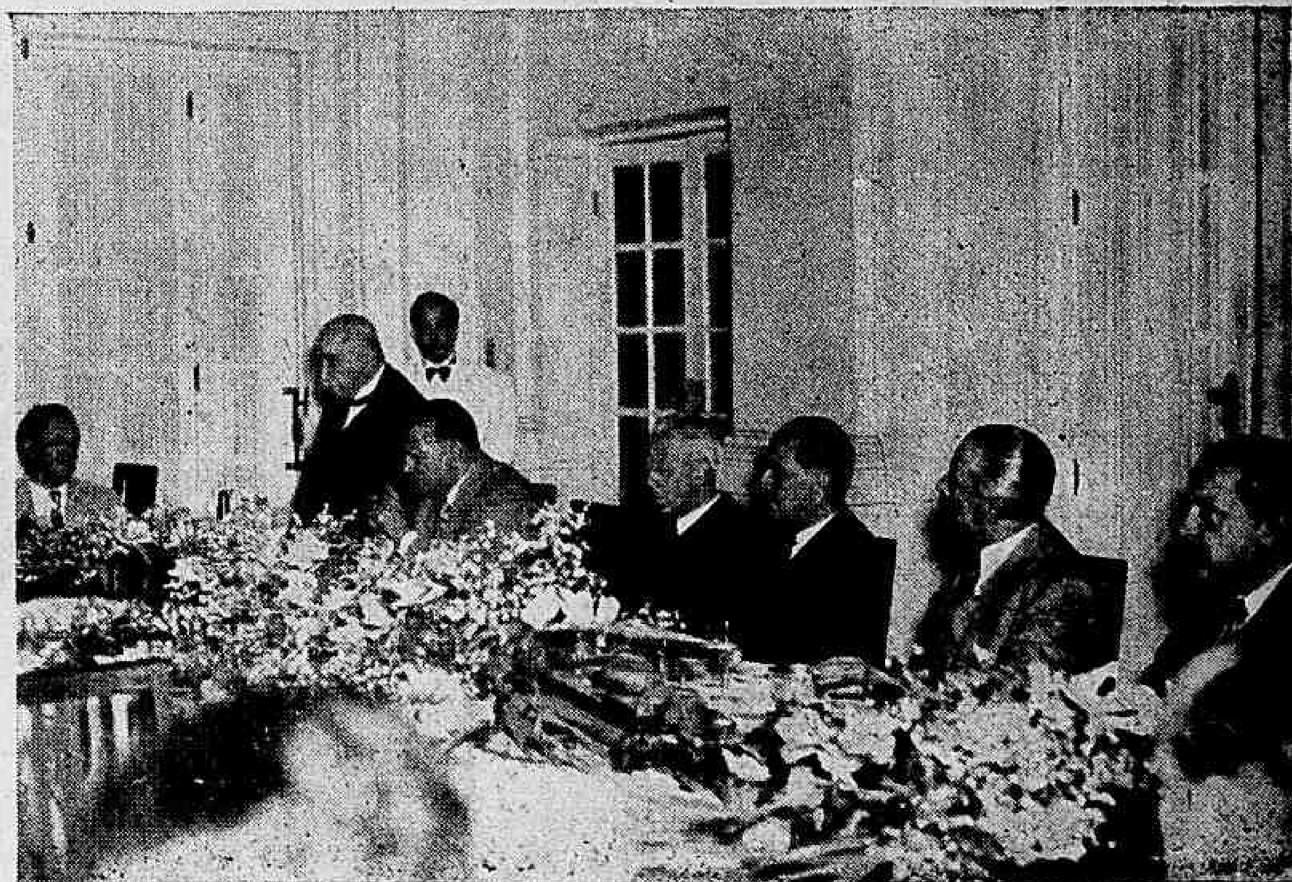
O JOCKEY CLUB BRASILEIRO AOS CRONISTAS DE TURF

CONFORME vem acontecendo anualmente, a diretoria do Jockey Club Brasileiro acaba de oferecer aos cronistas de turfe o tradicional almôço de confraternização. Reunindo em tôrno de si a totalidade dos profissionais da imprensa, que labutam naquele setor especializado, a diretoria da nossa grande sociedade carreirista mais uma vez demonstrou o seu apreço pelos que, dia a dia, trabalham sem desfalecimentos pelo constante progresso do turf entre nós. Ao ser distribuido o "champagne", o Sr. João Borges Filho, dirigindo-se aos jornalistas em têrmos de apreço, assinalou o que êle e seus companheiros de administração têm feito em favor do turfe e o que pretendem fazer. Com relação ao apôio dos obreiros do jornal, dispensado à sua tarefa, sente-se confortado e de público o confessa, certo da continuação de seus acertados conselhos. O Sr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, discorreu sôbre o papel dos manejadores da pena em seu trabalho em favor do engrandecimento do hipismo. O Dr. Peixoto de Castro, fazendo-se ouvir por insistência do auditório, teve palavras de alto conceito, mostrando a significação daquela festa e salientando o seu justo valor. Pelos homenageados falou o veterano jornalista Brício Filho, décano dos cronistas de turfe, fazendo-se ainda ouvir o Sr. Manfredo Liberal.



Outro aspecto do almôço, colhido no momento em que falava o Sr. Peixoto de Castro





Oferecendo a homenagem, fala o Sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club. Fêz o agradecimento o jornalista Brício Filho, conforme nos mostra a gravura à direita

RECORTE
e jogue fora!..

UMA LUZ
NA ESTRADA

LUZ FRACA
FRAQUISSIMA



A pequenina
que só
consegue
falar com
a boca

Visinha
na
Janela

DURA
DURA

OLHO DE
PEIXE
MORTO

Ah, o que
diriam todas
as
mãezinhas
do mundo?

O MOCINHO
COME UM SWETER
DE LÃ

E'
TA' DIFICIL
DE SE ENCONTRAR
UMA LUZ
NA ESTRADA
DO CINEMA
NACIONAL...

Nicodemus

QUEREMOS A CABEÇA DO JUIZ



Vejam os leitores o que acaba de se passar na Argentina, a respeito de um jôgo de futebol. Aqui vai reproduzido, na íntegra, o telegrama divulgado pela nossa imprensa:

Santa-Fé, 7 (U.P.) — Dezenas de espectadores de uma partida de futebol da segunda divisão, entre a equipe local Union e o Quilmes, considerando incorreta a atuação do árbitro Juan Aguirre, invadiram o campo e agrediram o juiz, causando-lhe contusões tais que lhe foi impossível regressar a Buenos Aires, onde reside.

Os espectadores, em número superior a dez mil, negaram-se a deixar o campo, pedindo, aos gritos, a cabeça do juiz, embora a polícia procurasse desalojá-los com mangueiras dágua e gases lacrimogênios. Os jogadores do Quilmes, que venciam de 3x2, abandonaram o campo, ao verificar-se a violenta reação do público. Há vários feridos, inclusive policiais, que foram internados no hospital local, sendo que um espectador com fratura do crânio e um polícia com fratura da perna esquerda.

Pelo que vemos, as convulsões em campos de futebol não constituem uma especialidade nossa. Em todos os países dêste mundo onde a principal diversão pública é o "association", raramente terminam as partidas entre abraços e regozijos.

De ordinário, o que se vê é uma guerra entre torcedores e os próprios jogadores dos clubes em luta esportiva, entrando na batalha a própria polícia que tem lá suas simpatias. Mas, em verdade, quem mais corre perigo é o juiz. Um contra milhares. Na Argentina já melhorou muito: pedem a cabeça do juiz, para, com ela, fazerem um goal exemplar...

CARINHO DE MAIS



Esta nos vem de Pôrto Orchard, nos EE. UU.

A senhora Margaret Susan Piatt, de 31 anos, está prêsa sob a acusação de ter procurado assassinar seu marido Wildorf, de 34 anos, porque êste, nem por uma noite, interrompia seus arroubos amorosos.

A senhora Piatt confessou o "complot" depois que seus dois cúmplices foram presos sob a acusação de fraude, denunciados, aliás, pela própria Margaret que lhes pagou mil e quinhentos dólares para massacrarem o esposo e agora os acusa de terem fugido ao compromisso.

Os dois asseguram que jamais tiveram a intenção de praticar o crime. O Sr. Piatt, apesar de tudo, proclamou seu amor imorredouro à espôsa e contratou um advogado para defendê-la, enquanto procura arranjar 750 dólares de fiança para que ela possa defender-se em liberdade. Mas Margaret não quer voltar, de jeito nenhum, para a companhia do marido, depois de uma noite passada no xadrez, asseverando que se sente muito bem na prisão, onde, diz ela, passou a noite mais descançada dêstes últimos quinze anos. Falando ao delegado, a pobre esposa declarou sem rebuços: "Tôda noite, dêsde que nos casamos, quinze anos atrás, êsse homem não me largava. E eu já não aguentava mais". Adiantou ainda que sua vida conjugal decorreu num mar de rosas, até alguns anos passados, quando a felicidade começou a evaporar-se e o esposo recusava concordar com o divórcio.

Mas o esposo não compreende essa atitude da mulher e acha que, quem se casa, tem que viver de amor...

COISAS INCRIVEIS



Já comentamos aqui o episódio daquele Secretário de Estado do Rio Grande do Sul que não tem automóvel, não quer ter e tem raiva de quem os tem...

Agora surge em nossa imprensa um fato bastante curioso e pouco comum nestes tempos de avanços...

O Sr. Anibal Machado, Prefeito de S. Gabriel, vetou a lei que aumenta os vencimentos do funcionalismo municipal. Dêsse ato surgiu um impasse, pelo que os vereadores resolveram promover a cassação do mandato do Prefeito. Além disso, segundo afirmam, os vereadores estão dispostos a solicitar a intervenção, caso o Prefeito não renuncie juntamente com os representantes do povo, isto é, os vereadores.

O caso encerra, verdadeiramente, uma prova de grande coragem moral do Prefeito. Num momento em que todos os administradores procuram angariar as simpatias dos funcionários públicos, pois que êstes são em grande número e são votos que podem dar a vitória a quem os merecer. êsse gesto do Sr. Aníbal Machado é, evidentemente,, extraordinário.

Com um veto dêsses, o Prefeito pode incorrer em antipatias e tornar-se impopular e isso é perigoso em situações como esta em queestamos. Êle deve ter suas razões de natureza patriótica. Os orçamentos andam estourados por êsse mundão de Deus e o Prefeito de S. Gabriel deve sentir as pedrinhas no sapato.

Naturalmente que, havendo sobras e prosperidades financeiras, o funcionalismo merecia melhor salário; mas... que fazer com os "deficits"? E por tudo isso o homem é ameaçado de punição!

A JUSTIÇA PAROU



Há uma página de Ruy que constitui uma das mais belas peças de erudição em tôda a história de nossa língua, resultante de um fato mais ou menos parecido com êste, que acaba de se verificar nas imediações da sede da jùstiça criminal do Rio.

Defendia Ruy uma ordem de habeas-corpus em favor de políticos do sul, quando o tribunal é perturbado com músicas de maxixes e vozes de alcoices vindas de uma habitação situada à frente do mesmo tribunal.

Ruy produziu então aquela maravilhosa condenação ao vicio e à devassidão que tomou o nome de Porneia e que anda em várias coletâneas antológicas do grande mestre do Direito e da Justiça.

Agora, da mesma forma, o velho casarão onde funciona a justiça criminal, se viu invadido por uma barulheira infernal, forçando o juiz a abandonar o seu pôsto e suspender a sessão até que o silêncio voltasse novamente à rua Clapp.

Aqui vai a notícia publicada pelos jornais da tarde de 7 dêste mês:

O velho edifício em que funciona a justiça criminal, al'm de acanhado e inadequado, está agora inflingindo aos magistrados, outro sacrifício. Isso porque, até agora, apesar de ter recebido 3 ofícios do juiz Mariz e Barros, Diretor do Pretório, o Sr. Edgard Estrêla não providenciou para ser afixada na rua Clapp um placa de Silêncio. Ontem (seis de novembro) era tão ensurdecedora a algazarra que o magistrado foi obrigado a interromper os trabalhos da justiça até que o trânsito naquela via pública ficasse descongestionado. Os choferes abusaram de suas businas e foi aquela zoadeira infernal.

Mais um ofício foi remetido ao Serviço de Tráfego. Vamos ver se agora surgem providências.

Aconteceu

O SUSTO DO CAPITALISTA



Como nos filmes de "gangsters" e historietas de desenhos em quadrinhos, verificou-se na capital do Ceará um fato deveras impressionante.

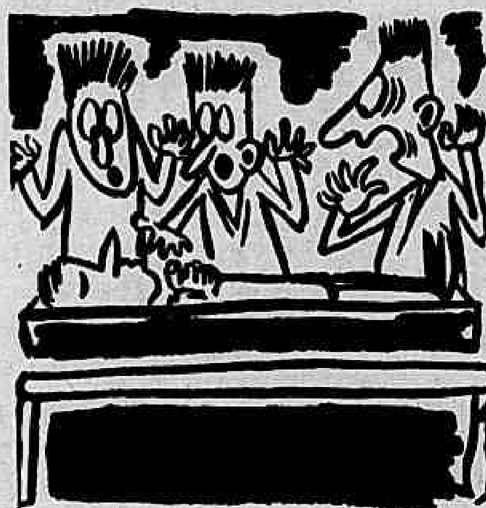
Um comerciante de destaque de Fortaleza recebeu uma carta anônima na qual uma quadrilha lhe exigia a entrega imediata de dez mil cruzeiros, "se achasse a sua vida preciosa".

A importância deveria ser entregue às 22 horas de sábado, 5 do corrente, em determinada esquina do bairro de Aldeota. Um membro da quadrilha se identificaria passando um lenço branco no rosto. Ao mesmo seria entregue o dinheiro. A carta ameaçadora advertia o comerciante que, se êle chamasse a polícia ou fizesse qualquer movimento falso, os demais membros da "gang" estariam ali pelas imediações acompanhando a manobra e fariam fogo.

Apavorado, o comerciante deu parte à polícia. Ao que parecia, tratava-se de um grupo de malfeitores instruídos na melhor e mais perfeita escola de crimes do mundo.

À hora aprazada, o comerciante compareceu ao local; mas, dezenas de policiais disfarçados de investigadores, esconderam-se nas proximidades. Justamente às 22 horas, dois jovens, dirigindo um "jeep" chegaram ao sítio do encontro. Um deles desceu e fêz o sinal convencionado com o lenço. O comerciante se aproximou e o bandido lhe perguntou se trazia o dinheiro. Mas, nesse instante, a polícia caiu sôbre os "gangsters" e os prendeu. Na delegacia tudo se esclareceu. Tratava-se de dois rapazes de família da alta roda, sendo um deles filho de um compadre do comerciante. Um agente da polícia pensou se tratava de alguma pilhéria de estudantes, mas os rapazes disseram: "Pilhéria nada! Estávamos precisando dêsse dinheiro para passear no México"...

UM TRUQUE DO DEFUNTO



De tôdas as anedotas de defuntos, esta é a melhor.

As pessoas que compareceram aos funerais de Oscar Withenack, redator-chefe de um jornal de Denver, na Inglaterra, encontraram o esquife com o defunto dentro, porém não viram, nem o padre para encomendar o corpo, nem o costumeiro côro para entoar os cânticos religiosos.

Estavam todos assim admirados, entreolhando-se algo surpreendidos, quando ouviram, aterrados, uma voz, a voz do morto, que lhes dizia:

"Este entêrro é o meu. E têm de fazer o que eu mandar. O clero é uma corja. Não quero padres, nem cânticos religiosos. Estes funerais hão de ser perfeitamente racionais".

Ligeiro silêncio. Os circunstantes estavam perplexos. O defunto havia falado! Iam tratar de dar o fora, alarmados, quando a voz prosseguiu, com aquêle acento grave e pausado tão bem conhecido ao tempo em que Oscar era vivo:

"Sou ateu há muitos anos e continuo sendo depois de morto".

Não satisfeito com isso, a voz do morto continuou a atacar a religião, a Bíblia, a crença em Deus.

Após outra pausa, concluiu:

"Isto é tudo o que tenho a dizer".

Os mais medrosos, de cabelo arrepiado, parecia que estavam diante ao espectro do jornalista de Denver. Houve até quem jurasse estar vendo o "ghost", o fantasma, a flutuar no espaço, dizendo aquelas coisas horríveis e heréticas. Mas um mais corajoso descobriu o mistério: tratava-se de um disco gravado vários meses antes...

E CESAR LATTES?

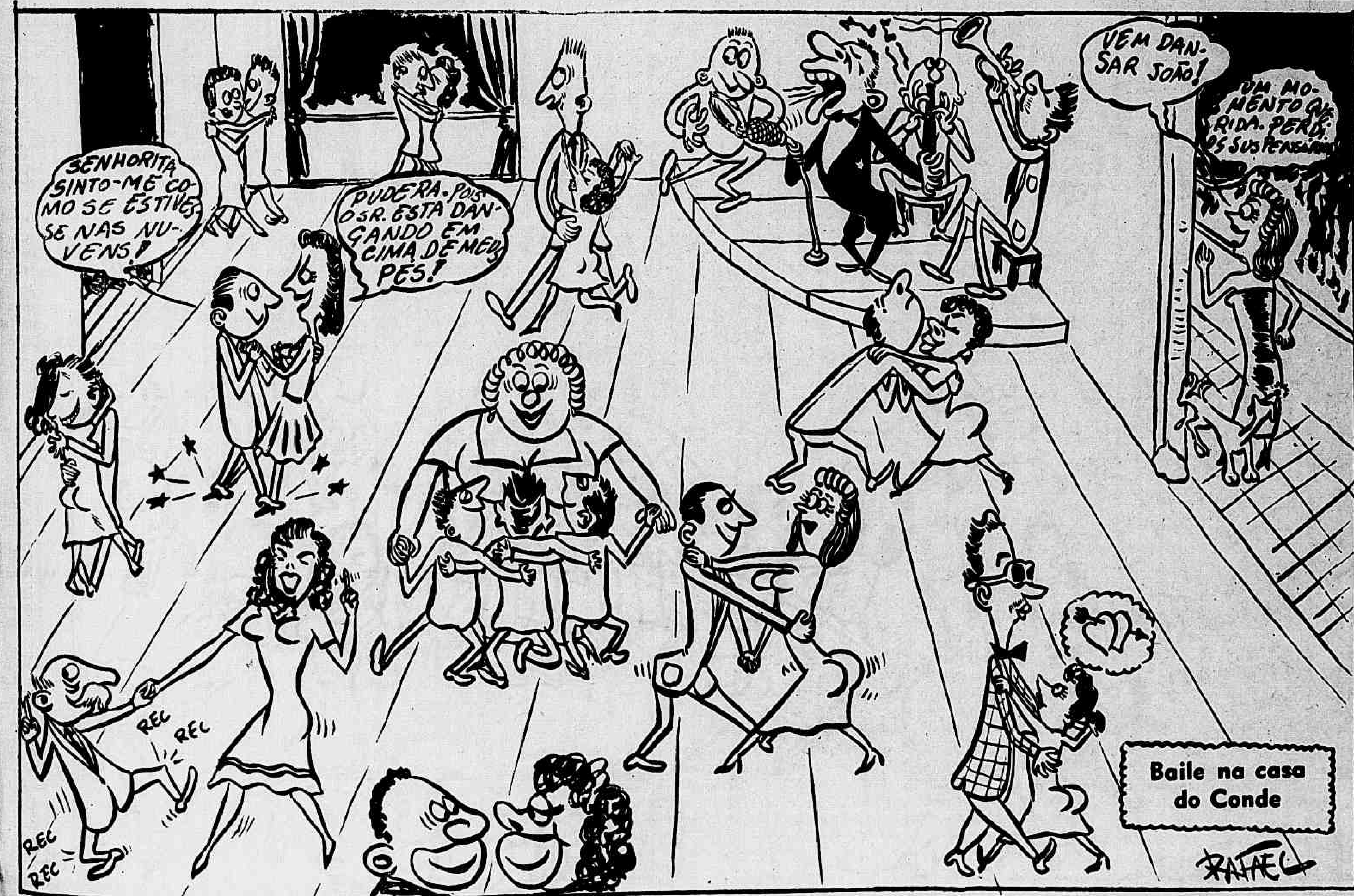
TODOS os anos o mundo inteiro se volta para Estocolmo, capital da Suécia a fim de esperar os vencedores do famoso Prêmio Nobel e que se divide em vários setores do saber humano.

Alfredo Nobel, o seu instituidor, foi o inventor da dinamite. Mas, vendo que o homem lançava mão de seu invento para fins guerreiros, para a destruição das obras de arte, para matar, Nobel quis que sua fortuna imensa e inesgotável advinda da dinamite, também viesse em favor da paz.

Daí a instituição do prêmio que recebeu o seu nome. Desde 1901, sábios, diplomatas e literatos vêm sendo beneficiados por milhões de dólares através dêsses prêmios, a mais bela consagração de um nome a serviço da humanidade.

Dentre os nossos homens públicos, já houve alguns que foram lembrados para fazer jus a um dêsses prêmios, o da Paz. Entretanto, não foram bem acolhidos os seus nomes e a distinção e as "coroas" suecas foram cair noutras bolsas e em outros países.

O Brasil, não sendo considerado um país de pesquisas e invenções no campo das ciências médicas, físicas, químicas, fisiológicas, etc., apesar de possuirmos um Instituto de Manguinhos, naturalmente não estará em condições de competir com outras nações mais adiantadas e bem aparelhadas para tais conquistas científicas. Quanto à literatura, também nos colocamos em situação pouco favorável, em virtude do idioma em que escrevemos. Resta-nos a política, e esta também pouca chance nos dá. Tudo ia assim, quando o patrício Cesar Lattes conseguiu a produção artificial do "meson", nova partícula nuclear. O nome de Cesar Lattes correu o mundo, mas quem abiscoitou o Prêmio Nobel de Física de 1949 foi o japonês Hideki Yokava, por seu trabalho teórico acêrca daquele "meson" que o brasileiro descobriu...



Baile na casa do Conde

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

A grande aventura do "Trieste-Italia" (Sabino Canalini) .. 4/ 9
Uma nova geração de talentos (Vinicius Lima) 15/17
Gente de rádio na Política (A. Migueis) 19/21
Capoeiragem, número de turismo 24/25
Atire a primeira pedra (M. Mercedes Santos) 28/32
Gênio ou mistificação? (Levi Kleiman) 34/37

ATUALIDADES

Os preciosos templos de Cachoeira (Ant. Loureiro de Souza) 26/27

LITERATURA

Amargas são as distâncias (Teresa de Almeida) 3
A Flor de Cacto (Maria Adelaide Miranda) 22
O violinista do outeiro da Glória (O. Gomes de Castro) ... 38
Viver sem amor (Margaret G. Nichols) 54

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — Personagem da Semana 10
Puxe pelo cérebro 51
Tudo isto aconteceu 56/57

HUMORISMO

Baralhadas (Theo) 18
Nú artístico (Nicodemus) 23
Bom Humor 33
"Charge" de Rafael 57

FEMININAS

Saber andar (O. B.) 39
Fim de ano 40
Para a tarde 41
"Tailleurs" de verão 42
Chapéus de verão 43
As luvas 44
Week-end na cozinha 45
A saúde do bebê (Dr. Sabola Ribeiro) 48

TEATRO

A garconniére de meu marido .. 11/14

Fotos: Arnaldo Vieira

NA CAPA

Bette Davis (Warner)

RESPOSTAS DA PÁGINA 51

1 — No de Olinda, Pernambuco
2 — 9 de março de 1500
3 — De um pontapé do próprio Nero
4 — Urbano II
5 — Rosaura Montalbani
6 — O Gaurisancar, no Himalaia
7 — Loja América, em S. Paulo
8 — Higrômetro
9 — Quatro asas membranosas
10 — As bordas dos lagos
11 — 360
12 — 1917
13 — O imperador Constantino, ano 324
14 — Mahomet
15 — Do italiano, mal-aria (má cara)
16 — Knesset
17 — Escanteio
18 — Atração do sol e da lua
19 — A imperatriz Dona Leopoldina
20 — Oitenta e oito.

CENAS DE PARIS

Próximo à Catedral de Notre Dame há um "cabaret" onde constantemente são relembradas as velhas qualidades da canção francesa. E a propaganda dêsse "cabaret" obedece às mesmas normas de quando o "vaudeville" predominava, com tôdas as características que o tempo se incumbiu de modificar, embora sem perder as nuances fundamentais e tipicamente parisienses. A "maison historique de la vieille chanson de France" é ainda hoje o ponto obrigatório de "rendez-vous" dos turistas, dos itinerantes, dos que vão a Paris conhecer de perto suas lendas e tradições. Nem o existencialismo de mr. Sartre conseguiu empanar êsses aspectos, que são fielmente conservados até porque sem êles Paris seria uma decepção para o viajante, ávido de sensações. O Pigalle, o Folies Bergére, a estátua dourada de Jeane D'Arc, o Louvre, a Sourbone, para citar apenas os que primeiro nos acodem à memória, são visitas obrigatórias infalíveis, como também a subida à Tôrre Eiffel, ao Arco do Triunfo, a ceia em Montmartre num dos minúsculos restaurantes das vizinhanças dos teatros, em que se bebe "champagne" em copos, como bebemos chopp aqui no Rio, e um passeio pelas margens do Sena. Êsses e outros, muitos outros flagrantes parisienses, serão motivo de uma das nossas reportagens destinada ao próximo número. Mas o tema predominante será o Quartier Latin, com o seu ar boêmio que nem as guerras conseguem desfazer, e os estudantes versão modernizada de Rodolfos, evocando Musset e os cafés de imperecível lembrança.



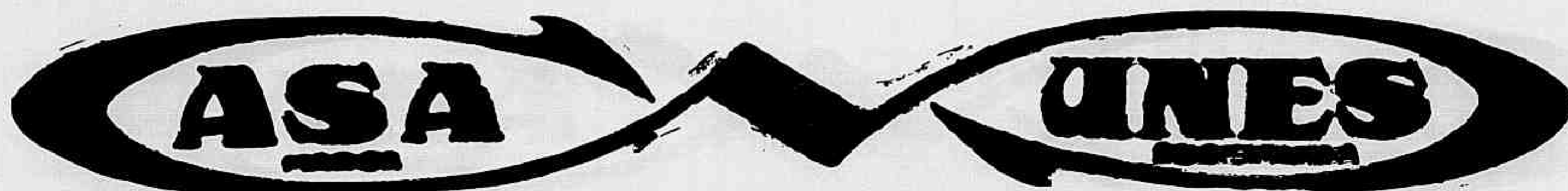
MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

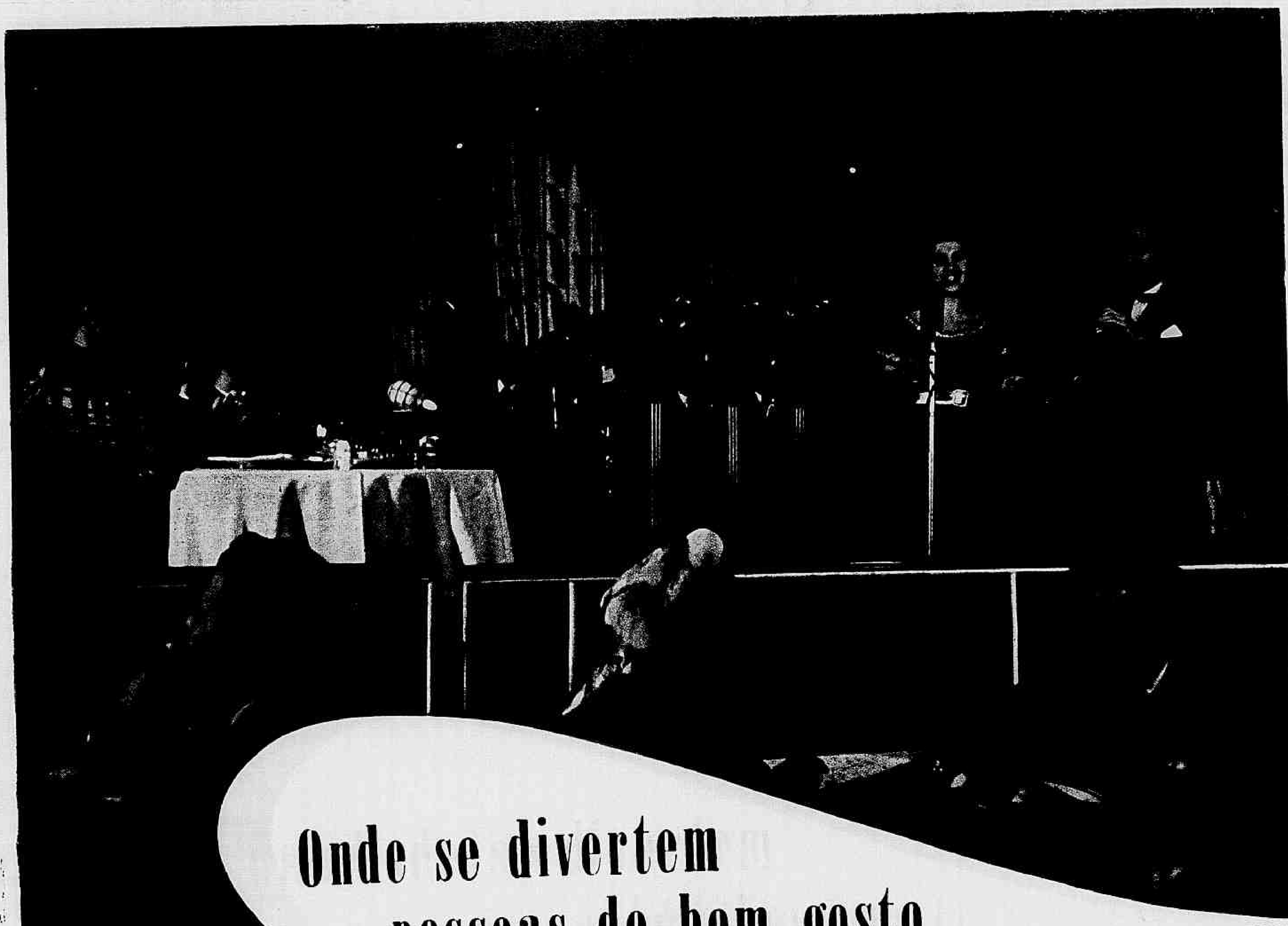
QUALIDADE, BELEZA E PREÇOS INCOMPARÁVEIS

Tapetes de pelúcia, Tapetes e passadeiras com **flôres** — novos desenhos — recebidos da **Inglaterra**



Grande sortimento de
TAPETES e **PASSADEIRAS**
franceses, inglêses, tchecos,
persas (legítimos), portu-
guêses e nacionais
— diretamente das fábricas



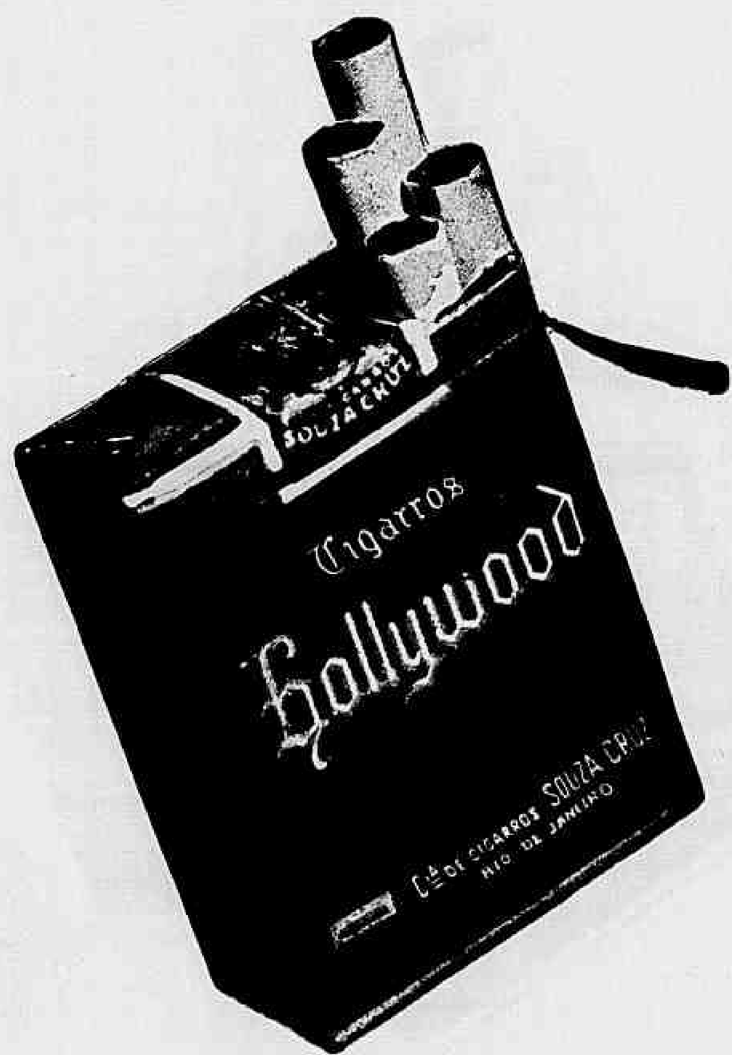


Onde se divertem pessoas de bom gosto...

A boite do Hotel Excelsior animada pela magnifica orquestra de Zacharias, é um dos mais elegantes centros de reunião da sociedade paulista.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Chegou a hora do *show*... mas, para apreciá-lo melhor, acenda um Hollywood — o cigarro que dá mais realce às horas de lazer e faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial... resultado dos fumos escolhidos e combinados com acerto, Hollywood é, de há muito, o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**